

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROINT/DRI

EQUIPE PROINT

RELATÓRIO DE MAPEAMENTO DO PROCESSO
DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFU 2007-2019

Uberlândia
2020

EQUIPE PROINT

RELATÓRIO DE MAPEAMENTO DO PROCESSO
DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFU 2007-2019

Relatório elaborado pelos coordenadores e membros do Programa de Formação para a Internacionalização (ProInt) da Diretoria de Relações Internacionais (DRI) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Uberlândia
2020

LISTA DE AUTORES

Valeska Virgínia Soares SOUZA
Maíra Sueco Maegava CÓRDULA
Verônica Angélica Freitas de PAULA
Waldenor Barros MORAES FILHO
Bianca Larissa Silva BOAVENTURA
Carlos Victor Silva NICACIO
Francisco Javier Fernández DOMINGUEZ
Gabriela Cardoso Bonatto de SOUSA
Guilherme Vinícius Pereira RIBEIRO
Júlia GOMES
Kallan SIPPLE
Lucas Gabriel Ferreira de SOUZA
Luna RADIN
Mariana Cardoso GOMES
Pedro Borges ALCÂNTARA
Tiago Amadeu Borges DINIZ

AGRADECIMENTOS

AGRADECEMOS A TODAS AS ENTREVISTADAS E A TODOS OS ENTREVISTADOS POR COMPARTILHAR SEU TEMPO CONOSCO PARA QUE PUDÉSSEMOS ATRIBUIR UM OLHAR MAIS QUALITATIVO AO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA UFU

- ❖ ARMINDO QUILLICI NETO, PRÓ-REITOR DE GRADUAÇÃO DA UFU: GESTÃO 2017-2021
- ❖ CARLOS HENRIQUE DE CARVALHO, PRÓ-REITOR DA PROPP: GESTÃO 2017-2021
- ❖ ÉRIKA GONÇALVES BORGES, SECRETÁRIA EXECUTIVA DA DRI
- ❖ ERNESTO SÉRGIO BERTOLDO, VICE-PRESIDENTE DO CPL: GESTÃO 2017-2021
- ❖ LÚMIA MASSA GARCIA PIRES, ASSISTENTE EM ADMINISTRAÇÃO DA DRI
- ❖ NILSON NICOLAU JÚNIOR, VICE-PRESIDENTE DO CPM: GESTÃO 2017-2021
- ❖ RUBENS GEDRAITE, VICE-PRESIDENTE DO CAC: GESTÃO 2017-2021
- ❖ VALDER STEFFEN JÚNIOR, REITOR DA UFU: GESTÃO 2017-2021
- ❖ VALESKA VIRGÍNIA SOUZA SOARES, COORDENADORA DO PROINT: GESTÃO 2018-2021
- ❖ VERA LÚCIA DONIZETI DE SOUSA FRANCO, COORDENADORA DO BRAFITEC: GESTÃO 2017-2021
- ❖ VERÔNICA ANGÉLICA FREITAS DE PAULA, VICE-PRESIDENTE DO CPI: GESTÃO 2017-2021
- ❖ WALDENOR BARROS MORAES FILHO, DIRETOR DA DRI: GESTÃO 2017-2021

RESUMO

Este relatório foi redigido a partir de pesquisa que objetivou mapear e analisar as ações de cunho acadêmico e de gestão no processo de internacionalização da Universidade Federal de Uberlândia, em continuidade ao trabalho apresentado na dissertação intitulada “O processo de internacionalização das instituições de ensino superior: um estudo de caso na Universidade Federal de Uberlândia”. Dentre os procedimentos metodológicos, apresentamos o histórico do estudo para embasamento da pesquisa, os instrumentos e procedimentos da coleta de dados quantitativos, os instrumentos e procedimentos de coleta de dados qualitativos e os procedimentos de análise. O desenvolvimento engloba o mapeamento do contexto quantitativo de internacionalização da UFU, a identificação das estratégias de internacionalização da universidade, situando essas estratégias de internacionalização em um escopo mais amplo de ações e refletindo retrospectivamente e prospectivamente sobre as ações e estratégias adotadas.

Palavras-chave: processo de internacionalização; mapeamento; UFU

ABSTRACT

This report was written based on a research that aimed to map and analyze the academic and management activities in the internationalization process of the Federal University of Uberlândia, in continuity with the research presented in the thesis entitled "The internationalization process of higher education institutions: a case study at the Federal University of Uberlândia". Among the methodological procedures, we present the background of the study to support the research, the instruments and procedures of quantitative data collection, the instruments and procedures of qualitative data collection and the procedures of analysis. The development includes the mapping of the quantitative context of internationalization of the university, the identification of the strategies of internationalization of the university, placing these strategies of internationalization in a broader scope of actions and reflecting retrospectively and prospectively on the actions and strategies adopted.

Keywords: internationalization process; mapping; UFU

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Esquematização da metodologia para o levantamento de dados aplicada neste trabalho	15
Tabela 1 – Entrevistados(as) e Entrevistadores	16
Figura 2 - Esquematização da metodologia para as entrevistas aplicada neste trabalho	18
Gráfico 1 - Forma de ingresso <i>incoming</i>	23
Gráfico 2 - Tipo de vínculo <i>incoming</i>	24
Gráfico 3 - Programa <i>incoming</i>	26
Gráfico 4 - Principais países de origem <i>incoming</i>	27
Quadro 1 - Países de origem com menos alunos enviados	27
Gráfico 5 - Alunos <i>incoming</i> /Continente	29
Gráfico 6 - Estudantes <i>incoming</i> pela região da América	29
Gráfico 7 - Língua oficial dos países de origem	30
Gráfico 8 - Principais cursos procurados pelos estudantes <i>incoming</i>	31
Quadro 2 - Cursos menos procurados pelos estudantes <i>incoming</i>	31
Gráfico 9 - Cidade do curso escolhido	33
Gráfico 10 - Ano de início da mobilidade vs. Ano de fim da mobilidade <i>incoming</i>	34
Quadro 3 - Mobilidades iniciadas até 2019 que findarão em período posterior <i>incoming</i>	34
Gráfico 11 - Bolsa de Estudos <i>incoming</i>	35
Gráfico 12 - Áreas do conhecimento dos cursos <i>incoming</i>	36
Gráfico 13 - Quantidade de acordos firmados pela UFU por ano	36
Quadro 4 - Acordos por país	36
Gráfico 14 - Programa de mobilidade <i>outgoing</i>	40
Gráfico 15 - País de destino	41
Gráfico 16 - Estudantes <i>outgoing</i> / Continente	41
Gráfico 17 - Estudantes <i>outgoing</i> / Região da América	42
Gráfico 18 - Línguas oficiais dos países de destino	43
Gráfico 19 - Quantidades de estudantes por curso	44
Gráfico 20 - Ano de Início da mobilidade vs. Ano de fim da mobilidade	45
Gráfico 21 - Bolsas de estudo	45
Gráfico 22 - Áreas do conhecimento <i>outgoing</i>	46

Figura 3 - Status da internacionalização na UFU	103
Imagen 4 - Internacionalização da UFU entre 2007 e 2019 segundo o modelo de Knight (1994)	106

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	METODOLOGIA	14
3.	DADOS QUANTITATIVOS	23
	3.1 Dados Quantitativos da Internacionalização na Universidade Federal de Uberlândia, no período 2007-2019.....	23
	3.1.1 Dados <i>incoming</i>	23
	3.1.1.1 Forma de ingresso.....	23
	3.1.1.2 Tipos de vínculo <i>incoming</i>	24
	3.1.1.3 Nível	24
	3.1.1.4 Programas	24
	3.1.1.5 Países de origem.....	26
	3.1.1.6 Continente	28
	3.1.1.7 Língua oficial dos países de origem	30
	3.1.1.8 Cursos procurados pelos estudantes <i>incoming</i>	30
	3.1.1.8 Cidades dos cursos escolhidos pelos estudantes <i>incoming</i>	33
	3.1.1.9 Ano de início da mobilidade vs. Ano de fim da mobilidade.....	33
	3.1.1.11 Bolsa de Estudos	35
	3.1.1.12 Área de conhecimento	35
	3.1.1.13 Acordos assinados por ano	36
	3.1.1.14 Países com acordo	37
	3.1.2 Estudantes <i>outgoing</i>	38
	3.1.2.1 Programa de parceria	38
	3.1.2.2 Países de destino	40
	3.1.2.3 Continente	41
	3.1.2.4 Estudantes <i>outgoing</i> / Região da América	42
	3.1.2.5 Línguas oficiais dos países de destino	42
	3.1.2.6. Principais cursos escolhidos pelos estudantes <i>outgoing</i>	43
	3.1.2.7 Ano de Início da mobilidade vs. Ano de fim da mobilidade.....	44

3.1.2.9	Bolsa de estudos	45
3.1.2.10	Áreas do conhecimento	46
4.	Entrevistas: Relato Analítico	47
5.	Entrevistas Relato Sintético	85
6.	CONCLUSÃO	98
7.	REFERÊNCIAS	107

1. INTRODUÇÃO

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU) localizada no estado de Minas Gerais, Brasil, conta com mais de 60 anos de experiência em educação, iniciada na década de 50 com o Conservatório Musical e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e mais de 40 anos de federalização, ocorrida em 24 de maio de 1978, por meio da lei 6.532. As ações individuais e pontuais de professores e pesquisadores para se relacionarem com instituições superiores de outros países já aconteciam na época da federalização, mas seu processo de internacionalização é mais recente. De acordo com Batista (2009), em 1995 foi criado o Escritório de Relações Internacionais na UFU pelo então Pró-Reitor de Pós-Graduação, que teve início efetivo de funcionamento em 1997. Apenas em 2005 foi criada a Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais (ASDRI), administrada por docentes da instituição e, hoje, constituindo-se uma diretoria - Diretoria de Relações Internacionais (DRI), vinculada diretamente à Reitoria da UFU.

A missão da UFU é “desenvolver o ensino, a pesquisa e a extensão de forma integrada, realizando a função de produzir e disseminar as ciências, as tecnologias, as inovações, as culturas e as artes, e de formar cidadãos críticos e comprometidos com a ética, a democracia e a transformação social”. O processo de internacionalização colabora com a missão proposta pela UFU na disseminação das ações de ensino, pesquisa e extensão, ao criar laços com instituições de ensino superior em todo o mundo. Ainda, agrega à formação de cidadãos críticos e conscientes das transformações globais que impactam diretamente o contexto local.

A visão da UFU é “ser referência regional, nacional e internacional de universidade pública na promoção do ensino, da pesquisa e da extensão em todos os campi, comprometida com a garantia dos direitos fundamentais e com o desenvolvimento regional integrado, social e ambientalmente sustentável”. Novamente, o processo de internacionalização da UFU gerido pela DRI auxilia na proposta de políticas e de ações para que a visão da UFU se torne factível internacionalmente.

Vivemos um cenário fortemente marcado pela globalização e pela oportunidade de integração de culturas e pessoas no intuito de propiciar um panorama interconectado e permeado pela interlocução entre cidadãos de

diferentes países. Percebemos a possibilidade da aproximação entre povos e da construção, organização, articulação e socialização de saberes em coletividade. Nesse cenário, instaura-se a demanda social, acadêmica e institucional do processo de internacionalização. À universidade, enquanto entidade ativa, cabe responder a essa necessidade.

O Plano Institucional de Desenvolvimento e Expansão (PIDE) da UFU define em suas diretrizes o compromisso com o fortalecimento do processo de internacionalização da UFU em todas as modalidades de ensino, favorecendo sua inserção no rol de universidades reconhecidas mundialmente. Para isso, apresenta como metas a proposição e regulamentação de um Plano Institucional de Internacionalização e o aumento no número de discentes da graduação em situação de mobilidade nacional e internacional.

Definir um processo contínuo e dinâmico como o da ‘internacionalização’ não se constitui em uma tarefa simples, e faz-se necessário estabelecer conceitos e parâmetros comuns de como esse processo é concebido e implementado. É imprescindível considerar que não há como delimitar atividades, atores, participantes, benefícios e resultados específicos e uníssonos do processo de internacionalização, visto que existem variações claras entre instituições e nações. Mesmo diante de tais desafios, no intuito de atingir as metas do PIDE, espaços acadêmicos e administrativos, que favorecem o desenvolvimento de ações de internacionalização, vêm sendo criados na UFU.

A gestão 2017-2021 da DRI estabeleceu uma meta de ampliar esses espaços a partir da descentralização de tomada de decisões, de forma a incluir docentes das diversas áreas do saber que pudessem contribuir com ações pontuais. Foram criados comitês para que esses docentes pudessem se reunir e pensar, colaborativamente, em políticas e ações que pudessem contribuir com o processo de internacionalização da UFU. A seguir apresentamos os comitês e seus objetivos, conforme disponibilizado na página oficial da DRI:

- O Comitê de Acompanhamento do Programa CAPES-BRAFITEC (Brasil/France *Ingénieur Technologie*) - CAB tem o objetivo de acompanhar as ações dos projetos desenvolvidos no âmbito do Programa BRAFITEC na UFU.

- O Comitê de Acompanhamento do Programa de Duplo Diploma com o Grupo INSA - CADDI tem o objetivo de propor ações que resultem na institucionalização do Programa no âmbito da UFU, acompanhar e avaliar as ações dos projetos desenvolvidos no âmbito deste Programa na UFU.
- O Comitê de Acordos de Cooperação (CAC) tem o objetivo de propor, revisar, acompanhar e avaliar ações relacionadas aos acordos de cooperação internacionais no âmbito da DRI.
- O Comitê de Políticas de Internacionalização (CPI) tem como objetivo acompanhar, monitorar e avaliar a implementação da política de internacionalização, bem como mapear e analisar dados de internacionalização da UFU.
- O Comitê de Políticas Linguísticas (CPL) tem como objetivo propor a política de línguas para a instituição, acompanhar, monitorar e avaliar sua implementação.
- O Comitê de Programas de Mobilidade (CPM) tem como objetivo propor, implementar, acompanhar e avaliar programas de mobilidade nacionais e internacionais na UFU.

No intuito de complementar esses espaços de descentralização de forma a incluir o corpo discente, destaca-se o Programa de Formação para Internacionalização (ProInt), concebido em projeto apresentado à Reitoria via processo SEI nº 23117.014488/2018-88 em fevereiro de 2018, aprovado em março de 2018 e colocado em ação em abril de 2018. O grupo de coordenadores, professores colaboradores e graduandos de diferentes cursos da UFU, que formam o ProInt, estão engajados em um conjunto de ações de ensino, pesquisa e extensão com vistas à consolidação do processo de internacionalização da universidade.

É importante compreender que as ações de internacionalização da UFU devem ser investigadas para que ações como a do ProInt possam ser melhor informadas. A partir de pesquisas, poderemos rever metas e nortear novas ações da internacionalização da universidade. Entendemos que uma pesquisa como ação conjunta dos discentes do ProInt, além das pesquisas individuais no programa de iniciação científica voluntária (PIVIC), torna-se relevante.

O objetivo geral da pesquisa foi mapear e analisar as ações de cunho acadêmico e de gestão no processo de internacionalização da UFU. Como objetivos

específicos, nos propusemos a: 1) mapear o contexto quantitativo de internacionalização da UFU na última década; 2) identificar as estratégias de internacionalização da UFU; 3) situar essas estratégias de internacionalização em um escopo mais amplo de ações; e 4) refletir retrospectivamente e prospectivamente sobre as ações e estratégias adotadas.

Embasamo-nos em uma ação de pesquisa similar conduzida por Batista (2009), para sua dissertação intitulada “O processo de internacionalização das instituições de ensino superior: um estudo de caso na Universidade Federal de Uberlândia”. A pesquisa revelou que o processo de internacionalização da UFU até 2008, apesar de ser bastante recente, apresentou deslocamentos e muitas ações realizadas, especialmente com a criação da ASDRI e com um aumento expressivo no número de acordos internacionais assinados e da mobilidade acadêmica, especialmente da graduação.

Como pontos fortes, foram percebidos o comprometimento e a conscientização dos responsáveis pela internacionalização da instituição e foi apontado que estavam em fase de desenvolvimento a análise do contexto, o planejamento e a operacionalização. A análise também sugeriu pontos importantes sobre os desafios a serem enfrentados pela UFU no processo de internacionalização, como a implementação, a revisão, o reforço e o efeito de integração. A pesquisadora sugeriu que a definição de uma política formal explicitando o que é a internacionalização na sua missão e quais seriam as diretrizes para as unidades acadêmicas da UFU poderiam direcionar esforços para que a internacionalização seja um processo autossustentável, contínuo e enraizado na cultura da instituição.

Entendemos que o mapeamento e as reflexões publicadas por Batista (2009) sobre o processo de internacionalização da UFU plantaram uma semente de pesquisa e que encaminhamento para a continuação desse trabalho de pesquisa deve ser uma das atribuições dos grupos interessados no tema. Quais são os dados quantitativos que ilustram o processo de internacionalização da UFU nos últimos anos? Como diferentes *stakeholders* desse processo atualmente - reitor, pró-reitores, diretor, corpo de técnicos da DRI, responsáveis pelos diferentes comitês - percebem o processo de internacionalização da instituição? O que podemos aprender com as informações socializadas por esses *stakeholders*? Que questões

devem ser problematizadas no contexto da internacionalização da UFU até o ano de 2019 - com foco especial para a última década? São essas questões que nortearam o fazer da presente pesquisa.

Esse relatório está organizado, além desta introdução, em outras cinco partes, a saber Metodologia, Dados Quantitativos, Entrevistas: relato analítico, Entrevistas: relato sintético e Conclusão. Na Metodologia, apresentamos os procedimentos metodológicos para a condução de nossas ações de pesquisa: o histórico do estudo para embasamento da pesquisa, os instrumentos e procedimentos da coleta de dados quantitativos, os instrumentos e procedimentos de coleta de dados qualitativos e os procedimentos de análise. As três próximas seções constituem o desenvolvimento, que engloba a apresentação dos dados quantitativos e dos dados qualitativos, tanto os relatos analíticos das entrevistas, como os resumos interpretativos a partir dos relatos apresentados. Por fim, a conclusão traz as problematizações que emergiram no período de análise dos dados quantitativos e qualitativos e é seguida das Referências.

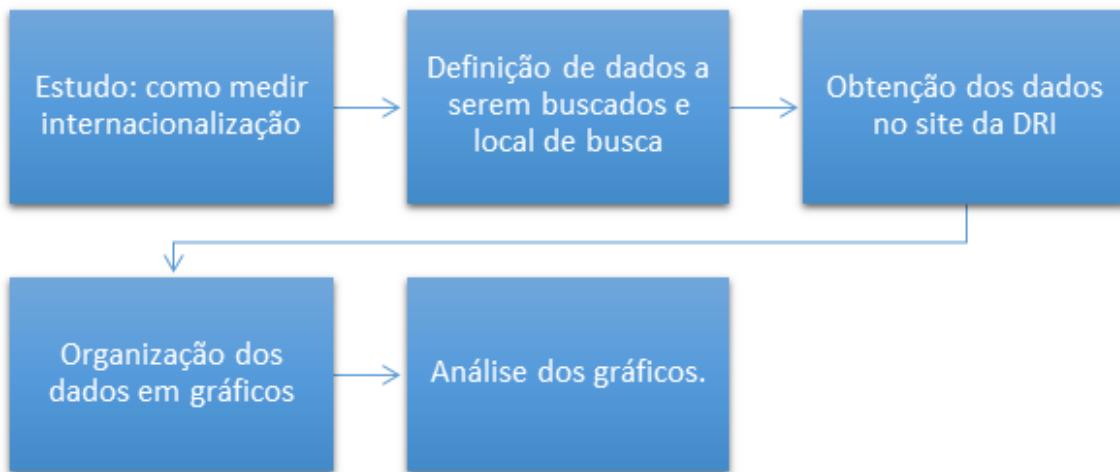
2. METODOLOGIA

Em 2019, a Profa. Dra. Janaína Batista compartilhou a sua dissertação de mestrado sobre a internacionalização em reunião com os alunos do ProInt na DRI/UFU. Sua apresentação inspirou um estudo mais aprofundado e posterior discussão do texto de pesquisa pelos membros do ProInt. Em um primeiro momento deste estudo, levantaram conceitos importantes e interessantes apresentados pela autora do texto para a internacionalização da UFU no contexto atual. Na sequência, realizaram uma dinâmica em grupo, em que partes da dissertação foram debatidas, com posterior apresentação para o grupo todo do que entenderam acerca das diferentes partes: introdução, fundamentação teórica, metodologia, análises e conclusão. Tendo compreendido o percurso da pesquisadora, notaram a pertinência de fazerem um percurso de pesquisa similar, com a ideia de reproduzir algumas partes, atualizando para o contexto de 2019, já que os dados coletados e apresentados no texto de pesquisa eram datados de 2009.

Com isso, os alunos do ProInt se dividiram em 2 equipes, uma responsável pela realização do levantamento de dados da internacionalização na UFU durante o período de 2007 até 2019 e a outra equipe ficou responsável pela realização das entrevistas com os principais setores da UFU.

Os alunos da equipe quantitativa então se re-dividiram para realizar o levantamento de dados, uns ficando responsáveis pelas mobilidades *outgoing* e outros pelas mobilidades *incoming*. Os dados analisados foram retirados de uma planilha disponível para o público no site da DRI-UFU (<http://www.dri.ufu.br/>). A partir deste site foram selecionadas as categorias de dados que seriam interessantes para esse trabalho, sendo elas: curso, país de destino, país de origem, tipo de vínculo, programa, ano de início e de fim da mobilidade, bolsas de estudo, área de conhecimento, etc. Foi decidido, em reuniões do ProInt, que o período de dados a ser estudado seria entre 2007 e 2019. Os dados coletados foram então transformados em gráficos para futura análise.

Figura 1: Esquematização da metodologia para o levantamento de dados aplicada neste trabalho.



Fonte: Os autores (2020)

Já em relação às entrevistas, alguns instrumentos serviram de embasamento. Como o objetivo do presente trabalho era reunir informações detalhadas e de uma forma sistemática do processo de internacionalização da UFU do período de 2007 a 2019, foi escolhida a abordagem de estudo de caso, no aspecto qualitativo. Tal abordagem tem na identificação de características, situações ou eventos (GODOY, 1995, SILVA; MENEZES, 2005). Neste mesmo pensamento, ainda afirmam Baxter e Jack (2008):

Elá permite que o pesquisador responda questões do tipo “como” e “por que”, enquanto leva em consideração como um fenômeno é influenciado pelo contexto que ele está situado [...]. Elá permite, ainda, que o pesquisador apure dados de uma variedade de fontes e confluía estes dados para explicar o caso (BAXTER; JACK, 2008, p. 556[tradução livre]).

Pelo fato de haver múltiplas fontes para que fossem apuradas informações, optou-se por adotar a realização de entrevistas e assim facilitar o processo de triangulação de tais evidências. Para isso, elaborou-se questões que permeiam assuntos referente a processos de internacionalização na Universidade Federal de Uberlândia, tais como formulação de políticas de internacionalização, prioridades,

sobre sua implementação, os motivos para tal implementação, principais ações, benefícios e riscos, obstáculos e resistências.

Primeiramente foram definidos quais os setores da UFU seriam entrevistados(as), sendo eles: Reitoria, DRI (diretoria e assessoria), pró-reitor de graduação, CPL - comitê de políticas linguísticas, coordenadora do PROINT, CPI – comitê de políticas internacionais e CAC – Comitê de Acordos de Cooperação e BRAFITEC, com a intenção de se obter o mapeamento em relação ao entendimento que estes órgãos têm sobre internacionalização e quão comprometidas estão para que esse processo aconteça.

Em seguida ocorreu a formulação de um roteiro para essas entrevistas. Os assuntos que seriam levantados e perguntas que seriam feitas foram discutidas e definidas durante as reuniões do ProInt, estabelecendo as perguntas em comum para todos os setores, além de quais perguntas seriam pertinentes especificamente para cada setor. Foi formulado também um termo de consentimento para ser assinado por todos os entrevistados(as), garantindo que estavam cientes da realização deste trabalho e de que as suas respostas seriam divulgadas no mesmo, além de que a entrevista seria gravada para uso próprio dos entrevistadores.

A tabela a seguir mostra a relação entre os entrevistados(as), seu cargo e seu setor de atuação, além de quais foram os seus entrevistadores.

Tabela 1: Entrevistados(as) e Entrevistadores

Entrevistado	Órgão	Cargo	Entrevistador
Prof. Dr. Carlos Henrique de Carvalho	ProPP- Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação	Pró-reitor	Francisco Javier Fernández
Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho	DRI- Diretoria de Relações Internacionais	Diretor	Francisco Javier Fernández

Me. Lúmia Massa Garcia Pires	DRI- Diretoria de Relações Internacionais	Assistente em Administração	Bianca Larissa Silva Boaventura
Érika Gonçalves Borges	DRI- Diretoria de Relações Internacionais	Secretária Executiva	Bianca Larissa Silva Boaventura
Prof. Dra. Vera Lúcia Donizeti de Sousa Franco	BRAFITEC	Coordenadora	Lucas Gabriel Ferreira de Souza
Prof. Dr. Valder Steffen Júnior	Reitoria	Reitor	Lucas Gabriel Ferreira de Souza
Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo	Comitê de Políticas Linguísticas	Vice- Presidente	Luna Radin
Prof. Dr. Armindo Quillici Neto	Pró-Reitoria de Graduação	Pró-Reitor	Luna Radin
Prof. Dra. Verônica Angélica Freitas de Paula	CPI – Comitê de Políticas de Internacionalização	Vice-Presidente	Gabriela Cardoso Bonatto de Souza
Prof. Dr. Rubens Gedraite	CAC – Comitê de Acordos de Cooperação	Vice-Presidente	Gabriela Cardoso Bonatto de Souza
Prof. Dra. Valeska Virgínia Souza Soares	ProInt	Coordenadora	Pedro Alcântara

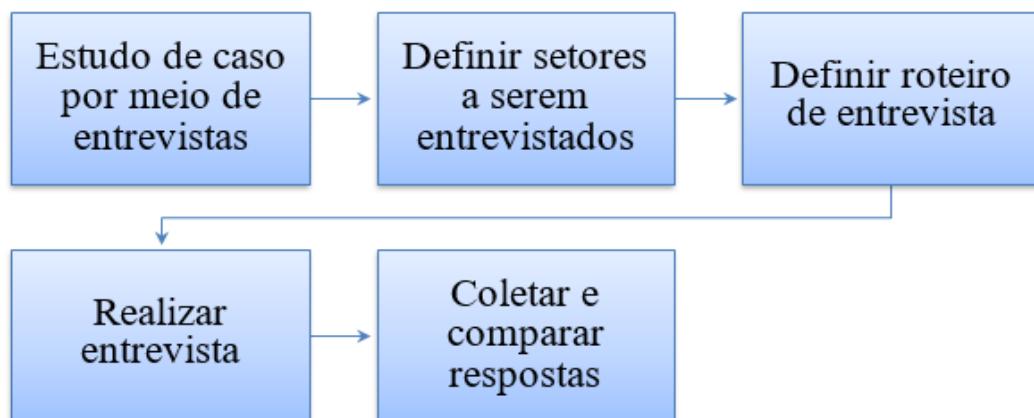
Prof. Dr. Nilson Nicolau Júnior	CPM– Comitê de Programas de Mobilidade	Vice-Presidente	Pedro Alcântara
------------------------------------	--	-----------------	-----------------

Fonte: Os autores (2020)

Após a realização das entrevistas, as respostas obtidas foram comparadas a fim de encontrar semelhanças e também divergências sobre o entendimento da internacionalização nos diferentes setores.

De acordo com Neves (1996), a tarefa de coletar e analisar os dados é extremamente trabalhosa e, tradicionalmente individual, além do fato de que muita energia se faz necessária para tornar os dados sistematicamente comparáveis. E esta foi sem dúvida um desafio e tanto neste trabalho. O maior motivo é que os argumentos nas respostas das perguntas elaboradas foram expressos em forma de texto, com diferentes estilos e intenção no momento da fala do entrevistado podem não ter sido captados pelo entrevistador e isso influenciar diretamente na análise do resultado. Downey e Ireland (1979) defendem que a coleta de dados, seja ela qualitativa ou quantitativa, é problemática. Pensando nestas dificuldades uma triangulação foi feita primeiramente entre as perguntas que são comuns para todos os setores e em seguida foram comparadas as perguntas específicas de cada setor.

Figura 2: Esquematização da metodologia para as entrevistas aplicada neste trabalho.



Fonte: Os autores (2020)

O roteiro inicial, planejado para o momento das entrevistas, foi pensado a partir do estudo realizado por Batista (2009) que iniciou o processo de análise das ações de internacionalização da UFU, como apontado anteriormente. A proposta da pesquisa atual foi de adaptá-lo e a partir de seu íso evidenciar em que aspectos a universidade pode melhorar e impulsionar suas ações de internacionalização.

As questões introdutórias tinham como objetivo entender qual a visão geral da respondente ou do respondente acerca da internacionalização, a partir das seguintes perguntas:

- O que a senhora / o senhor entende por “Internacionalização das Instituições de Ensino Superior?
- Como a senhora / o senhor avalia a questão da Internacionalização das Instituições de Ensino Superior?

Na sequência, foi pedido que cada respondente descrevesse brevemente a instância que representava; por exemplo, no caso dos comitês foi pedido que falassem sobre o comitê e seus objetivos principais. No caso do reitor e dos pró-reitores, foi importante que discorressem sobre essa instância da perspectiva da internacionalização.

Acerca das políticas de internacionalização, foi proposto que cada representante de instância explicasse seu papel nas políticas e como avaliam a internacionalização em termos de prioridade, de implementação e de informação. As seguintes perguntas foram propostas, sendo adaptadas a cada instância.

- Qual tem sido o papel do comitê na formulação de políticas de internacionalização da UFU?
- A internacionalização do ensino superior é uma prioridade na UFU?
- Quais são as prioridades em termos de internacionalização de serviços, ensino, pesquisa e extensão?
- Em sua concepção, existe alguma área de estudos priorizada?
- Essas políticas incluem alguma prioridade geográfica?
- Que tipo de informação são de conhecimento do comitê? Dados de estudantes, acordos, ações tidas em conta ou feitas por outros organismos, etc.

Para entender qual a visão de cada respondente, no intuito de obter uma visão sistêmica e de responsabilidade social da universidade em termos de

internacionalização, as três próximas questões se referiram a dois documentos oficiais da universidade, descritos na introdução, o Plnt e o PIDE. Os entrevistadores imprimiram as metas do PIDE, que são específicas para a internacionalização, como estão dispostas no mapa estratégico, para mostrar aos respondentes. As questões foram adaptadas, dependendo da instância entrevistada.

- Qual tem sido o papel do comitê na implementação da política de internacionalização da UFU?
- Como o comitê avalia as metas de internacionalização previstas no plano institucional de desenvolvimento (PIDE)?
- De que maneira seu comitê tem contribuído para o cumprimento destas metas?

A próxima parte do roteiro da entrevista engloba as razões e as principais ações de internacionalização.

- Quais são as 3 principais razões que têm levado a UFU a se internacionalizar?
- Quais são as 3 principais ações de internacionalização existentes na UFU?
- Qual dessas ações tem sido mais bem-sucedida? Por quê?
- Quais outras ações serão implementadas no futuro?

As últimas questões a serem abordadas referiram-se aos benefícios e riscos da internacionalização, bem como aos obstáculos e resistências para que esse processo seja colocado em prática.

- Na sua opinião, quais são os três principais benefícios da internacionalização da UFU?
- Em sua opinião, quais são os três principais riscos da internacionalização?
- Há alguma resistência ao processo de internacionalização? Se sim, de onde vem essa resistência? (Estudantes, professores e/ou administradores)
- Quais os dois principais obstáculos enfrentados pela UFU no que diz respeito à internacionalização? (Falta de política ou estratégia bem definida, falta de apoio financeiro, dificuldades administrativas, existência de outras prioridades).

Mesmo o entrevistador tendo suas perguntas previamente estipuladas, como pôde ser visto anteriormente, alguns pontos foram abordados que não foram

pensados antecipadamente. Portanto seguiu-se a terceira categoria de entrevista, segundo Sellitz (1974), pois a entrevista semiestruturada ou focalizada é eficiente quando o objetivo é analisar os aspectos de um cenário em particular. Como também coloca Batista (2009):

Entrevista semipadronizada (parcialmente assistemática, semiestruturada ou focalizada): posicionada entre a entrevista padronizada e a não padronizada, essa forma de entrevista pressupõe uma certa quantidade de questões previamente formuladas ou tópicos especiais.. Servem para corroborar o que o investigador pensa a respeito de determinada situação. Tais questões são normalmente colocadas em uma ordem sistemática e consistente, porém o entrevistador pode e em certas situações é até esperado que ele explore mais do que as respostas às questões pré-determinadas (BATISTA, 2009, p. 121).

As perguntas a seguir foram direcionadas exclusivamente à DRI. Por seus entrevistados(as) ocuparem um cargo de muita afinidade com o tema de internacionalização, foram feitas algumas adaptações no momento da entrevista:

- Como a DRI monitora as ações de internacionalização da UFU?
- A UFU é afiliada a alguma organização internacional? Qual?
- Você percebe que existe uma prioridade de área de estudo em relação a mobilidade?
- Como a DRI monitora as ações de internacionalização da UFU?
- Quais são os convênios mais bem-sucedidos?
- Existem escolas que oferecem duplo diploma? Se sim, quais?
- Você percebe que existe uma prioridade de área de estudo em relação a mobilidade?

Algumas questões foram direcionadas especificamente ao reitor e aos pró-reitores:

- Como o senhor avalia o papel do MEC, CAPES, CNPq e outros organismo (estaduais, nacionais e/ou estrangeiros) no processo de internacionalização da UFU?
- Quais instituições (nível nacional e/ou estadual) têm apoiado as ações de internacionalização?
- Quais as ações de internacionalização do programa utilizam/se beneficiam dos programas de apoio existentes?

- As ações de internacionalização do programa ocorrem no âmbito de acordos firmados entre o Brasil e outros países?

No que se refere a apresentação das entrevistas que será abordada no decorrer do presente trabalho, a metodologia utilizada buscou organizar as respostas obtidas em forma de resumo, para que fosse possível observar pontos convergentes e divergentes entre as mesmas, e assim, facilitar a discussão conjunta dos resultados preliminares alcançados até então. As entrevistas foram realizadas no mês de novembro de 2019 e foi feita uma gravação e um resumo das respostas.

3. DADOS QUANTITATIVOS

3.1 Dados Quantitativos da Internacionalização na UFU

Os dados para a confecção dos gráficos a seguir, período 2007-2019, foram obtidos no banco de dados da DRI, tanto para os estudantes *incoming* - estudantes internacionais que vieram estudar na UFU - e *outgoing* - estudantes da UFU que foram para alguma universidade no exterior. É importante ressaltar que os dados correspondem, majoritariamente, aos alunos da Graduação.

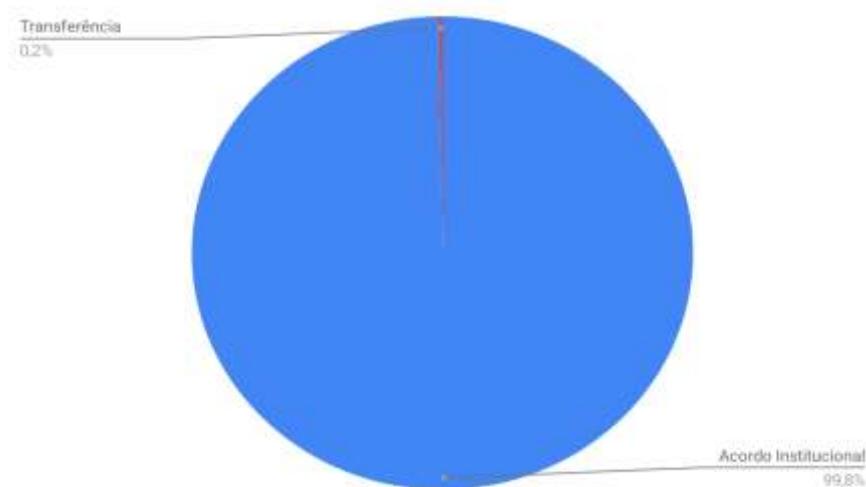
3.1.1 Dados *incoming*

Esta seção se refere aos dados de estudantes que residem em outros países e se deslocam para o Brasil para fins educacionais e acadêmicos.

3.1.1.1 Forma de ingresso

O gráfico 1 mostra a forma que os estudantes internacionais da UFU ingressaram na instituição. A totalidade dos mesmos vieram por acordo institucional, sendo que apenas um estudante veio por meio de transferência.

Gráfico 1: Forma de ingresso *incoming*

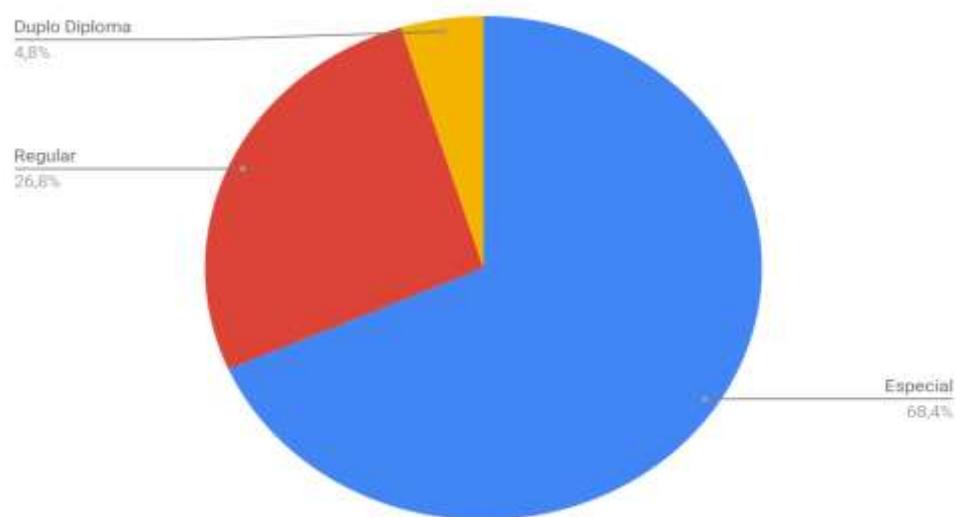


Fonte: Os autores (2020)

3.1.1.2 Tipos de vínculo *incoming*

Quanto ao tipo de vínculo que os estudantes internacionais mantiveram com a UFU no período citado, existem 3 classificações: vínculos especial, regular e duplo diploma. Respectivamente, o vínculo especial refere-se a apenas parte da graduação; o vínculo regular corresponde a graduação completa; e, o duplo diploma acontece quando o diploma de graduação é obtido nas duas universidades que o estudante passou, a nacional e a estrangeira.

Gráfico 2: Tipo de vínculo *incoming*



Fonte: Os autores (2020)

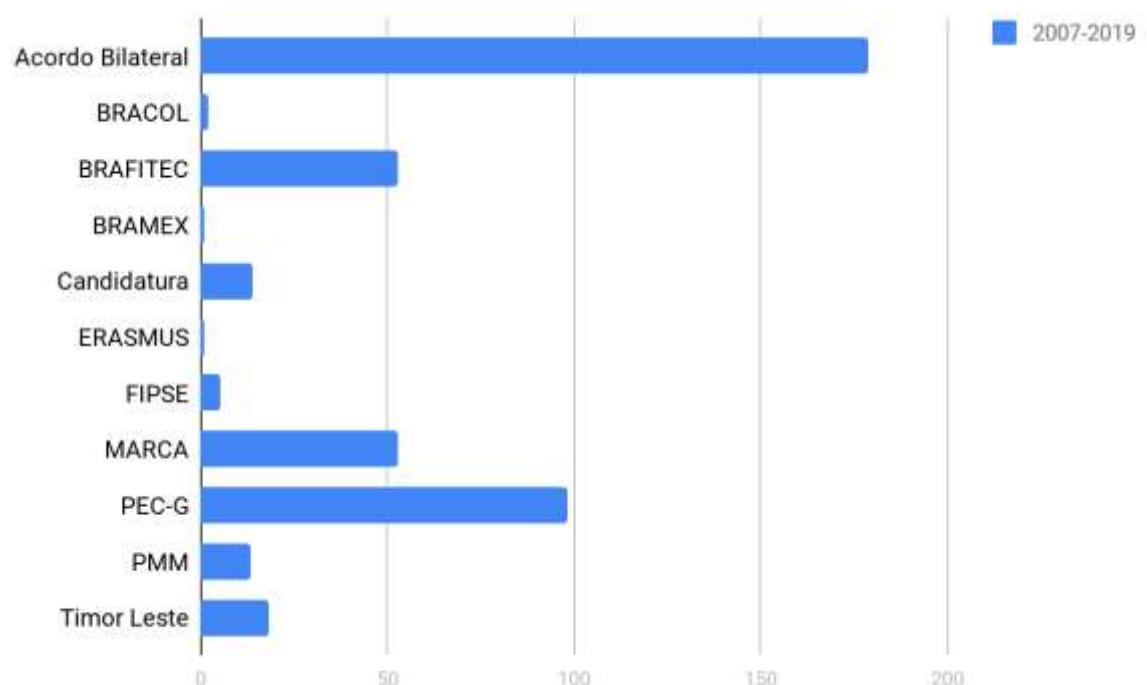
3.1.1.3 Nível

Ao indicar o nível da internacionalização, estamos nos referindo ao nível técnico, à licenciatura, à graduação, à pós-graduação, etc. Dada a metodologia utilizada (coleta a partir de dados da DRI), a totalidade dos casos analisados se refere a estudantes de graduação, uma vez que estes estão dentro da alçada da Diretoria de Relações Internacionais e tem dados mais acessíveis e unificados que os estudantes da pós-graduação, por exemplo.

3.1.1.4 Programas

Os estudantes internacionais que ingressaram na Universidade Federal de Uberlândia o fizeram no âmbito dos seguintes programas:

- Acordo Bilateral: Quando o intercâmbio acontece por meio do vínculo entre as duas universidades, a de origem e a de destino.
- Candidatura Individual: O aluno consegue a vaga na universidade estrangeira sem intermédio da DRI.
- PMM: É voltado para os países integrantes do Mercosul.
- Marca: É voltado para os países integrantes e observadores do Mercosul.
- BRAFITEC: É voltado para estudantes de Engenharia, para cursar até um ano da graduação na França.
- FIPSE: Programa de bolsas dos EUA.
- PEC-G: Programa de intercâmbio oferecido pelo governo do Brasil.
- Timor Leste: Programa de intercâmbio exclusivo da UFU-Timor Leste.
- BRACOL: o Programa BRACOL promove o intercâmbio de estudantes entre as instituições associadas à *Asociación Colombiana de Universidades* (ASCUN), da Colômbia, e as instituições associadas ao Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), do Brasil.
- BRAMEX: promove o intercâmbio de estudantes entre as instituições associadas à Associação Nacional de Universidades e Instituições de Educação Superior da República Mexicana (ANUIES), do México, e as instituições associadas ao Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), do Brasil.
- ERASMUS: um programa de cooperação internacional, criado em 2004 e financiado pela Comissão Europeia.

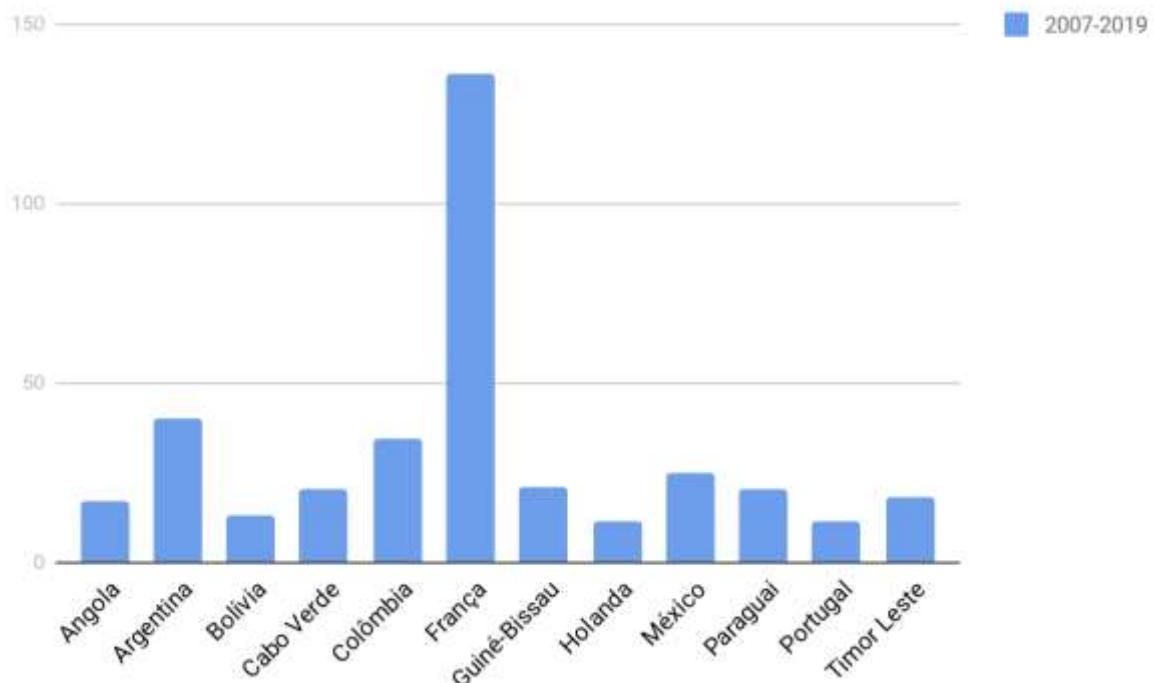
Gráfico 3: Programa *incoming*

Fonte: Os autores (2020)

3.1.1.5 Países de origem

Quanto à origem dos estudantes internacionais da UFU no período analisado, percebe-se uma forte presença de nacionalidades latino-americanas e africanas, bem como de estudantes vindos da França. A nacionalidade que mais enviou estudantes internacionais para a UFU no período é claramente a França, com quase 350% a mais de estudantes enviados que a Argentina, segundo país que mais enviou estudantes internacionais no mesmo período. Isso se explica pela existência do BRAFITEC, mas principalmente pela parceria de longa data da UFU com instituições francesas.

Gráfico 4: Principais países de origem



Fonte: Os autores (2020)

Alguns países mandaram menos de 10 alunos no período analisado. São eles:

Quadro 1: Países de origem com menos alunos enviados

País de Origem	Quantidade
Alemanha	3
Benin	4
Camarões	1
Chile	3
China	1
Congo	9
Costa do Marfim	1
Costa Rica	2
Equador	5
Espanha	9

Estados Unidos	6
Finlândia	1
Gana	1
Guatemala	1
Honduras	2
Itália	3
Japão	6
Moçambique	1
Nigéria	2
Panamá	1
São Tomé e Príncipe	2
Senegal	1
Uruguai	4
Venezuela	2

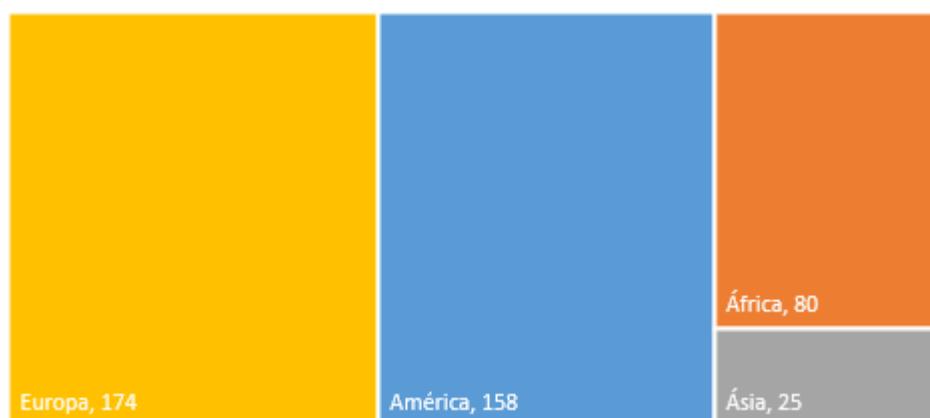
Fonte: Os autores (2020)

3.1.1.6 Continente

Neste caso, separamos os estudantes *incoming* pelo continente que estão em seus países natais. Vale notar que a Oceania não enviou nenhum estudante para a UFU, no período mencionado, por isso não aparece no gráfico.

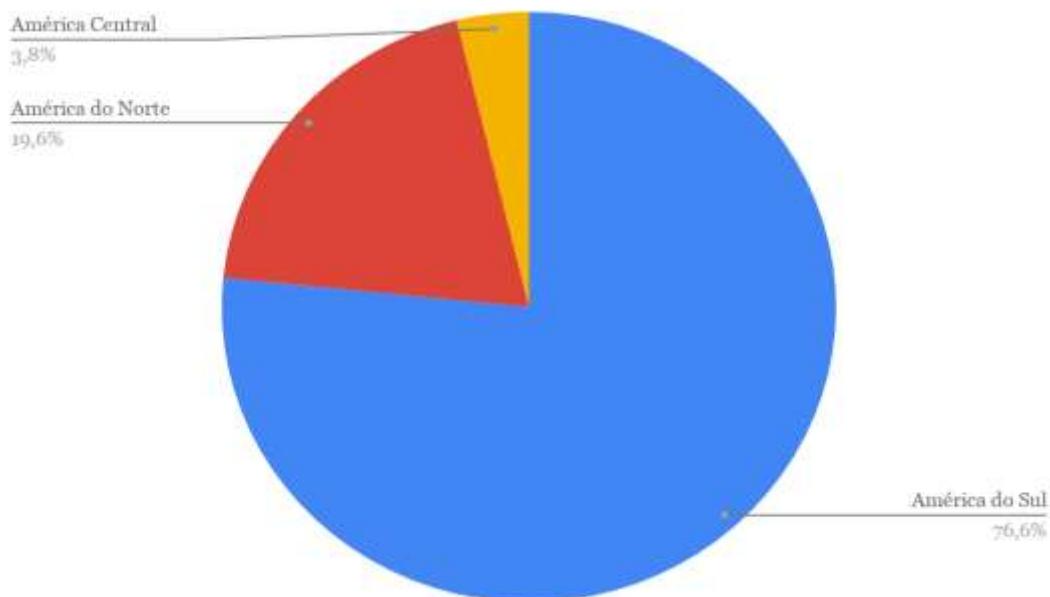
Gráfico 5: Alunos *incoming*/ContinenteEstudantes *incoming*/Continente

■ América ■ África ■ Ásia ■ Europa



Fonte: Os autores (2020)

Como forma de ilustrar quais as regiões da América que mandam mais estudantes para a UFU, o gráfico a seguir mostra a distribuição dos alunos provenientes do continente americano, separado pelas suas sub-regiões.

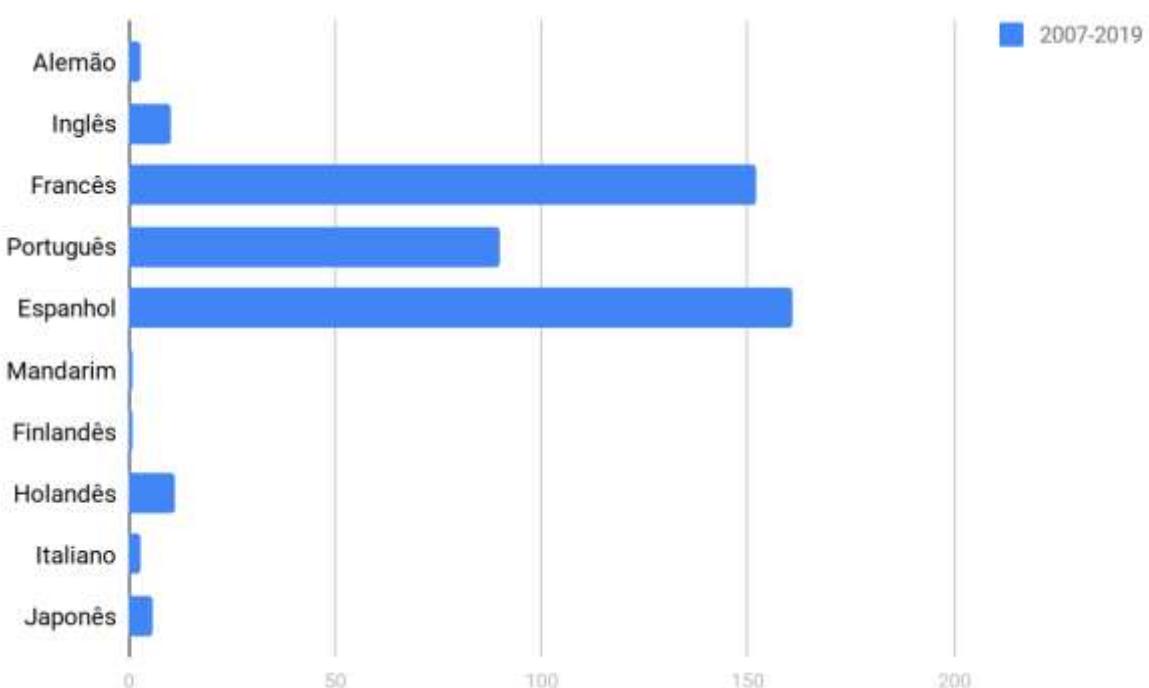
Gráfico 6: Estudantes *incoming* pela região da América

Fonte: Os autores (2020)

3.1.1.7 Língua oficial dos países de origem

O gráfico a seguir busca mostrar qual a língua oficial dos países de origem dos estudantes *incoming*, com o objetivo de analisar se a língua é um fator de atração das universidades brasileiras, com foco na UFU. É importante destacar que Camarões possuem duas línguas oficiais, Francês e Inglês, e as duas estão sendo consideradas.

Gráfico 7: Língua oficial dos países de origem

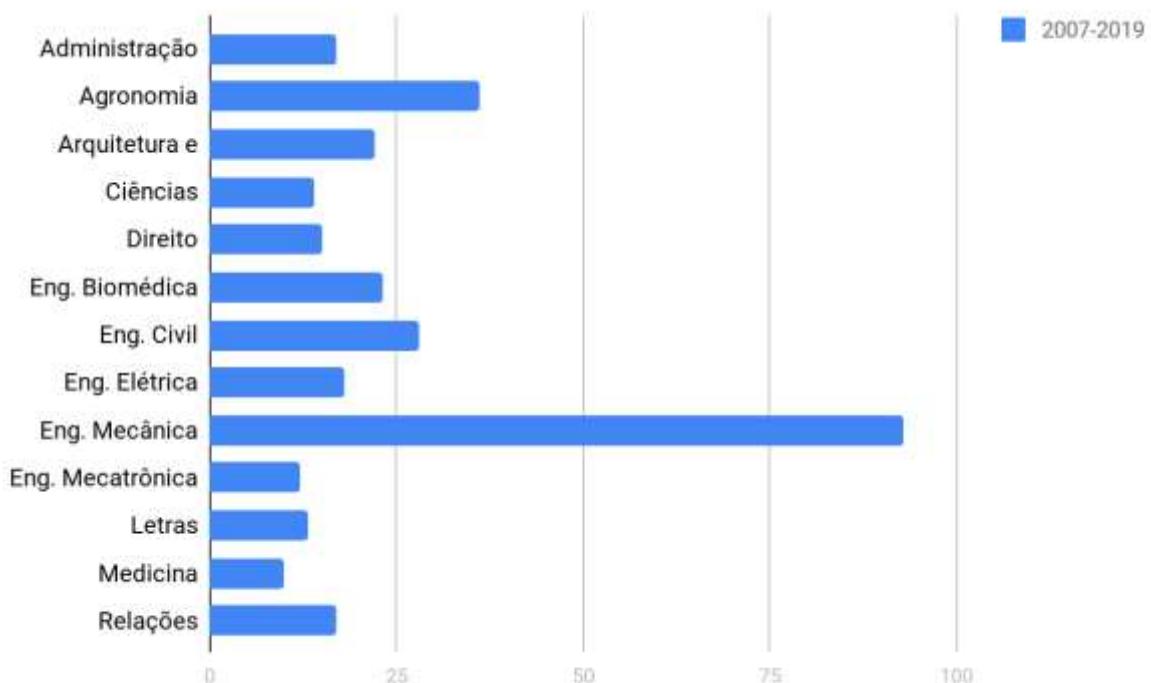


Fonte: Os autores (2020)

3.1.1.8 Cursos procurados pelos estudantes *incoming*

Os cursos mais procurados pelos estudantes internacionais que vêm para a UFU são em geral as engenharias e em particular a Engenharia Mecânica, um dos cursos mais tradicionais e bem avaliados da Universidade. Os cursos de Agronomia, bem como Arquitetura e Urbanismo, despontam como os únicos cursos fora das engenharias que conseguiram atrair mais de duas dezenas de estudantes internacionais fora das engenharias.

Gráfico 8: Principais cursos procurados pelos estudantes *incoming*



Fonte: Os autores (2020)

Além dos cursos mais visados, ainda há alguns cursos que não são tão visados quantos os anteriores, mas merecem destaque:

Quadro 2: Cursos menos procurados pelos estudantes *incoming*

Curso	Quantidade de estudantes
Biomedicina	8
Biotecnologia	4
Ciências da Computação	7
Ciências Biológicas	7
Ciências Contábeis	1
Ciências Sociais	5
Design	3
Enfermagem	1
Engenharia Aeronáutica	9
Engenharia Ambiental	4

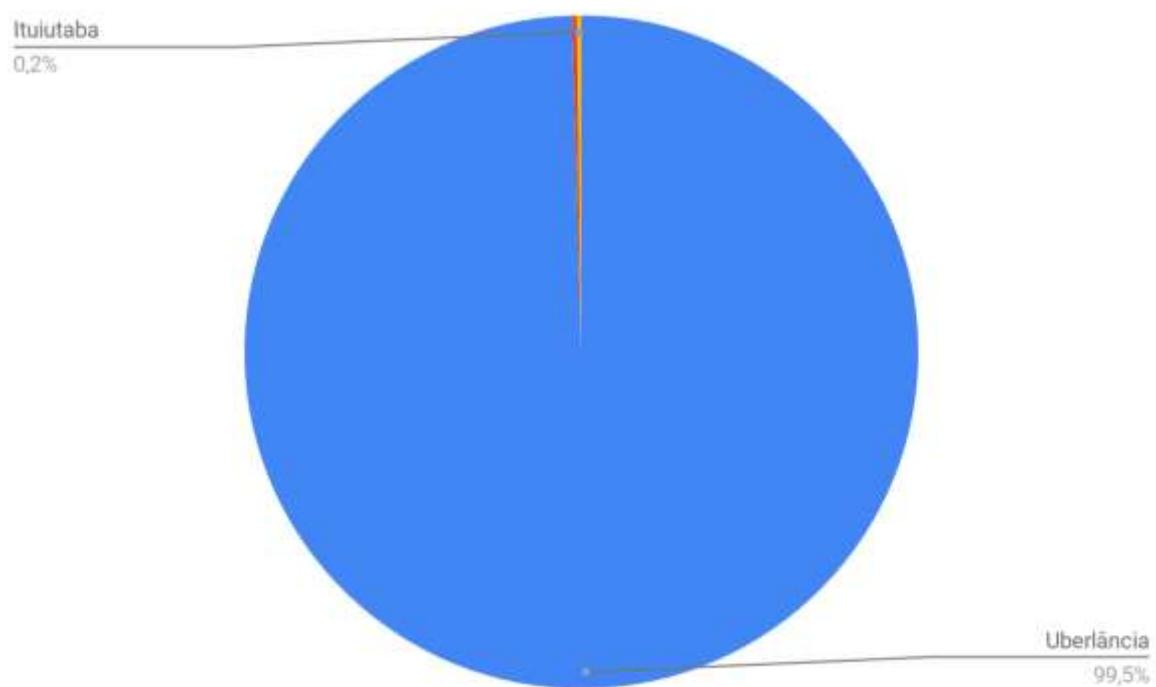
Engenharia de Alimentos	1
Engenharia de Computação	2
Engenharia de Controle e Automação	2
Engenharia de Produção	1
Eng. Eletrônica e de Telecomunicações	2
Engenharia Química	4
Fisioterapia	1
Geografia	7
Gestão da Informação	1
Gestão em Saúde Ambiental	6
Jornalismo	4
Matemática	5
Medicina Veterinária	2
Música	2
Nutrição	2
Odontologia	6
Pedagogia	4
Psicologia	5
Química	1
Química Industrial	5
Sistemas de Informação	1
Teatro	3
Tradução	2
Zootecnia	1

Fonte: Os autores (2020)

3.1.1.8 Cidades dos cursos escolhidos pelos estudantes *incoming*

No período analisado, quase todos os estudantes internacionais estudaram em campus da UFU presentes na cidade de Uberlândia (em geral campus Sta. Mônica e Umuarama). A ressalva acontece para os cursos de Engenharia de Produção, no campus Pontal e Engenharia de Alimentos, no campus Patos de Minas, que receberam apenas 1 estudante, cada.

Gráfico 9: Cidade do curso escolhido

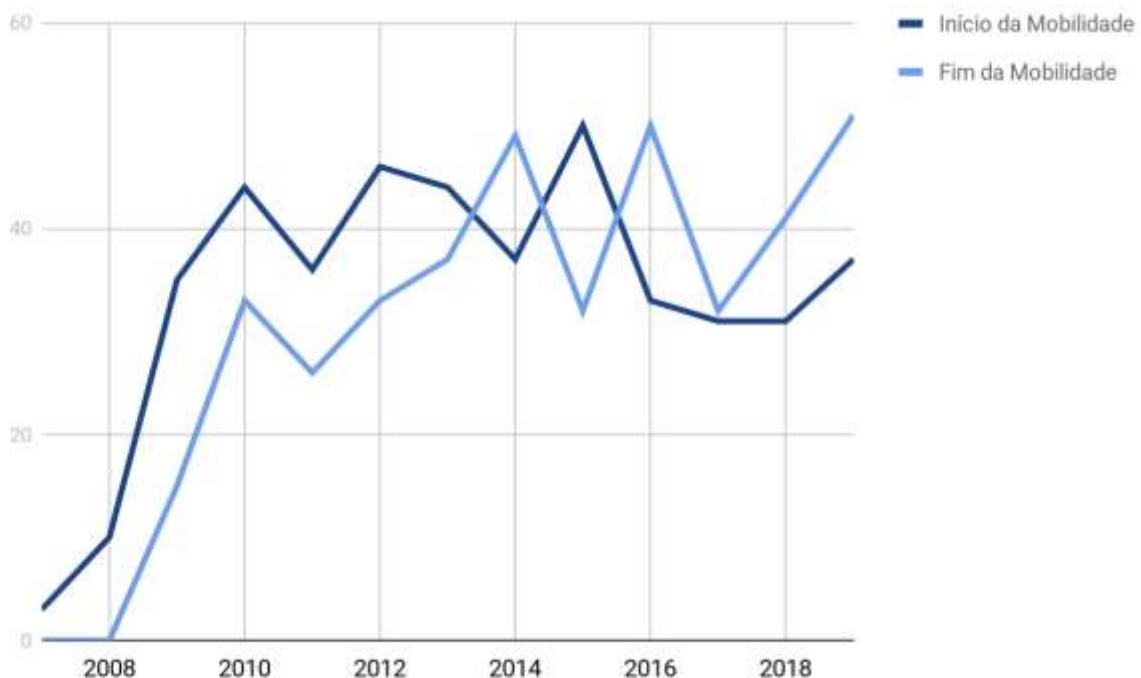


Fonte: Os autores (2020)

3.1.1.9 Ano de início da mobilidade vs. Ano de fim da mobilidade

O gráfico a seguir mostra o ano de início da mobilidade, com destaque para os anos de 2012 a 2015, com o maior número de estudantes vindo para a UFU.

Gráfico 10: Ano de início da mobilidade vs. Ano de fim da mobilidade



Fonte: Os autores (2020)

Como não é possível destacar o período das mobilidades, já que elas podem ser estendidas, ou quando se comportam como uma graduação completa (o caso do vínculo regular), destacamos o ano de fim de cada uma delas. Há mobilidades previstas para findarem após o período 2007-2019 e podem ser vistas na tabela a seguir. Os dados não são exatos por se tratar de algo que não se concretizou e por desconsiderarem os efeitos da pandemia de COVID-19.

Quadro 3: Mobilidades iniciadas até 2019 que findarão em período posterior

Ano de fim de mobilidade	Quantidade de Alunos
2020	4
2021	7
2022	1
2023	4
2024	2

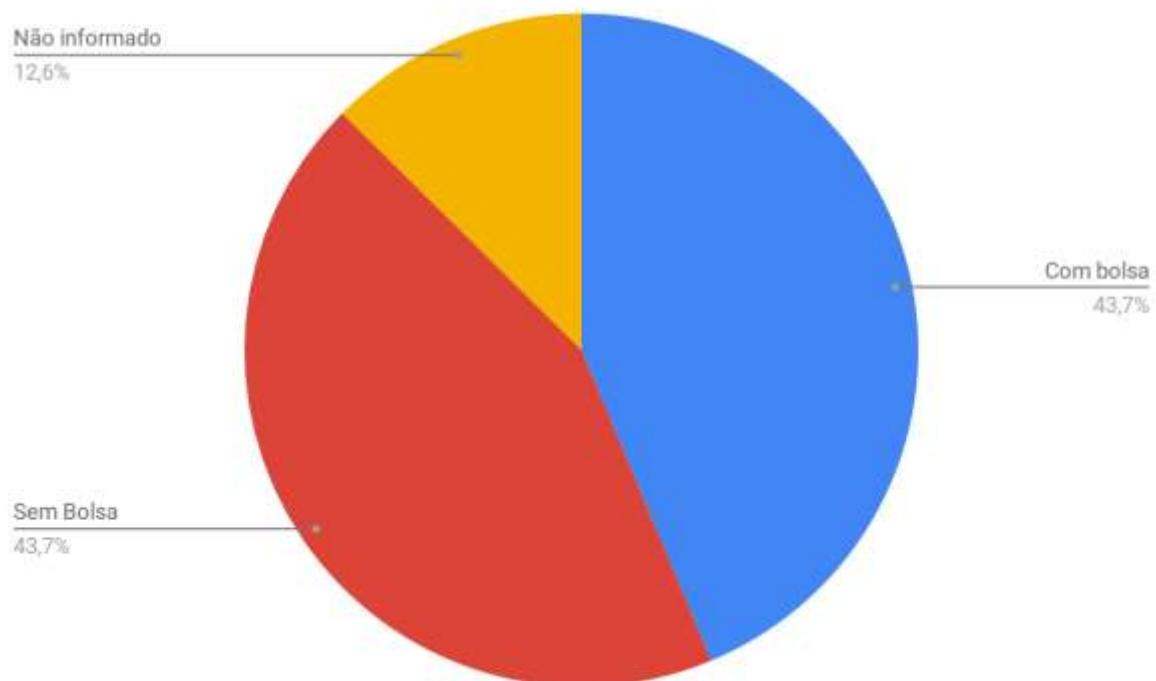
não se aplica	21
---------------	----

Fonte: os autores (2020)

3.1.1.11 Bolsa de Estudos

Dentre os estudantes cujos dados são conhecidos, metade veio para a UFU com bolsa e metade sem bolsa. Entende-se como bolsa auxílio financeiro, uma vez que todo estudante da UFU, independentemente da nacionalidade, tem acesso a ensino gratuito, o que por si só já configura “bolsa” dependendo do ponto de vista.

Gráfico 11: Bolsa de Estudos

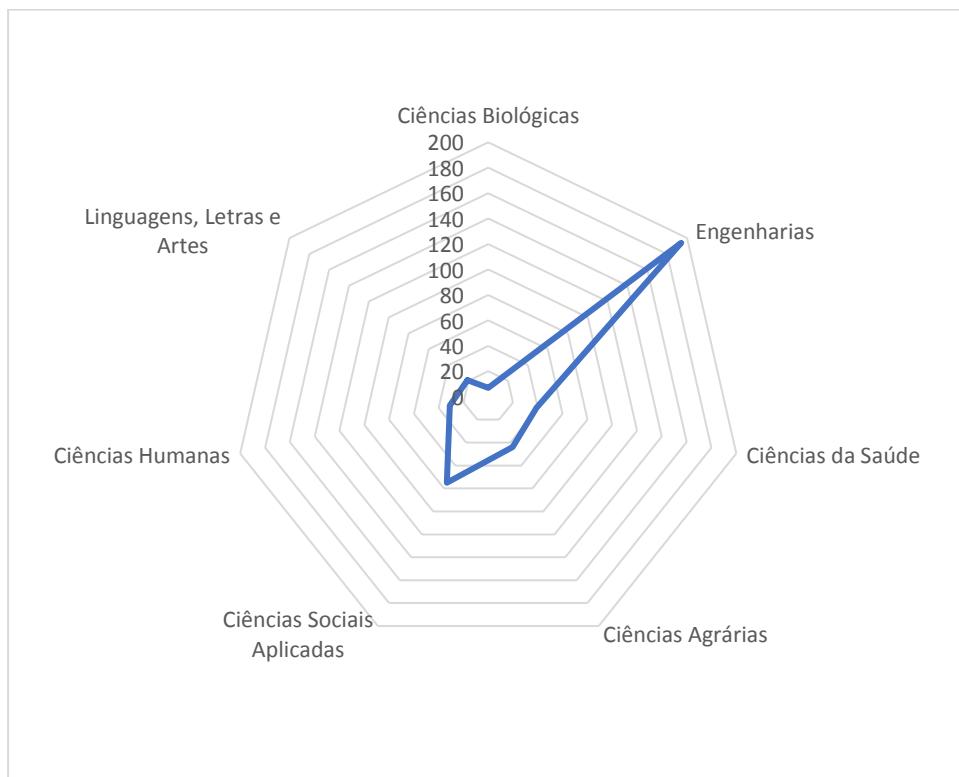


Fonte: Os autores (2020)

3.1.1.12 Área de conhecimento

Quanto a área de conhecimento, mais de 44% de todos os estudantes internacionais da UFU estão nas engenharias, como visto nos cursos mais visados pelos estudantes *incoming*.

Gráfico 12: Áreas do conhecimento dos cursos

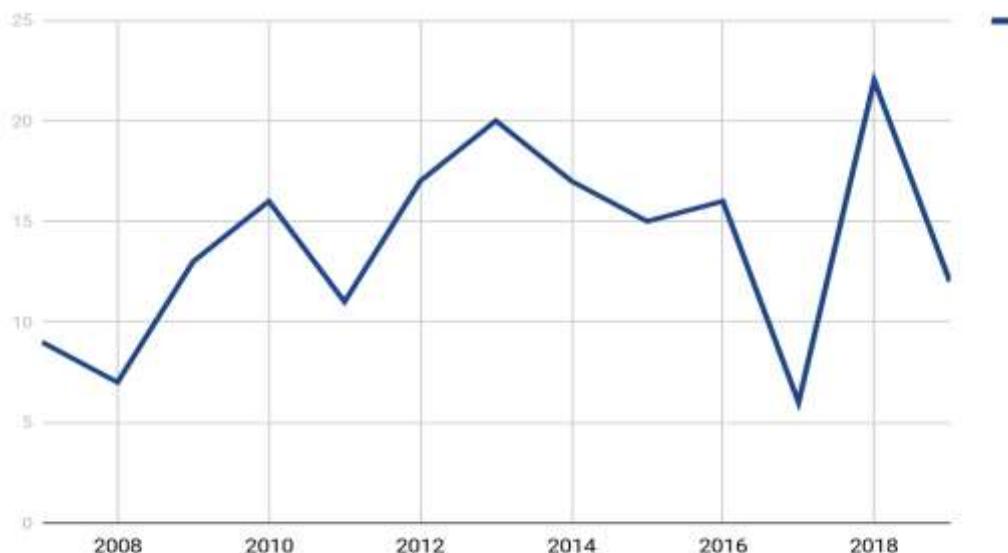


Fonte: Os autores (2020)

3.1.1.13 Acordos assinados por ano

Entre 2007 e 2019, a UFU assinou um total de 181 acordos. A distribuição dos anos em que os acordos foram firmados podem ser vistos no gráfico a seguir

Gráfico 13: Quantidade de acordos firmados pela UFU por ano



Fonte: Os autores (2020)

3.1.1.14 Países com acordo

Os 181 acordos feitos no período de 2007 a 2019 estão divididos entre 33 países. O quadro a seguir mostra esses países em ordem alfabética. É possível notar que Espanha, França, Itália e Portugal são os únicos países que a UFU fez mais de 10 acordos com instituições no período considerado.

Quadro 4: Acordos por país

País	Quantidade de acordos
Alemanha	1
Argentina	7
Áustria	2
Belarus	2
Bélgica	1
Bolívia	1
Cabo Verde	1
Canadá	6
Chile	2
China	2
Colômbia	5
Coreia do Sul	1
Costa Rica	2
Cuba	3
Espanha	18
Finlândia	2
França	56
Holanda	1
Itália	16
México	6

Moçambique	3
Nicarágua	1
Paraguai	4
Peru	1
Polônia	3
Portugal	19
Romênia	3
Rússia	2
Suécia	2
Suíça	1
Timor Leste	1
Ucrânia	2
Uruguai	1

Fonte: Os autores (2020)

3.1.2 Estudantes *outgoing*

Os estudantes *outgoing* são os estudantes que saem da UFU para alguma Universidade no exterior. O total de estudantes *outgoing* é de 1898, no período de 2007-2019. Os gráficos de nível, tipo de vínculo e tipo de acordo não estão presentes nesse tópico porque apresentam apenas uma opção, respectivamente, graduação, vínculo regular e acordo internacional.

3.1.2.1 Programa de parceria

A maior parte dos alunos UFU que realizaram mobilidade internacional no período analisado o fizeram por meio de 3 programas principais, sendo estes o Ciência sem Fronteiras, Acordos Bilaterais e o BRAFITEC (este último exclusivo para as engenharias). Os outros programas referem-se aos seguintes programas: Abdias Nascimento, com 2 estudantes; Botín, com 2 estudantes; ELAP, com 4 estudantes; FIPSE, com 8 estudantes; PMM, com 8 estudantes; e BRAMEX, com 2 estudantes.

- **Abdias Nascimento:**

Como objetivo propiciar a formação e capacitação de estudantes autodeclarados pretos, pardos, indígenas e estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, com elevada qualificação em universidades, instituições de educação profissional e tecnológica e centros de pesquisa no Brasil e no exterior (ÉTNICOS-RACIAIS, 2020).

- **Botín:**

Anualmente, a instituição seleciona estudantes de cursos de graduação de diversas universidades latino-americanas os quais apresentam alto potencial e vocação para atuar no serviço público com o intuito de participarem de um programa intensivo de formação abrangendo práticas internacionais fora do Brasil (DRI, 2019).

- **Ciências sem fronteiras:**

Ciência sem Fronteiras é um programa que busca promover a consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e da competitividade brasileira por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. A iniciativa é fruto de esforço conjunto dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e Capes –, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC. Atualmente, o programa não tem mais funcionamento (CIENCIAS SEM FRONTEIRAS, 2020).

- **EIFFEL:**

O programa Eiffel de bolsas de excelência foi desenvolvido pelo Ministério das Relações Exteriores e Europeias da França para atrair os melhores alunos estrangeiros para cursos específicos em instituições francesas. O programa existe desde 1999 e tem como objetivo formar futuros líderes internacionais para atuar nos setores público e privado. Este programa possibilita que o estudante selecionado pela UFU e pelas instituições parceiras, realize mobilidade internacional em universidades francesas por um período de tempo determinado (DRI, 2019).

- **ELAP:**

O Programa ELAP (*Emerging Leaders in the Americas Program*) possibilita que estudantes de cursos da graduação, selecionados pela UFU e pelas instituições parceiras, realizem mobilidade internacional em universidades canadenses, com as quais a UFU celebra acordo de cooperação, por um período de 01 (um) semestre acadêmico (DRI, 2019).

- **Ibero-Americanas:**

O Programa de Bolsas Ibero-Americanas é fruto de convênio firmado, anualmente, entre a UFU e o Banco Santander e possibilita que estudantes de cursos de graduação selecionados pela UFU realizem mobilidade internacional em universidades conveniadas, com auxílio financeiro oferecido pelo Banco Santander (DRI, 2019).

- **Luso-Brasileiras:**

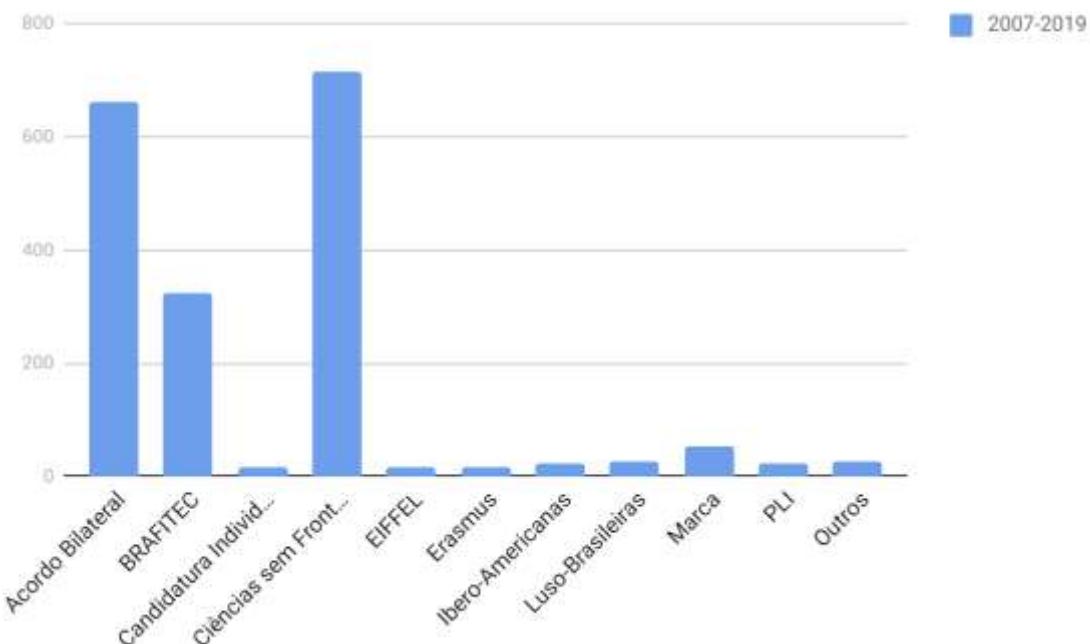
Iniciativa que promove o intercâmbio entre universidades de Brasil e Portugal. O Santander Universidades oferece bolsas de um semestre para estudantes de graduação aprofundarem sua formação acadêmica em

diferentes áreas do conhecimento e vivenciarem diferentes práticas culturais. É destinado a estudantes de todas as áreas, desde que as disciplinas cursadas na universidade de destino tenham equivalência em seus respectivos cursos da universidade de origem.

- PLI:

Constitui-se em uma iniciativa da CAPES e da Universidade de Coimbra, com apoio do Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), visando à elevação da qualidade da graduação, tendo como prioridade a melhoria do ensino dos cursos de licenciatura e a formação de professores através do estímulo ao intercâmbio de estudantes de graduação em licenciaturas, em nível de graduação sanduíche (FURG, 2020).

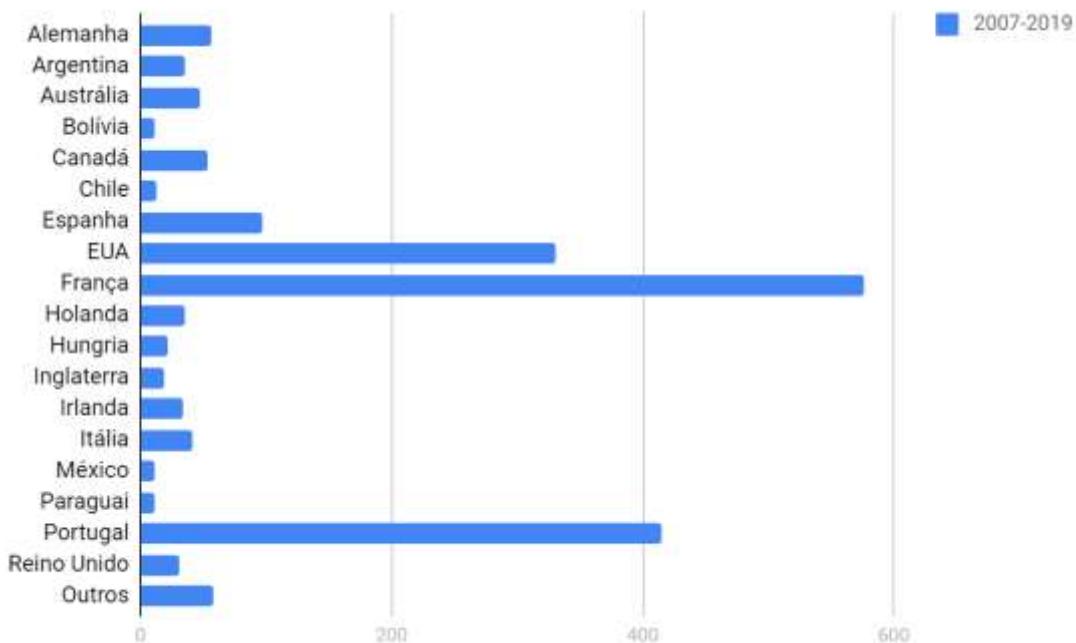
Gráfico 14: Programa de mobilidade *outgoing*



Fonte: Os autores (2020)

3.1.2.2 Países de destino

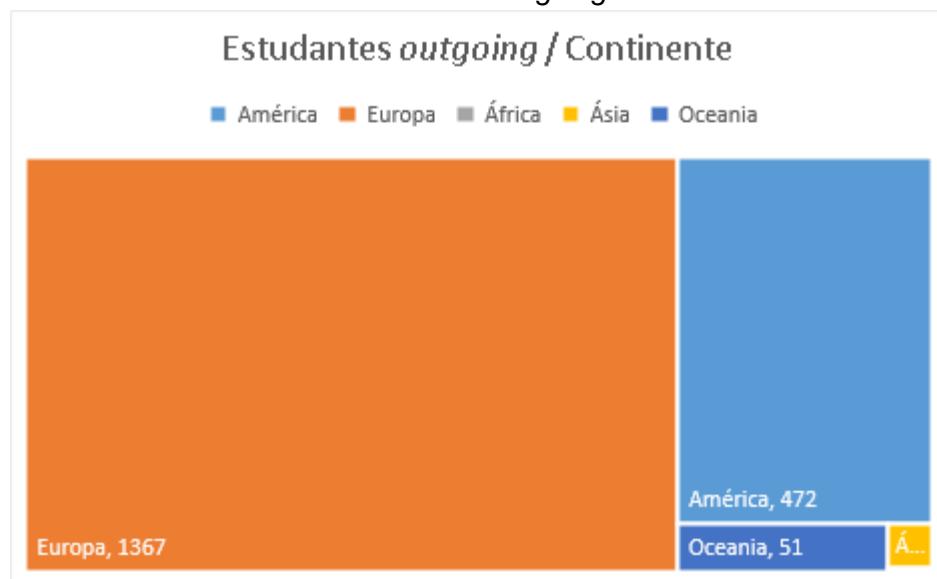
A seguir, os principais países de destino dos estudantes *outgoing*:

Gráfico 15: País de destino¹

Fonte: Os autores (2020)

3.1.2.3 Continente

Assim como no caso *incoming*, separamos os continentes dos países de destino.

Gráfico 16: Estudantes *outgoing* / Continente

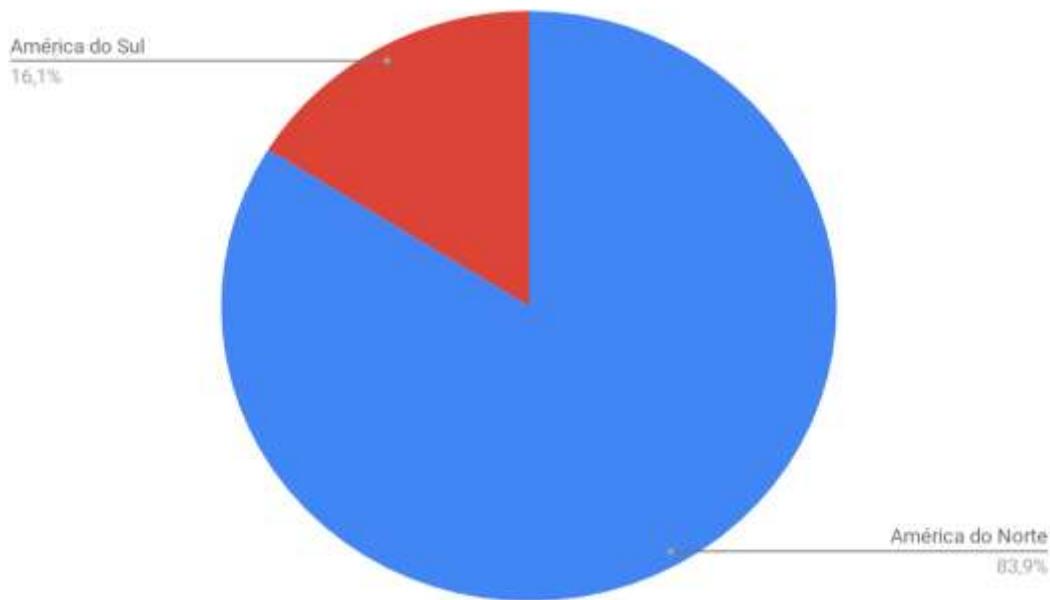
Fonte: Os autores (2020)

¹ Inglaterra e Escócia aparecem separados de Reino Unido no banco de dados usado. Por isso, serão considerados de forma separada.

2.1.2.4 Estudantes *outgoing* / Região da América

Similarmente aos estudantes *incoming*, também separamos os estudantes que foram para países da América por região da América. Ressalta-se que nenhum estudante, no período destacado, foi para algum país da América Central

Gráfico 17: Estudantes *outgoing* / Região da América

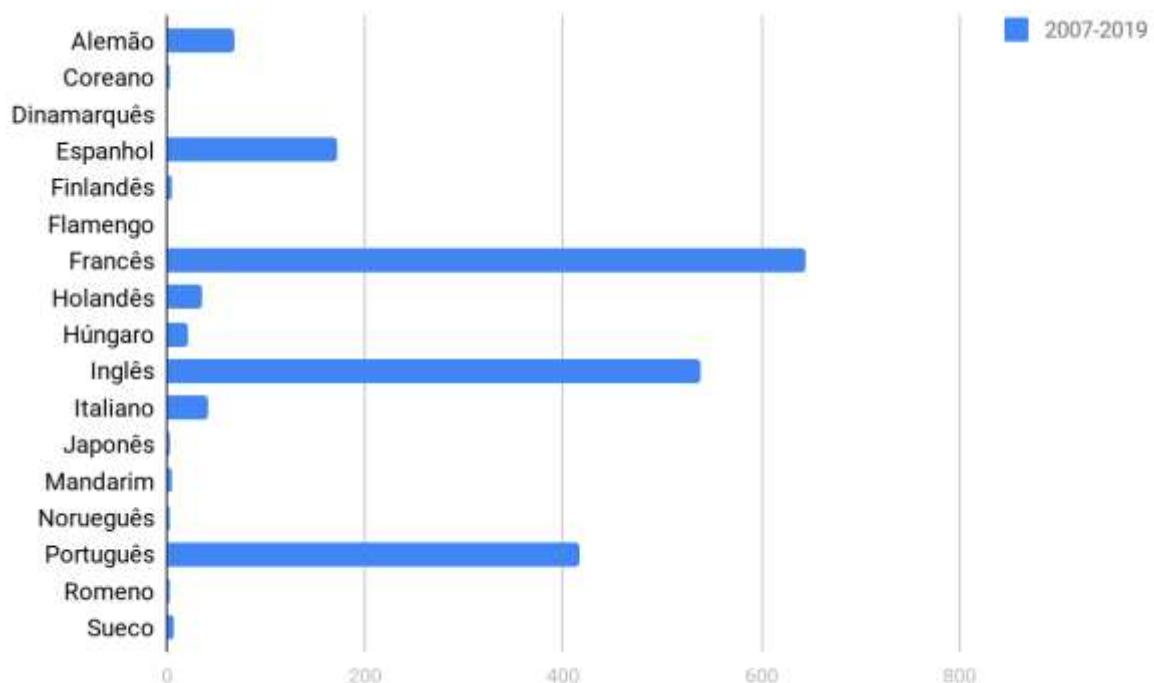


Fonte: Os autores (2020)

3.1.2.5 Línguas oficiais dos países de destino

O gráfico a seguir busca mostrar qual a língua oficial dos países de origem dos estudantes *outgoing*, com o objetivo de analisar se a língua é um fator de atração para os estudantes brasileiros. Destaca-se que os estudantes que foram para mais de um país, cada país foi destacado separadamente. A Bélgica, ressalta-se, tem três idiomas oficiais, Holandês, Francês e Flamengo, e o Canadá tem dois idiomas oficiais, Inglês e Francês.

Gráfico 18: Línguas oficiais dos países de destino

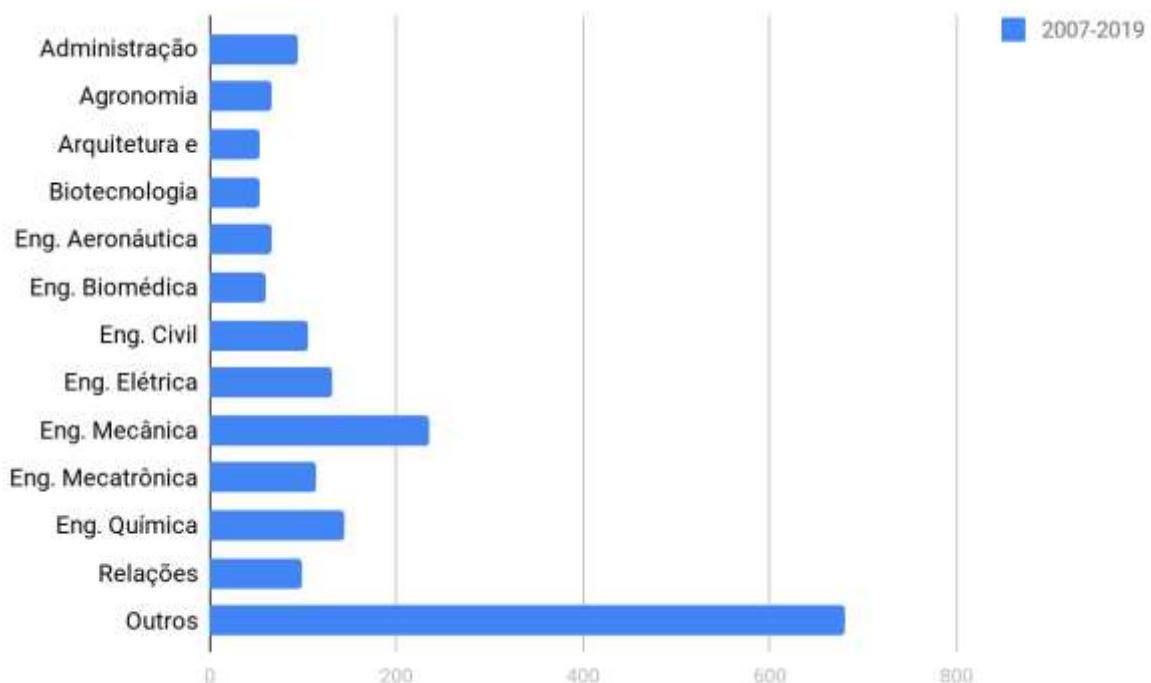


Fonte: Os autores (2020)

3.1.2.6. Principais cursos escolhidos pelos estudantes *outgoing*

Percebe-se, mais uma vez, o destaque das engenheiras, desta vez para estudantes *outgoing*. A barra “Outros” refere-se à quantidade de 44 cursos.

Gráfico 19: Quantidades de estudantes por curso

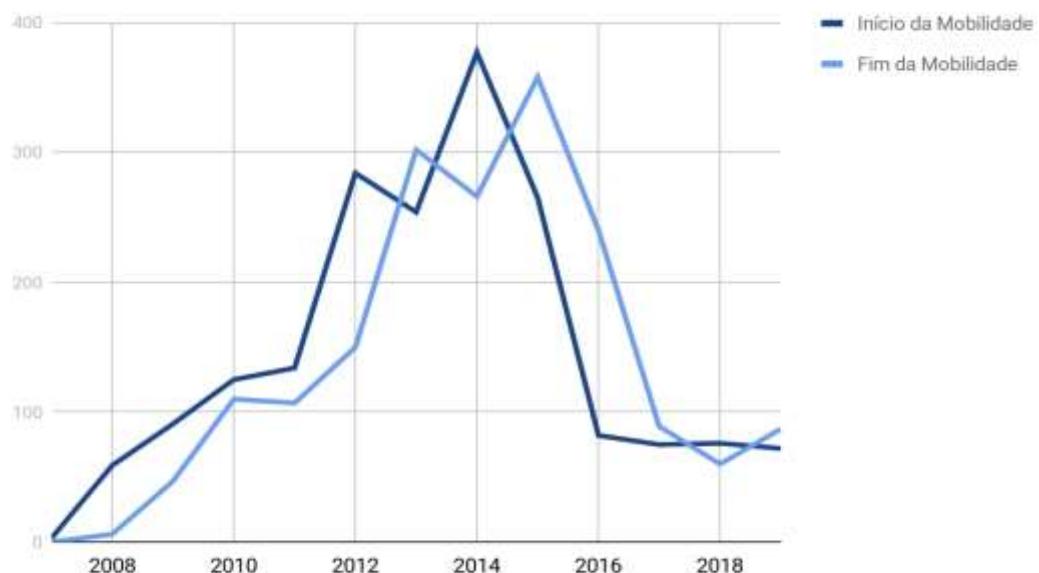


Fonte: Os autores (2020)

3.1.2.7 Ano de Início da mobilidade vs. Ano de fim da mobilidade

Destaca-se o período 2011 a 2015, por conta, principalmente, da vigência do Ciências sem Fronteiras. É importante notar que 57 mobilidades estavam previstas para findar em 2020 e 18 mobilidades findariam em 2021. Todavia se trata de uma previsão que desconsidera a pandemia de coronavírus.

Gráfico 20: Ano de Início da mobilidade vs. Ano de fim da mobilidade

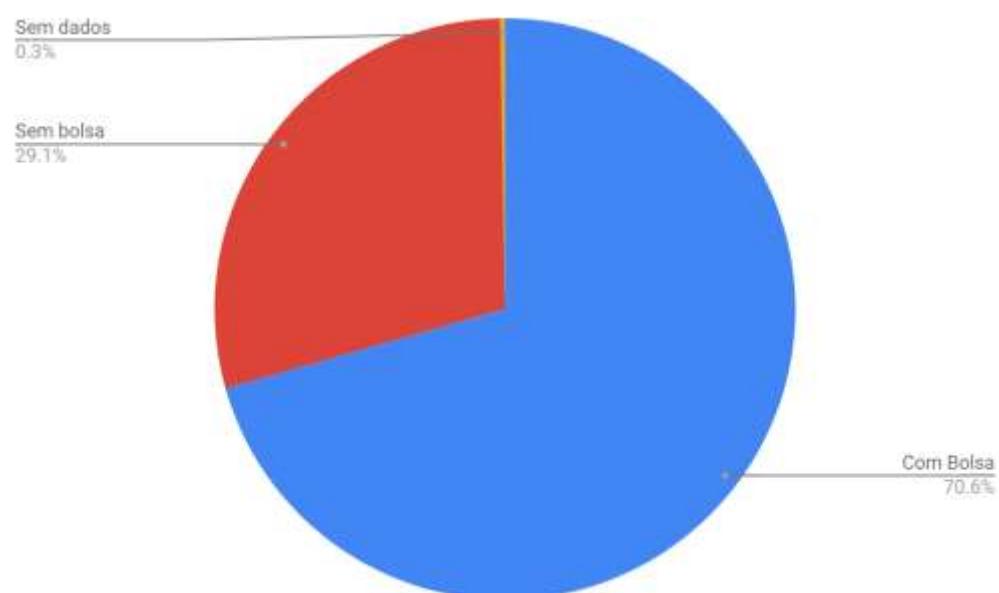


Fonte: Os autores (2020)

3.1.2.9 Bolsa de estudos

A UFU enviou para o exterior aproximadamente 4 vezes mais estudantes do que recebeu, e menos de um em cada 3 dos estudantes UFU enviados a Universidades de outros países o fez com recursos próprios.

Gráfico 21: Bolsas de estudo

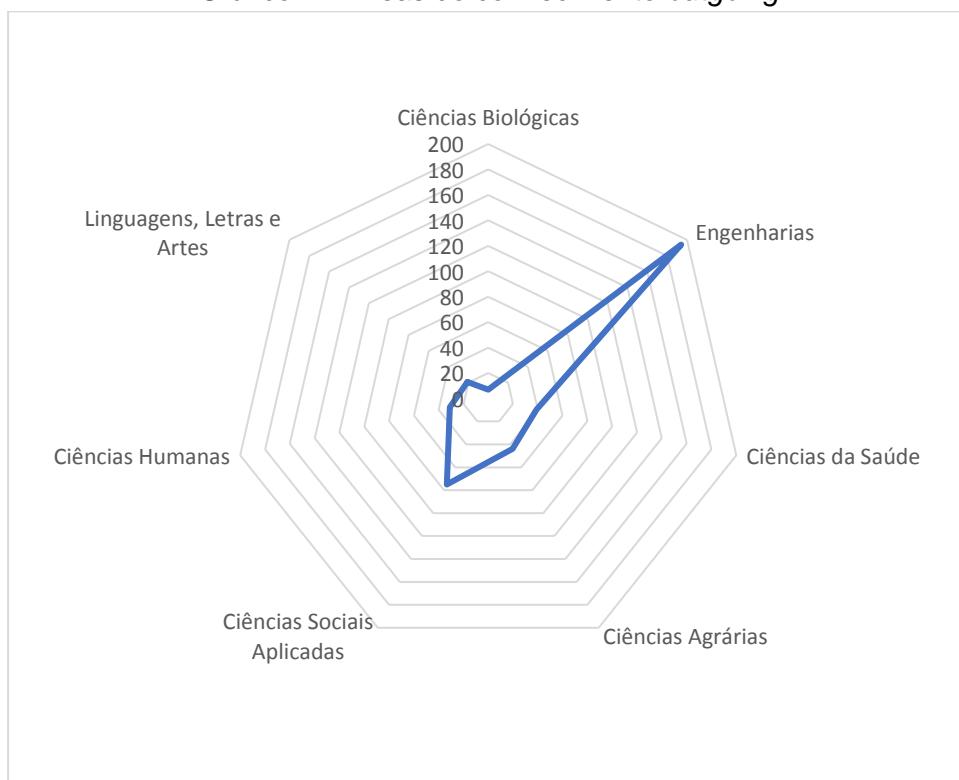


Fonte: Os autores (2020)

3.1.2.10 Áreas do conhecimento

Assim como os dados *incoming*, e por motivos de comparação, separamos os cursos dos estudantes participantes da modalidade *outgoing* em áreas de conhecimentos, o que mostrou, sabidamente, que as Engenharias também são os que mais enviam estudantes ao exterior.

Gráfico 22: Áreas do conhecimento *outgoing*



Fonte: Os autores (2020)

4. Entrevistas: Relato Analítico

1. O que você entende por “internacionalização das Instituições de Ensino Superior?

Para a prof.^a Vera, a representante do BRAFITEC, a internacionalização é feita por cada unidade acadêmica, e para que ela seja possível, deve existir um relacionamento prévio entre estudantes, além da confiança do parceiro no exterior. Como exemplo disso ela utilizou a própria FEMEC, “Por exemplo, não adianta dizer que vai internacionalizar a FEMEC (Faculdade de Engenharia Mecânica) e começar a ter contato com um país em que não se conhece ninguém”. Por isso, considera essencial que exista um relacionamento, assim, considerando todos os aspectos, considera a FEMEC uma unidade acadêmica internacionalizada.

A Sra. Érika, funcionária da DRI, coloca a internacionalização como uma forma de permitir que a comunidade das instituições de ensino superior tenha a possibilidade ou de fazer um trabalho dentro da própria instituição ou fora em outro país, permitindo uma troca de conhecimento com outras instituições. Portanto, para ela, a internacionalização é propiciar, por meio de programas e editais, a oportunidade para que a comunidade tenha acesso às possibilidades de trocas de conhecimento com pessoas de outros países.

A outra integrante da equipe da DRI, a Sra. Lumia, aponta vários aspectos da internacionalização, dentre eles: a mobilidade internacional dos estudantes, dos técnicos administrativos e dos docentes. Além da mobilidade internacional dos integrantes de uma universidade, Lumia apontou também a questão da internacionalização de currículos, oferecer disciplinas em outros idiomas, uma ambientação que diminua o choque cultural para alunos internacionais, mas sempre respeitando a individualidade das instituições.

Na visão do Pró-reitor de graduação, o prof. Armindo a internacionalização é um movimento que transcende uma instituição, tornando-se um movimento de inserção das universidades em um roteiro mundial, apesar de ela precisar ser mais ampla e consolidada [na UFU]. Para o prof. Ernesto, do Comitê de políticas Linguísticas, é um movimento que consiste em partilhar conhecimento das maneiras de fazer e de produção de conhecimento.

Para a professora Valeska, representante do ProInt, a internacionalização é ao mesmo tempo um processo e um produto. É um processo no momento em que existe um contato com instituições de outros países, e a partir disso acontece uma modificação das práticas da instituição. É um produto na medida em que acordos são estabelecidos, mobilidades são vivenciadas pelos discentes gerando trocas que acarretam em ampliação de conhecimento, de conexões e formas diferentes de fazer ensino, pesquisa e extensão.

O Reitor da Universidade, professor Valder, ressalta que a questão da internacionalização é muito ampla, e afirma que é possível utilizar padrões internacionais em diversas atividades universitárias, isso pode ser feito pela própria universidade. Outra questão é a da universidade se abrir para o mundo, através de projetos de ensino, pesquisa e extensão, não existindo limitação nesse sentido. O Reitor aponta que o grande desafio da internacionalização é dar as condições adequadas para que ela possa se realizar, um exemplo disso é a ministração de aulas em línguas consideradas universais, algo já praticado por diversas universidades pelo mundo, mas que exige muito recurso e preparo. Ele aponta que na UFU, existem algumas iniciativas isoladas que caminham para essa direção, mas ainda não é uma grande tendência. É citado a existência de vários esforços para caminhar para a internacionalização como por exemplo: projetos internacionais de pesquisa com membros brasileiros e internacionais; a graduação/pós-graduação/mestrado/doutorado “sanduíche”; agências brasileiras e internacionais que financiam atividades envolvendo equipes de diversos países. Isso tudo, em sua opinião, é muito positivo, pois a universidade passa a ter um olhar mais amplo do que se restringir apenas ao seu contexto local.

A representante do CPI, professora Verônica, entende que é necessário tornar a instituição relevante não só no cenário nacional, mas também global, em termos das diferentes áreas de atuação, pensando de forma holística e sistêmica, na questão de pesquisa, ensino e extensão. Ela acha importante ter essa marca de reconhecimento, ser atrativo internacionalmente para outras instituições.

O professor Rubens, representante do CAC, vê a internacionalização como um processo natural que surgiu nas instituições de ensino superior brasileiras, visando a melhoria contínua da qualidade de ensino e pesquisa por meio da troca de experiências entre as instituições participantes. A interação entre estudantes e

docentes das instituições envolvidas é extremamente benéfica para os envolvidos, gerando a difusão dos saberes e contribuindo para melhorar inclusive o aspecto da cidadania, uma vez que as pessoas passam a ter uma visão mais cosmopolita.

Essa pergunta não foi respondida pelo Pró-reitor da ProPP, o professor Carlos, e nem pelo diretor da DRI, professor Waldenor.

2. Como você avalia a questão da Internacionalização das Instituições de Ensino Superior?

A representante do BRAFITEC considera difícil no Brasil, já que a internacionalização está voltada para pessoas e é complicado mudar esse contexto, porque quando é falado sobre a avaliação da internacionalização, em determinadas unidades acadêmicas, isso é muito forte, pelas parcerias pré-estabelecidas. Mas como muitas unidades acadêmicas ainda não decolaram, não existe muito o que avaliar.

A Sra. Érika afirma que pelo menos no âmbito das universidades federais, a internacionalização estava em incipiente há cerca de cinco anos. Recentemente, torna-se perceptível a criação de escritórios especializados, o incentivo do governo, entre outras ações. Para ela, antes a universidade possuía apenas um tripé: ensino, pesquisa e extensão, mas agora ela enxerga a internacionalização como um dos pilares da universidade. Considera que a UFU está em uma fase intermediária, com muito a caminhar ainda, mas já distante do início.

De forma semelhante, a Sra. Lumia concorda que é algo recente e destaca que existem universidades que são consideradas referência para a UFU, como as universidades europeias, americanas e canadenses. Referente ao Brasil, diz que o processo de internacionalização ainda é muito embrionário e que existe um caminho longo para se alcançar a internacionalização em si.

O Pró-reitor de graduação, assim como a Lumia, avalia o processo como embrionário e afirma que a pós-graduação está em um patamar mais avançado e consolidado nesse aspecto. Ele aponta que os projetos da graduação são projetos de governo, não tendo muita ação de projeto institucional, sendo assim, afirma que precisa não só de avanço, mas de investimento também.

Professor Ernesto, do CPL, diz que ainda não se tem algo que comprove que a UFU já é internacionalizada, contudo, afirma que há um grande esforço para que isso aconteça, e que através da DRI, existe a efetivação de convênios.

A Professora Valeska avalia como algo necessário, visto que tudo isso começou com o processo da globalização, se tornou uma questão econômica e, em alguns casos, é até uma imposição de países mais desenvolvidos em cima de países menos desenvolvidos, ou seja, ao se pensar por uma perspectiva social, é necessário refletir até que ponto esse processo não seria negativo. Porém, para além da questão econômica, é destacado que existe o contato de novas culturas e novas formas de se fazer as coisas. Sendo assim, a professora avalia que as universidades estarem em um processo de internacionalização é algo positivo, visto que elas podem repensar o modus operandi como elas atuam, e assim ver sob uma nova ótica, viver novas experiências. Finaliza afirmando que esse processo é uma via de mão dupla, ao mesmo tempo em que se aprende, se ensina aquilo que foi aprendido com as vivências.

O Reitor da universidade diz que a internacionalização é algo sem volta, se a UFU quiser de fato ser universidade. Por isso que, em sua opinião, a palavra “universidade” é tão interessante, visto que ela por si só, já traz o conceito de coletividade, lembrando que a universidade, que o conhecimento como um todo, é algo universal. Assim, a internacionalização é algo sem volta, e que não deve e nem pode ser limitado, mas que na verdade, deve ser encorajado.

Professora Verônica do CPI, entende que no Brasil, esse processo ainda está atrasado em relação aos outros países, inclusive os emergentes, e considerando países tradicionais, estamos mais atrasados ainda, principalmente nas questões de internacionalização de currículos, de alcance, não só no domínio de idiomas, mas também na questão de ofertar serviços e produtos em outros idiomas para a comunidade interna e externa, para que a faculdade consiga se aproveitar disso. O trabalho feito na universidade é para superar barreiras, então, é necessário guiar esse trabalho para que se torne possível competir em escala global, então a internacionalização funciona para isso, além de fornecer uma formação mais ampla.

Para o prof. Rubens do CAC, diz que a internacionalização das IES deve ser entendida como um processo em construção. Nesse contexto, com as IES se

adaptando à realidade exigida por esses processos em andamentos. Algumas das IES estão mais avançadas nisso, como a UFMG, USP, UnB e UFRJ. Outras ainda no início do processo, como é o caso da Universidade Federal de Uberlândia, Contudo, a internacionalização veio para ficar, e as IES terão que se adaptar à esta nova realidade

3. Fale um pouco sobre o Comitê, e quais são seus objetivos principais.

A começar pelo Pró-reitor de pós-graduação, o professor Carlos afirma que é uma pró-reitoria jovem e seus objetivos estão focados especificamente nos estudantes de pós-graduação. Esses objetivos são: ordenamento legal e normativo; coordenação de laboratórios; fornecer orçamentos e desenvolvimentos financeiros. O professor afirma que não existem objetivos voltados para a internacionalização, contudo, existem estudantes internacionais na UFU.

O diretor da DRI, prof. Waldenor destaca que a diretoria busca articular as ações e relações entre as diferentes unidades acadêmicas, os alunos, acordos e universidades, deixando de ser uma secretaria de atendimento, para ser um órgão articulador parceiro entre as unidades da UFU. A diretoria também coordena as mobilidades em todos os seus âmbitos, além disso, também cuida de implementar as políticas de internacionalização.

A senhora Érika, funcionária da DRI, responde afirmado que o objetivo principal da diretoria é permitir que a comunidade tenha acesso a programas, aos editais, para favorecer a questão da internacionalização, ao mesmo tempo poder receber estudantes internacionais. Complementa destacando que atualmente a DRI está focada nos alunos de graduação, permitindo que eles participem desses programas de mobilidade, e para que eles possam voltar e compartilhar o conhecimento adquirido. Da mesma forma, receber estudantes internacionais para que possam aprender na UFU e dividir os seus conhecimentos com os alunos.

Sra. Lumia, outra integrante da equipe da DRI, diz que a diretoria é um setor que lida diretamente com a internacionalização, mas não com toda a internacionalização da universidade. Dá como exemplo, o âmbito das mobilidades, onde a diretoria lida basicamente com a graduação, já que a mobilidade de alunos da pós-graduação é localizada na ProPP. Mas, existe a intenção de abranger em

suas tarefas, a pós-graduação também, mas ainda não é possível por duas questões: a limitação de recursos humanos e a outra é a limitação de tecnologia, visto que a DRI não tem pessoas e nem sistemas suficientes para gerenciar tudo. A diretoria também lida com os acordos de cooperação internacional, tanto para a graduação, quanto para a pós-graduação, só não lidam com os convênios, que são diferentes dos acordos por envolverem bolsas. Em resumo, nas suas palavras, a DRI basicamente lida com a gestão das mobilidades e com a gestão de acordos internacionais, além da recepção de estudantes internacionais, que ficou muito mais prática depois da criação do ProInt, que veio para agregar, já que a diretoria por si só não tem pessoas o suficiente para exercer as ações que o ProInt faz.

Professora Vera, representante do BRAFITEC, lembra que o programa teve seu início em 2003, portanto, tem uma história de longa data entre o Brasil e França na área da engenharia. O principal objetivo é a mobilidade e estudantes e docentes, para isso, vários professores que fizeram doutorado na França fizeram parcerias. Alguns desses professores voltaram para o Brasil e continuaram essas parcerias.

A PROGRAD possui três papéis fundamentais segundo o pró-reitor: realizar o ingresso do estudante; cuidar da diretoria de registros acadêmicos e; acompanhar o vínculo institucional do aluno durante toda a graduação.

A ideia da CPI, segundo o prof. Ernesto, é fazer uma discussão sobre políticas linguísticas justamente em junção do projeto de internacionalização. A função do comitê é fazer isso se tornar um documento aprovado pelos órgãos. As políticas linguísticas atingem várias dimensões como a capacitação de professores, proporcionar experiências bilíngue para quem não tem, averiguar as línguas que estão envolvidas no processo de internacionalização, assim como também cuidar do português.

O ProInt nasceu como uma iniciativa da atual gestão Diretoria de Relações Internacionais (DRI), assim que assumiram que entenderam que era necessário dividir suas ações. No início, foram criados cinco comitês formados por professores de diferentes áreas do saber, CAC, COM, CPL, CAB e CPI. Após um ano desde as suas formações, viu-se necessária a participação discente, e assim surgiu a ideia do ProInt, formado por graduandos bolsistas que pudessem atuar na integração de estudantes internacionais, promoção de eventos de cultura e de

acolhimento. Seu objetivo principal seria promover e refletir sobre ações de ensino, pesquisa e extensão, nos moldes do PET, para que, participando desse processo, esse grupo de estudantes coordenados por professores, pudessem entender o que a UFU poderia fazer para melhorar suas práticas de internacionalização.

O Reitor discorre sobre como a administração pública nas universidades, tem sido bastante desafiada ultimamente. Muitas coisas consideradas superadas no passado, voltaram a ter que ser repensadas. Questões como autonomia universitária, acreditava-se que era algo superado, mas estamos observando que isso retorna de novo à discussão. Outros temas que voltaram a discussão são os da assistência estudantil, da política de cotas, que o reitor considera muito acertadas, mas que não basta o estudante ingressar por cotas, ele precisa ter a permanência e a formatura. Mais uma questão que tem surgido com muita intensidade é o financiamento das pesquisas, da cultura e das artes. Ultimamente essas questões têm sido o objetivo principal da reitoria.

A prof. Verônica do CPI aponta que ele foi criado pela DRI com o objetivo de fazer essa gestão mais ampla da internacionalização dentro da UFU, não cuidando apenas da política e implementação, mas também de ações que possam promover a internacionalização nos diferentes níveis do ensino. Ela reitera que os membros do CPI acabam atuando em diversas atividades, como as ações do ProInt, CAC, PROPP, DRI, da formulação e implementação do plano institucional de internacionalização (tanto no cumprimento de objetivo quanto nas metas), assim como participam dos rankings (os novos comitês criados para melhorar o posicionamento da UFU).

O Comitê de Acordos de Cooperação (CAC) tem como objetivo, segundo o professor Rubens, de propor, revisar, acompanhar e avaliar ações relacionadas aos acordos de cooperação internacionais no âmbito da DRI. O CAC é um comitê assessor da DRI que atua estimulando o estabelecimento de acordos de cooperação entre as IES estrangeiras e a UFU, vem como fomentando a operacionalização dos mesmos, ajudando no processo de elaboração dos memorandos de entendimento e dos acordos específicos de cooperação. Assim, o CAC exerce um papel bastante ativo, buscando viabilizar no menor tempo possível a assinatura do acordo de cooperação, o que nem sempre é uma tarefa simples, haja vista a burocracia existente por parte das IES participantes.

4. Qual tem sido o papel do comitê na formulação de políticas de internacionalização da UFU?

Para a ProPP, não existem políticas de internacionalização propriamente ditas, o que existe é um plano criado pela necessidade imposta pelo edital 041/2017, que buscou manter uma interface com aquilo que o PIDE indicava. A ProPP intenta estabelecer uma política em parceria com a DRI, deixar uma internacionalização mais institucional.

O diretor da DRI afirma que a diretoria tem um papel decisivo, já que foi quem impulsionou a criação do plano de internacionalização (PINT), que é um plano que organiza e define melhor os pontos definidos no PIDE. Esse plano foi desengajado pela DRI, e ela formou parte na comissão que o aprovou no ano de 2018. Além disso, a DRI sempre movimenta a internacionalização e a implementação das políticas.

Para a Sra. Érika da DRI, às políticas tem a ver com promover debates que sejam uma vantagem da instituição. Como exemplo, ela se pergunta qual o objetivo da UFU, se ela tem alguma estratégia de internacionalização, onde ela quer chegar e com quais países deseja se relacionar? Tendo isso em vista, os comitês implementados acabam gerando um maior debate entre os institutos, os professores e a DRI, todos pensando juntos para a construção dessa política de internacionalização da UFU, com ações como a reconstrução da resolução de mobilidade internacional, a padronização dos exames de proficiência com o comitê de políticas linguísticas, entre outras.

A Sra. Lumia da DRI aponta que o que se pode falar sobre a formulação de políticas é o que vemos sendo feito pelo professor Waldenor. Diz que ele tem uma visão muito ampla do que é a internacionalização e ele tenta instituir isso na universidade e nós vemos que não é um trabalho fácil, é muito difícil pois envolve mudança de cultura da universidade. Diz que atualmente, a universidade entende que a internacionalização é a DRI, que é um papel específico da DRI, mas seis servidores e o ProInt não conseguem fazer a internacionalização da UFU e nem deve, pois para que a universidade ser internacionalizada, todos os seus departamentos precisam ser internacionalizados. Sendo assim, a tarefa primordial estabelecida pelo professor Waldenor é mostrar isso, que a internacionalização é para toda a comunidade da UFU, todos precisam contribuir e participar. Com isso

em vista, a senhora Lumia considera que o primeiro passo é a conscientização do que a internacionalização, e a partir disso, a semana da internacionalização é outro fator de extrema importância, por último, o incentivo ao aprendizado de idiomas como parte da política linguística.

Sobre o BRAFITEC, a prof.^a Vera aponta que ele não tem um papel na internacionalização da universidade como um todo, mas sim da FEMEC em específico, e lembra que o programa é uma confiança do francês, visto que é um programa de sucesso. Através dele, os melhores alunos são enviados para a França, e existe um acompanhamento desses estudantes. Todo ano existe um fórum para discutir o que deu certo, o que deu errado e o que pode ser melhorado. Então, o BRAFITEC é fundamental para a internacionalização da UFU e principalmente da FEMEC, porque esse relacionamento de professores que se iniciou no BRAFITEC, se estendeu ao PRINT.

O Pró-reitor de graduação mostra que as principais ações da PROGRAD são a parceria com a DRI e a ProPP, ouvir e atender demandas, apoiar as ações da DRI. O pró-reitor acredita que a PROGRAD realiza mais apoios do que execução de fato, além disso, dá atenção para a falta de documentos bilíngues.

O Comitê de Políticas Linguísticas ainda não avançou muito nessas questões pelo fato de ainda não ter conseguido estabelecer um documento final. Professor Ernesto cita o caso de um aluno que sai para um intercâmbio e que precisa voltar com um nível de proficiência maior do que quando chegou ao país, o comitê ainda não tem um documento concreto sobre isso.

O ProInt participou da concepção do plano, a prof.^a Valeska ressalta que nas primeiras reuniões que aconteceram, o plano de internacionalização era uma minuta que seria aprovada, então o papel do ProInt foi estudá-lo e pensar em que o grupo conseguiria contribuir. Ela dá o exemplo de que um dos itens do plano é a realização de um evento anual para pensar o que a UFU estava fazendo de internacionalização, a partir daí o ProInt executou o Inter UFU 2018, que se repetiu em 2019. Essa é uma ação específica do plano. Todas as ações relacionadas aos discentes que constam no plano, foram assumidas pelo ProInt.

O papel da Reitoria tem sido fundamental, disse o reitor. Nos últimos anos tem crescido muito as oportunidades de internacionalização e a universidade tem que acompanhar isso. A grande questão, ressalta, é o financiamento. O programa

Ciências Sem Fronteiras teve alguns contratemplos. Algumas políticas não muito adequadas foram usadas, mas era uma fonte de financiamento especialmente para a troca de alunos de graduação. Ele considerou isso um aspecto muito importante. A reitoria tem incentivado, porém muito mais importante do que assinar um acordo de cooperação internacional, é a sustentabilidade deste acordo. Ele questiona “Se for no exterior e assinar um acordo de cooperação, quem vai fazer?”, a resposta que ele mesmo deu é que não é o papel da reitoria assinar acordos sem que eles tenham a devida sustentabilidade. Sendo assim, o papel da reitoria deve se encaminhar no sentido de incentivar ações desenvolvidas por professores, técnicos administrativos e estudantes, não ficar só querendo assinar acordos de cooperação. Os acordos vão ser assinados, ressalta, isso é muito importante, mas desde que eles se sustentem. Os grupos de pesquisa ou de ensino que tem interesse naquele país, instituição ou projeto, é que são os atores mais importantes da internacionalização.

A Professora Verônica do CPI ressalta que a política atual foi feita com muita rapidez para atender o edital da CAPES e o Print, então acabamos ajudando para montar o plano junto com a força tarefa montada (análise de dados, metas e objetivos). Muito do que já tinha estruturado no CPI ajudou a fazer a redução do plano.

O CAC faz o meio campo no processo de construção de um acordo de cooperação. Nesse cenário, o CAC vem auxiliando os envolvidos no atendimento aos aspectos legais exigidos para a assinatura do acordo. Esta vem sendo a atuação típica do CAC, ou seja, como um comitê que dá apoio ao Comité de Políticas de Internacionalização (CPI). Assim sendo, o seu papel na formulação da política de internacionalização da UFU é apoiar a DRI e o CPI na operacionalização dos acordos.

5. A internacionalização do ensino superior é uma prioridade na UFU?

O Pró-reitor da ProPP não vê como uma prioridade, apenas um ponto a mais, como exigência da Plataforma Sucupira, ela registra e avalia os programas de graduação, tem um ponto de internacionalização. A UFU tem prioridade dos

projetos que têm orçamentos, além disso, não existe preocupação institucional pela internacionalização.

Para o diretor da DRI, é uma prioridade como uma aspiração, mas existe uma falta de recursos e orçamentos nesse âmbito, e isso indica que é uma prioridade com limites. Deve ser aprimorada em todos os âmbitos de maneira geral e coordenada.

A Sra. Érika afirma que é sim, nos dias de hoje, parte disso graças ao esforço do professor Waldenor, que entra em contato com os órgãos administrativos superiores para realizar melhorias. Então, ela entende como prioridade, pois se existe um diretor que pensa junto a equipe, que leva demandas para a administração superior tentando resolver, ela entende como uma prioridade sim.

Para a Sra. Lumia, é difícil classificar. Ela vê e sente como o governo federal não tem dado suporte para a universidade, então talvez não seja uma prioridade na UFU, mas está caminhando para ser, pois ela vê a quantidade de programas de mobilidade que aumentou em relação aos anos anteriores. Mas é muito reflexo do governo federal pois por exemplo, antigamente se tinha o Ciência Sem Fronteiras e o Idioma Sem Fronteiras, e ambos não existem mais.

O Pró-reitor de graduação acredita que no ponto de vista da intenção, é uma prioridade, mas no ponto de vista da execução, nem tanto. Acentua a falta de preparo do corpo de professores e de alunos, nas questões linguísticas, aponta que a UFU está longe do sistema de creditação de universidades, além de haver resistência para o processo e grupos de pessoas que dizem quem coisas relacionadas a internacionalização são coisas de alto padrão.

Professor Ernesto do CPL indica que é uma prioridade na medida do possível, ela passou a ser da agenda, e isso já é um avanço já que antes não era vista com prioridade nenhuma.

A professora Valeska defende que não é uma prioridade ainda. Sob a perspectiva do ProInt, sempre são encontradas muitas barreiras. A DRI não possui uma rubrica de gastos, os recursos de tudo que é feito é promovido por outros órgãos da universidade, e como o ProInt está submetido a DRI, é necessário encontrar formas para ter subsídio. Ela ressalta que por causa disso, muitas coisas são pagas pelos próprios coordenadores. Se a internacionalização fosse de fato uma prioridade, o projeto já teria uma rubrica separada para as suas ações. Ela

diz que contam com a contribuição da PROGRAD, o PROPP e da própria reitoria, que estão sempre abertos para atender, mas a partir do momento em que é necessário fazer essas demandas, acredita que não seja prioritário.

O Reitor afirma que é uma das ações prioritárias da universidade, e que a dificuldade está no financiamento, mas a ação de internacionalização é prioritária. Inclusive, a internacionalização em casa é prioritária, pois não precisa do financiamento para mandar alguém para fora. Então, há sempre oportunidades.

Na Visão da representante do CPI, sim, é uma prioridade por estar prevista no Plano Institucional de Desenvolvimento (PIDE), então como ela está prevista, acaba tendo que ser uma prioridade, embora não seja um dos pilares, ele norteia os quatro. E o fato de estar no PIDE e ter sido elaborado o plano institucional de internacionalização, e a criação dos comitês, do PrInt focando desde o aluno da graduação, alunos mais jovens, e o financiamento do CAPES Print jogaram uma nova luz, dando um impulso na internacionalização.

Para o prof. Rubens, essa é uma pergunta que possui uma resposta muito complexa. Ele concorda que sem dúvida é uma prioridade na UFU, e a DRI vem trabalhando arduamente para acelerar o processo. Contudo, a internacionalização é um processo lento, cuja construção demanda recursos e significativo esforço de todos os envolvidos na UFU. É nesse ponto, na sua opinião, que a resposta se torna complexa, pois o momento pelo qual o país passa, tende a desestimular os investimentos necessários para fomentar o processo de internacionalização, cortando verbas importantes para a viabilização do processo.

A prof.^a Vera do BRAFITEC não opinou sobre essa pergunta.

6. Quais são as prioridades em termos de internacionalização de serviços, ensino, pesquisa e extensão?

Na visão do professor Carlos, não existem grandes ações administrativas focadas na internacionalização na questão de serviços, apenas a DRI, que embora esteja indo muito bem, não é suficiente. Na área da pesquisa, é só o PrInt que oferece um pouco a internacionalização de maneira pessoal para cada pesquisador, mas não de forma institucional. No Ensino, a ProPP não tem objetivo em estudo além da pesquisa de pós-graduação.

O diretor da DRI destaca que na área de serviços, a DRI se foca mais na internacionalização, tendo um papel primordial. No ensino, para compatibilizar disciplinas em outras línguas, avaliação e aproveitamento de créditos e para recompensar o currículum. Na pesquisa, tem um maior avance, pelos orçamentos o CAPES e BRAFITEC, e são os pesquisadores quem mantém acordos para manter a mobilidade vivos.

A Sra. Érika acha que as prioridades estão basicamente nos programas e nos editais, em especial na mobilidade de discentes. Sendo assim, ela conclui que a prioridade estaria no campo do ensino.

Para a Sra. Lumia considera que na parte do ensino e pesquisa também reflete ao governo federal: a prioridade tem sido a pós-graduação devido ao Print. E para serviços, ela acredita que existem poucas políticas.

O representante da PROGRAD, discorreu brevemente sobre algumas áreas, mas ele acredita que a prioridade precisa estar em todos os tópicos, mas que está mais avançado no campo da pesquisa.

Professor Ernesto do CPL cita a DRI como série de iniciativas que ainda não tinham sido vistas antes, convênios, políticas, e fala que tudo isso afeta a internacionalização nesses aspectos, ensino e pesquisa.

A professora Valeska aponta que pela ótica do ProInt, a mobilidade parece ser uma das prioridades. Acordos de cooperação com outros países. É possível ver isso quando há um feedback dos lugares visitados, como quando o ProInt ajudou na recepção dos timorenses. Foi presenciado entre o ano de 2018 e 2019, uma ampliação do leque de países de onde essas pessoas estavam vindo, então, foi percebido que a mobilidade é bem fomentada.

O Reitor afirma que ensino e pesquisa caminham juntos no projeto de internacionalização, porque os vários exemplos que são conhecidos, sempre vão estar envolvidos estudantes de pós-graduação e pesquisadores. É necessário encontrar maneiras criativas de fazer a internacionalização da extensão. Ressalta que as vezes no Itamaraty, se fala muito de cooperação norte-norte, norte-sul, sul-sul. O Brasil pode ter ações de extensão tanto Sul-Sul como Sul-Norte. Há coisas que fazemos aqui podem ser muito úteis para a comunidade internacional. Resta saber os mecanismos pelos quais poderíamos colaborar.

Para a prof.^a Verônica, a prioridade acaba sendo ensino e pesquisa, pensando em internacionalização e nos critérios de formação dos rankings, porque a pesquisa resulta em publicações internacionais, acaba sendo muito visível como resultado. E o ensino que nos permite atrair alunos e professores estrangeiros, e formar nossos alunos para que eles possam concorrer a vagas no Brasil e no exterior no lugar de interesse dele. Então, ela acha que esses dois são os mais fáceis de visualizar retorno.

O Representante do CAC disse que tem a tendência de afirmar que as prioridades em termos de internacionalização estão concentradas em ensino e pesquisa, que são aquelas nas quais se tem visto ocorrer a assinatura de acordos de cooperação com maior frequência dentro do CAC. Entretanto, ele não pode afirmar com certeza que as outras áreas (serviços e extensão) não sejam prioritárias.

7. Em sua concepção, existe alguma área de estudos priorizada?

Para a ProPP, segundo o professor Carlos, a prioridade é unicamente a pós-graduação, a causa também da falta de financiamento, não deixa mais recurso para mais disso. É só do BRAFITEC, ou de fundações privadas que oferecem o mínimo necessário para o tentar fazer uma mobilidade, mas é só o mínimo possível, e a maioria vão por conta própria.

Segundo o professor Waldenor, pelos orçamentos do PrInt, a priorização é a pós-graduação, mas a UFU não mostra interesse por priorizar uma área mais do que a outra. E BRAFITEC, pelo seu orçamento, é mais aplicado nas engenharias, as áreas de biomedicina e engenharia são mais internacionalizadas no âmbito da graduação.

Professora Vera acredita que tudo começou com a graduação. Já no caso da pós-graduação, ela dá um exemplo onde um professor foi para a Noruega para acompanhar um ensaio pago por uma indústria, e isso agrega a pós-graduação. Não se pode priorizar a graduação ou a pós-graduação. O BRAFITEC diminuiu muito as bolsas e tirou-se todas as bolsas do Ciência Sem Fronteiras. Ela considera uma pena o Ciência Sem Fronteiras ter acabado, acredita que foi feito de forma errada. Deveria ter muito menos bolsas e escolher os melhores estudantes de todas as áreas. Porque hoje ela vê muitas coisas nas engenharias

que não vê em outras áreas. Se pergunta onde está a área das humanidades, e a medicina, considerando que falta essa questão. Ela reforça que estão priorizando a pós-graduação, mas que acredita que deveria ser igualmente priorizada a graduação e diferentes áreas do conhecimento.

A Sra. Érika afirma que, na UFU, antes do PRINT, a priorização era da graduação, mas depois dele, o foco se tornou a pós-graduação.

Para a Sra. Lumia, não existe uma priorização, pois, por exemplo, quando foi acontecer a implementação do PRINT, houve uma reunião com os representantes de todas as áreas da pós-graduação que já foram aprovadas pelo MEC para participar e abrirmos a mobilidade para todos eles. Alguns programas são mais específicos, como por exemplo o BRAFITEC, Eiffel e MARCA, para as engenharias de um modo geral. Mas, ela não afirma que é uma prioridade dessa área porque esses são programas que os professores foram atrás, submeteram os seus projetos e conseguiram. Então, não são escolhas da DRI e nem da universidade, é de quem corre atrás e consegue os projetos. Quando bolsas são oferecidas para a UFU, são abertas portas para todos os cursos.

O pró-reitor de graduação acredita que a pós-graduação é prioridade, até porque ela tem programas para isso, como o PrInt. Ele também cita a falta de preparo dos programas, entre outros, no que diz respeito à graduação. Falta uma regulamentação.

O Professor Ernesto do CPL afirma que não sabe apontar uma prioridade, visto que as regiões que têm mais demanda podem estar mais a frente por conta disso. Ele cita a resolução referente aos recursos que podem ajudar a dar aulas em outras línguas.

A Professora Valeska aponta que não existem muitos dados sobre isso. Houve a realização de um termômetro de onde está a internacionalização, dois dos membros do PrInt foram buscar dados. Na DRI só foram encontrados dados da graduação. Ao que parece, prossegue, na pós-graduação, não existem os mesmos trâmites. Então, tem alguns alunos bolsistas que vêm pelo OAE. Então, existem alguns pós-graduandos que vêm com algo mais formalizado, mas na maioria das vezes eles têm contato direto com os programas. Então os convênios são estabelecidos, isso não passa pela DRI, e o PrInt não tem acesso a isso. Ou seja, pelo conhecimento que se tem, parece que a graduação é priorizada, mas

seria leviano afirmar isso pois não se tem os dados da pós-graduação para fazer uma comparação. E é isso que o ProInt está buscando.

O reitor afirma brevemente que não existe uma prioridade, mas sim uma facilidade de financiamento para a pós-graduação.

Segundo a prof.^a Verônica, no plano de internacionalização da UFU, não existe prioridade, mas inclusive na questão orçamentária, e o fato do PRINT ser voltado para a pós-graduação, hoje em termos de recurso financeiro, temos o apoio para a pós, para a graduação, dependemos de acordos. Aporte significativo para a pós-graduação, não que seja uma prioridade da UFU, mas é o que acontece.

Para o representante do CAC, ambas as áreas acadêmicas citadas na pergunta estão priorizadas nas ações desenvolvidas pelo comitê, pois eles têm constatado que tanto os acordos de Duplo Diploma quanto os acordos específicos em pesquisa e desenvolvimento vem sendo assinados no âmbito da DRI.

8. Essas políticas incluem alguma prioridade geográfica?

Segundo o professor Carlos, a França é mais priorizada pela tradição, mas existem outros países onde se focam, mas isso depende das áreas de estudo e em que país se está sendo realizado pesquisas nessas áreas e é possível gerar uma troca de conhecimentos.

O diretor da DRI afirma que para estudantes sem bolsas, não existem prioridades, mas a prioridade se torna para a França na graduação, pelas bolsas, porque são uns recursos assegurados e estáveis. Do PrInt, existem países prioritários como França, Canadá, Inglaterra, EUA, México e Espanha.

A representante do BRAFITEC, diz que a América do Sul é difícil, pois os alunos da UFU não costumam querer ir para os seus países. Prioriza-se a Europa continental, porque é pago, O BRAFITEC prioriza os países que oferecem o ensino gratuito.

Sra. Érika indica que não vê prioridade geográfica. Mas reconhece que é fato que deveria ser discutido. Hoje a prioridade é firmar acordos, mas nada com um pensamento estratégico de países ou regiões.

A Sra. Lumia não diria que seja uma prioridade, mas afirma que é possível ver onde a UFU tem mais cooperação do que outras e isso é nítido. É visível que

a universidade tem mais acordos com universidades europeias, latinas e da América do Norte.

O pró-reitor de graduação afirma que há prioridade por questões de programas como o BRAFITEC, também cita um programa para licenciaturas em matemática, por conta disso, os alunos acabam indo para França, Portugal e outros países europeus.

Professor Ernesto acha que a prioridade está mais voltada para universidades europeias e estadunidenses. Não vê intercâmbio forte com a África ou com a América Latina. Isso não depende só da gestão e administração, mas é algo que precisa ser pensado, afirma.

A professora Valeska afirma que é claro, pela demanda que se tem no português como língua estrangeira, que há uma vinda muito frequente da França. Não é uma estadia tão longa quanto países que assinam por um acordo de graduação como a Nigéria, Cabo Verde e outros. São estágios mais curtos, especialmente voltados para engenharia, mas parece ser um volume maior. No *outgoing*, existe uma prioridade para a Europa, especificamente para a França e talvez Portugal, provavelmente por causa de um aspecto linguístico. Já para o México e Colômbia, não conseguimos preencher totalmente o número de bolsas disponíveis. Parece haver um desinteresse de mobilidade para países da América Latina.

O reitor começa sua resposta com a indagação “internacionalização para que?”. Se o aluno quer desenvolver um projeto de pesquisa altamente sofisticado em qualquer área de conhecimento, é natural que sejamos levados a pensar em países que detêm essa tecnologia que buscamos aprender a compartilhar. Portanto, depende muito do projeto que está sendo desenvolvido. No caso da UFU, existe uma tradição muito grande de cooperação com países da Europa e com os EUA, com experiência menor com países da América Latina. Países da África existem ações isoladas. Para países em desenvolvimento, na situação do Brasil e de maior dificuldade econômica que o Brasil, é evidente que o financiamento da cooperação fica mais difícil. Mas não é porque existe uma prioridade. Dependemos muito das ações do governo, dos projetos de governo. Deveríamos ter muito mais cooperação do que temos hoje.

Professora Verônica afirma que sim, existe uma prioridade geográfica, visto que o CAPES Print prevê os países preferências, pode ter parcerias com o mundo todo, mas a parceria está nos países que contam no edital. Na UFU, se trabalha com diferentes parceiros, só que para usar a verba do CAPES PrInt é necessária atenção, pois existe um certo limite.

Para o representante do CAC, em princípio não existe essa prioridade, contudo, é importante ressaltar que as universidades dos países asiáticos vêm demonstrando uma posição de maior proximidade com a UFU. Esta postura é importante para que a UFU possa consolidar a política de internacionalização.

9. O papel dos comitês na implementação da política de internacionalização da UFU?

Na visão do Prof. Carlos, Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (ProPP), não existe uma política de fato, mas sim um plano de internacionalização, cujo cumprimento se deve às atribuições da DRI e da PROPP, de tal modo que a partir desses esforços será possível criar uma política de internacionalização institucional.

O papel da DRI nesse processo, segundo seu diretor, prof. Waldenor, consiste na criação de comitês temáticos e de projetos como o ProInt, além do aperfeiçoamento dos editais para internacionalização, criação de um calendário com as datas dos editais, divulgação das informações por meio das redes sociais, adequação do site da diretoria e estabelecimento de parcerias privadas como a Fundação Santander. Em outras palavras, o Prof. Waldenor frisa a necessidade de “(...) melhorar os processos internos da DRI para melhorar o sistema (...”).

A prof. Vera, entrevistada representante do BRAFITEC, acredita que o papel deste comitê na implementação da política de internacionalização da UFU se assemelha ao realizado na formulação de tais políticas, tornando o BRAFITEC, portanto, elemento essencial no processo de internacionalização da UFU e da FEMEC, haja vista a confiança depositada pelos franceses neste programa de mobilidade e o relacionamento de docentes que se iniciou no comitê e se estendeu ao PRINT.

Na perspectiva das funcionárias entrevistadas da DRI, sra. Érika e sra. Lúmia, a diretoria assume uma importância primordial nessa fase de implementação, tendo inclusive um papel indutor no que diz respeito ao estímulo à

participação da comunidade, além da convocação de reuniões, proposição de pautas e elaboração de documentos. A senhora Lúmia ainda conclui considerando que “(...) talvez cabe à DRI aumentar o alcance dessas atividades”.

De acordo com o Pró-Reitor de Graduação, a PROGRAD não desempenha ação direta na implementação da internacionalização da universidade, tendo sua atuação mais voltada a apoiar os órgãos que mais ativamente promovem esse processo.

Para o prof. Ernesto, vice-presidente do Comitê de Políticas Linguísticas (CPL), o órgão ainda não considera este papel como decisivo, tendo uma participação muito tímida.

O ProInt, na visão da coordenadora Valeska, assume um papel de caráter executivo, no sentido de concretizar as ideias que estão dispostas no documento do PID. Como exemplo, ela cita o evento *Happy Hour das Nações*, no qual a prática de cada membro levar a culinária de seu país e socializar com os demais é uma forma de materializar a ideia de diversidade cultural e assim, expandir as limitações acadêmicas.

Como conclusão, ela ressalta a possibilidade de pertencimento da DRI a uma esfera acadêmica e de extensão, através da inserção dos eventos pela plataforma SIEX. Além disso, pode-se observar a implementação de ações cíclicas com o exercício de aplicação de pesquisas de opinião, sistematização das ações, reflexão e revisão do processo.

Para o reitor Valder, a Reitoria tem a função de apoiar a implementação da internacionalização na universidade, de modo que quem faz esse processo acontecer de fato são os estudantes, discentes e técnicos administrativos. De modo geral, o papel se resume em incentivar, abrir portas e buscar por apoio financeiro.

O prof. Rubens, representante do Comitê de Acordos de Cooperação (CAC), acredita que o comitê tem assumido uma participação bastante ativa neste processo, viabilizando no menor tempo possível a assinatura dos Acordos de Cooperação e atuando como mediador na sugestão de soluções para eventuais conflitos nos textos de tais documentos das instituições de ensino superior.

Ainda que esta pergunta se refira ao papel especificamente desempenhado por cada comitê para a implementação da política de internacionalização da UFU, é possível notar alguns pontos convergentes entre as respostas, ou seja, aspectos

que foram abordados por mais de um(a) entrevistado(a). Desse modo, temos o papel de apoio que alguns comitês assumem neste processo, como a PROGRAD e a Reitoria, e uma maior agência e iniciativa por parte da DRI, com iniciativas indutoras e propositivas.

Como elementos divergentes, isto é, pontos que foram mencionados isoladamente em alguma resposta, podemos destacar: a inexistência de uma política, mas sim de um plano de internacionalização; a celeridade alcançada no processo de assinatura dos Acordos de Cooperação e a concretização das ideias estabelecidas pelo PID.

10. Como o comitê avalia as metas de internacionalização previstas no Plano Institucional de Desenvolvimento (PIDE)?

De modo geral, o cumprimento de tais metas se dá com muita dificuldade, segundo o prof. Carlos. Para as diferentes situações há os ajustes necessários e até outros setores da UFU são provocados para a realização dessas metas, principalmente no que diz respeito aos orçamentos.

O prof. Waldenor acredita que as metas são contínuas e podem ir se ajustando conforme as necessidades que porventura surgirem. Ainda que a maioria vem sendo cumprida, ainda é preciso maiores orçamentos para garantí-las.

A prof. Vera, representante do BRAFITEC, declarou não saber como este comitê avalia as metas de internacionalização dispostas no PIDE.

As funcionárias sra. Érika e sra. Lúmia responderam de acordo com cada meta especificamente. Para a meta 1393, que se refere à adequação estrutural para melhor atender a internacionalização, ambas concordaram, tendo a Érika frisado a importância dos recursos humanos. Na meta 1425, que diz respeito à promoção de um plano institucional de internacionalização da UFU para elevar seu reconhecimento mundialmente, a sra. Lúmia concorda e a sra. Érika complementa dizendo que é uma tarefa difícil que exige muito trabalho.

Quanto à meta 1415, sobre o incentivo à mobilidade tanto para a UFU quanto para universidades de outros países, ambas concordam que essa ação já existe precisando apenas aumentar o número e melhorar a recepção dos estudantes internacionais, segundo a Sra. Érika. Com relação à meta 1411, que versa sobre a necessidade de favorecer o reconhecimento mútuo entre cursos da UFU e de

universidades de outros países, a sra. Érika considera que os estudantes em mobilidade, tanto os da UFU (*outgoing*) quanto os de outros países (*incoming*), representam suas instituições de origem, de modo que os primeiros devem preservar uma boa conduta e ser bons alunos, e os segundos devem ser bem recebidos. Essas ações podem gerar bom reconhecimento para a universidade, assim como as pesquisas desenvolvidas pela comunidade da UFU. Já para a Sra. Lúmia, ainda que algumas atividades já aconteçam nesse sentido, esta meta ainda se encontra em fase embrionária. No que se refere à meta 1405, sobre o estímulo à participação dos cursos da UFU em processos de acreditação regional e internacional, ambas reconhecem que apenas dois cursos (Agronomia e Engenharia Mecânica) têm acreditação no MERCOSUL, sendo necessário, portanto, expandir isso a outras áreas. Para Érika, no que concerne à meta 1391, que se refere a dar visibilidade da dimensão internacional à comunidade universitária, isto é uma questão da DIRCO, de maneira que eles são envolvidos para divulgar as ações da DRI. Enquanto que para a sra. Lúmia, esta meta é importante, porém embrionária. Quanto à meta 1390, sobre aprimorar a internacionalização na UFU, ambas concordam que é importante, sendo necessário aprimoração constante.

Para o pró-reitor de graduação, as metas têm sua relevância, mas sofrem obstáculos estruturais para seu pleno cumprimento, ficando mais fácil a proposição do que a execução. Já segundo o Ernesto, o comitê de Políticas Linguísticas ainda não tem uma avaliação sobre as metas.

Na perspectiva da prof. Valeska, as metas são gerais, porém factíveis e ambiciosas, sendo necessário investir mais tempo e recursos.

De acordo com o reitor Valder, o PIDE analisa as condições e as possibilidades da universidade em um período de tempo determinado, geralmente de seis anos, sendo possível acontecer alguns contratemplos. Como exemplo, ele comenta que “(...) ao elaborar as metas de infraestrutura da universidade, ninguém imaginou que fôssemos ter um período com tão poucos recursos para investimento. O PIDE olhava para esses seis anos de uma maneira mais positiva e isto não se verificou (...). Já com relação à internacionalização, as metas foram bem estabelecidas, contribuindo para que a UFU fosse contemplada pelo PRINT, mesmo que o momento fosse de carência de recursos.

Para o prof. Rubens do CAC, as metas de internacionalização foram estabelecidas com base em premissas sólidas e realizáveis e refletem situações possíveis de serem alcançadas no médio prazo, sendo abarcadas pelo arcabouço de uma política consistente com a realidade da UFU. Como conclusão ele afirma “(...) Importante destacar que as metas de internacionalização estão sendo alcançadas graças ao esforço e empenho individual do Diretor da DRI e de todos os servidores que compõem a DRI.”

Analizando as respostas apresentadas sobre este tema, podemos notar que a viabilidade das metas e as dificuldades estruturais e orçamentárias para seu pleno cumprimento são alguns pontos de convergência entre os(as) entrevistados(as). Já o papel norteador do PIDE foi um elemento citado isoladamente.

11. De que maneira sua área tem contribuído para o cumprimento destas metas?

Para o Pró-Reitor da PROPP, ainda que estas metas sejam ambiciosas, é possível cumpri-las, necessitando apenas de uma organização institucional na internacionalização que ainda não existe.

Na visão do prof. Waldenor, a DRI tem contribuído com o aumento do número do pessoal administrativo, promovendo o Plano e criando ações para melhorar a visibilidade da UFU em férias e eventos, além da realização de projetos como o ProInt. Ainda assim, muitas metas não conseguem ser atingidas pela falta de orçamentos.

Por outro lado, a prof. Vera acredita que o BRAFITEC não está contemplado pelo PIDE e nem deveria, uma vez que o Plano é muito amplo, ao passo que o BRAFITEC é mais restrito às engenharias.

Na perspectiva da Sra. Érika, a DRI vem fazendo sua contribuição com a recepção dos estudantes internacionais, tentando atendê-los da melhor maneira possível para que isso possa causar uma boa impressão e atrair outros alunos. Para a Sra. Lúmia, a participação da DRI se dá pela gestão e acompanhamento das mobilidades e, principalmente, com o aperfeiçoamento do processo de internacionalização, considerando ainda que o reconhecimento mútuo entre os cursos da UFU e de outras universidades não é um papel da Diretoria, mas sim das unidades acadêmicas.

Para o Pró-Reitor de Graduação, a PROGRAD contribui com o apoio à DRI e o reconhecimento de que este é um canal muito importante. Segundo o representante do CPL, o comitê tem atuado nesse processo com tentativas de criar políticas linguísticas.

Para o prof. Valder, a Reitoria tem contribuído com incentivo e identificação de oportunidades.

Para a prof. Verônica, o CPI é essencial no cumprimento dos objetivos e metas por ser o comitê responsável por fazer o acompanhamento da implementação das ações, por isso tem-se o quadro de objetivos e metas do CPI.

Na visão do prof. Rubens, o CAC tem colaborado buscando viabilizar, em menor tempo possível, a assinatura dos Acordos de Cooperação, analisando e revisando os documentos envolvidos neste processo, bem como atuando junto aos responsáveis pelos Acordos para solucionar eventuais pontos de dúvida que possam surgir no decorrer dos trâmites.

Considerando as respostas mencionadas, é possível identificar poucos pontos de convergência, uma vez que a pergunta se refere à contribuição que cada área tem feito para a internacionalização. São eles: a necessidade de aumentar os recursos humanos e de reconhecer e apoiar a DRI.

Por outro lado, como elementos emblemáticos, podemos citar o papel da recepção dos estudantes internacionais, a necessidade de organização institucional, o acompanhamento com o quadro de objetivos e metas do CPI e a celeridade na assinatura dos Acordos de Cooperação.

12. Quais são as 3 principais razões que têm levado a UFU a se internacionalizar?

Segundo o prof. Carlos, os motivos que conduzem a internacionalização da UFU se referem à importância de manter a conexão com o mundo, a possibilidade de compartilhar conhecimento e a responsabilidade política com respeito às gerações futuras. De forma semelhante, o prof. Waldenor também menciona as trocas de conhecimento e o contato com o meio internacional, acrescentando ainda o PrInt, que viabilizou a internacionalização e o PIDE que tem algumas diretrizes importantes.

Para a Sra. Érika, técnica da DRI, as razões estão voltadas a atribuir maior visibilidade à UFU e aumentar as chances de realização de mobilidades. Sobre este último ponto, a Sra. Lúmia considera que a mobilidade tem sido um motivo relevante pela oportunidade de os alunos e professores irem a outros países e conseguirem aplicar coisas novas nas suas pesquisas quando voltam para o Brasil. Além desse fator, a internacionalização na UFU ocorre em função das políticas federais, como o Ciências Sem Fronteiras e o PrInt, de modo que para obter financiamento, a universidade precisa ser internacionalizada.

Para o Pró-Reitor de Graduação, o vínculo com o movimento global, a possibilidade de melhor formar e capacitar os estudantes, assim como o estabelecimento de convênios e intercâmbios na graduação e na pós-graduação são as razões centrais para a internacionalização na UFU.

Na visão do prof. Ernesto, o motivo gira em torno de criar uma consciência sobre o que é a universidade, sendo ainda necessário avançar no conceito de internacionalização.

Segundo a prof. Valeska, além do esforço empenhado por parte da DRI, há um alinhamento da Diretoria com a Reitoria, devendo se estender ainda a demais órgãos e a descentralização proposta pela gestão do prof. Waldenor.

O Reitor Valder destaca a relevância de a universidade se relacionar com o universo que a cerca por meio da internacionalização, além do interesse dos pesquisadores em avançar nos estudos contando com ajuda internacional e, sobretudo, no estabelecimento de parcerias do tipo ganha-ganha, no qual ambas as partes saem beneficiadas.

Para a prof. Verônica, as razões são: manter e ampliar relevância da universidade e proporcionar visões diferentes, bem como crescimento pessoal muito significativo. Já para o prof. Rubens, os motivos se referem ao interesse tanto dos alunos para obter duplo diploma, quanto dos docentes em consolidar parcerias para pesquisas científicas.

Desse modo, é possível identificar alguns pontos convergentes entre as respostas, tais como: a possibilidade de conexão com o mundo, realização de trocas de conhecimento, implementação de programas como PRINT, Ciências sem Fronteiras e PIDE, a prática da mobilidade, cultivar a consciência do que é ser uma universidade, o estabelecimento de parcerias do tipo ganha-ganha, aumentar a

visibilidade da UFU e o interesse dos docentes quanto às pesquisas e dos alunos para melhorar sua formação. Já com relação aos pontos divergentes, podemos citar: a conscientização por parte da Reitoria, a responsabilidade política com respeito às gerações futuras, o financiamento, o alinhamento entre a DRI e os demais órgãos e a descentralização proposta pela gestão do professor Waldenor.

13. Quais são as 3 principais ações de internacionalização existentes na UFU?

Em se tratando das principais ações de internacionalização conduzidas pela UFU, o prof. Carlos e o prof. Waldenor identificam os convênios de duplo diploma o PrInt, o BRAFITEC, CÁTEDRA UFU-França, os comitês e o ProInt, sendo estes dois últimos pontos mencionados mais especificamente pelo prof. Waldenor.

Já na visão da prof.^a Vera, as ações de internacionalização estão muito vinculadas às iniciativas das pessoas com os projetos, de modo que a instituição em si não contribui muito neste aspecto. Um ponto a se considerar seria o BRAFIAGRI, projeto que demandaria do interesse de alguém e da divulgação por parte da instituição e da DRI.

De acordo com a Érika, a mobilidade e a criação de comitês como o ProInt são ações que estão fazendo muita diferença no auxílio aos estudantes internacionais, bem como na promoção de eventos. De modo semelhante, a Lúmia também menciona a mobilidade, acrescentando ainda os acordos de cooperação e os idiomas.

Para o Pró-Reitor de Graduação, o PrInt, o Programa de Licenciatura das Matemáticas e o IsF são exemplos de práticas importantes que estão sendo avançadas pela UFU. O prof. Ernesto também destaca o IsF, adicionando ainda a reestruturação da DRI e as demais ações relacionadas a essa mudança. Como conclusão ele comenta que a falta de recursos pode ser um entrave à internacionalização.

Na perspectiva da prof.^a Valeska, ainda que ações como os acordos e a mobilidade sejam relevantes, é necessário considerar a internacionalização como um processo que vai além dos intercâmbios, de modo que ações pontuais como o evento Inter UFU fazem muita diferença.

O Reitor Valder enfatiza o PrInt como sendo a ação vigente mais importante para a internacionalização da UFU, devendo-se considerar também a recepção aos estudantes internacionais para que este bom acolhimento seja capaz de impactar positivamente na experiência acadêmica e profissional desse aluno.

Para o prof. Rubens, as ações de maior relevância atualmente praticadas pela UFU são: os Acordos de Cooperação assinados com a Universidade de *Stuttgart*, Universidade de *Dalhousie* e *Insa Strasbourg* e os Acordos de duplo diploma assinados com *ENSIAME* e *L'UNIVERSITÉ DE LORRAINE*.

Como elementos convergentes, tem-se: a mobilidade, o PrInt, o BRAFITEC, a CÁTEDRA UFU-França, os Convênios de duplo diploma, a criação dos comitês, o ProInt, os idiomas, o IsF e a reconfiguração da DRI. Já como pontos divergentes, destacam-se o projeto BRAFIAGRI, o Programa de Licenciatura das Matemáticas, o Inter UFU, o bom acolhimento aos estudantes internacionais e os Acordos de Cooperação assinados com instituições francesas.

14. Qual dessas ações têm sido mais bem-sucedida? Por quê?

Segundo o prof. Carlos e o prof. Waldenor, a ação de maior sucesso tem sido o PrInt, pela disponibilidade de recursos e pela capacidade de mudar a fisionomia de outros programas. Já na concepção da prof. Vera, as ações mais bem-sucedidas são aquelas que têm maior engajamento e interesse por parte das pessoas envolvidas, sendo ainda essencial o acompanhamento e responsabilidade dos coordenadores dos projetos.

Na visão da senhora Érika e da senhora Lúmia, a mobilidade é a ação de maior destaque, por ser mais antiga e de maior experiência acumulada. O pró-reitor Armindo e o prof. Ernesto mencionam o IsF como sendo a ação de maior êxito, muito em virtude de ter uma prática muito importante, sendo que o primeiro ainda cita o PrInt, pelos recursos, e o segundo destaca a reestruturação da DRI.

Considerando a baixa participação da comunidade UFU nos eventos e a atual escassez de recursos para a plena realização das mobilidades, a prof.^a Valeska identifica a ampliação dos acordos como a ação de maior sucesso na internacionalização da universidade.

Para o Reitor Valder, a ação de maior sucesso tem sido o PrInt, pela possibilidade de, durante a sua formulação, identificar as ações mais adequadas e

agregadoras à UFU em consonância com o edital proposto pelo CAPES. De modo parecido, a prof. Verônica também enfatiza o PrInt pelo aumento no número de discentes e docentes envolvidos nas mobilidades internacionais.

Na perspectiva do prof. Rubens, todas as ações praticadas têm sido bem-sucedidas pelo comprometimento dos docentes nas negociações preliminares com as universidades estrangeiras e pela participação da DRI na solução de eventuais pontos de conflito na formalização das parcerias. Somado a isso, tem-se a importância do apoio da Reitoria em todas as ações.

Como elementos de convergência entre as respostas temos a mobilidade, pelo tempo e experiência acumulada ao longo dos anos e o PrInt, pelos recursos e orçamentos disponíveis e por ser agregador para quem está propondo e satisfatório às expectativas de quem está lançando o edital. Quanto aos elementos de divergência, nota-se: as ações com bons projetos, o IsF pela ação muito importante, a reestruturação da DRI, a ampliação dos acordos e o apoio da Reitoria aos envolvidos.

15. Quais outras ações serão implementadas no futuro?

Sobre as ações que serão implementadas no futuro, o prof. Carlos afirma que não existe nenhuma política ou programa planejados, de modo que o interesse maior deveria ser o de consolidar a política institucional de internacionalização tão necessária e ainda carente de melhorias. Já na perspectiva do prof. Waldenor, as ações para o futuro são: o programa UFU-Mobilidade (com oferta de bolsas), os cursos de inverno (focado nas férias e ministrados por professores estrangeiros) e a ampliação da oferta de disciplinas em línguas estrangeiras.

Para a prof.^a Vera, a ação prevista para o futuro seria a melhoria no processamento de informações para dar celeridade às assinaturas dos acordos de cooperação, de modo a eliminar os gargalos típicos decorrentes de informações incompletas ou de informações conflitantes apontadas pela PGR e a orientação aos docentes interessados em firmar acordos futuros.

Na visão da Sra. Érika, futuramente, a DRI poderia ficar responsável pelas mobilidades realizadas na pós-graduação também, além de ser importante considerar a presença de um tradutor disponível para a comunidade com relação a artigos científicos, apresentações em outros países, de modo a tornar a DRI um

espaço que promove todas as ações de internacionalização da UFU. A Sra. Lúmia menciona uma resolução recentemente elaborada que possibilita aos professores o ensino de disciplinas em outros idiomas para além da língua-mãe, além da internacionalização do currículo, já que vem aumentando o número de acordos de dupla diplomação e estes necessitam equivalência nos currículos.

Para o prof. Armindo, a ação urgente a ser implementada na PROGRAD é a documentação bilíngue, que atualmente se encontra disponível apenas em português. Por outro lado, para o prof. Ernesto, é necessário somente consolidar as ações que já vêm sendo feitas.

A prof.^a Valeska comenta que o ProInt está em uma fase de documentação de tudo aquilo que foi e vem sendo feito, para que isso sirva como um manual e linha do tempo do Programa. Esse registro é uma ação que está nos planos tanto da DRI quanto do ProInt e dos diferentes comitês, para que haja maior facilidade nas ações futuras.

O Reitor Valder considera que as ações futuras dependem dos grupos, uma vez que a atuação da Reitoria está mais voltada ao apoio, incentivo e identificação de fontes de financiamento e facilitação na relação entre a UFU e demais universidades, sendo que, portanto, as ações devem surgir nas unidades acadêmicas principalmente.

Para a prof.^a Verônica, os objetivos mais urgentes estão relacionadas à adaptação dos sites, materiais impressos e sinalização dentro dos *campi* para mais de um idioma, bem como à internacionalização do currículo, oferta de disciplinas em outras línguas e aperfeiçoar a divulgação do que tem sido feito no âmbito na comunicação, tanto para a comunidade interna, quanto para a externa.

O prof. Rubens considera ser necessário o processamento das informações para viabilizar a assinatura dos acordos, de modo eliminar eventuais gargalos oriundos de informações incompletas.

Considerando os pontos convergentes, podemos citar a ampliação da oferta de disciplinas em língua estrangeiras, as iniciativas das unidades acadêmicas, a internacionalização do currículo e a melhora no processamento das informações. Quanto aos pontos divergentes, temos: a inexistência de uma política ou programa previsto, o Programa UFU-Mobilidade, a oferta de cursos de inverno, a centralização das mobilidades na figura da DRI, a disponibilização de um tradutor a disposição da

comunidade, elaboração de uma documentação bilíngue na PROGRAD, consolidação das ações já existentes, documentação das ações do ProInt, sinalização dentro dos campi e divulgação do que tem sido feito no âmbito da comunicação.

16. Que tipo de informação é de conhecimento do comitê? Dados de estudantes, acordos, ações tidas em conta ou feitas por outros organismos, etc.

Para o prof. Carlos e o prof. Waldenor, não há informações além dos dados da pós-graduação na PROPP, de modo que se propõe criar uma base de dados sólida e única para toda a universidade, na qual todas as unidades acadêmicas possam consultar. O diretor da DRI ainda comenta que a Diretoria tem acesso aos tipos e quantidades de acordos que a UFU tem com outras instituições.

A prof.^a Vera afirma que o BRAFITEC tem acesso somente aos dados referentes ao comitê. Já a senhora Érika e a senhora Lúmia mencionam ter acesso aos dados dos estudantes de graduação e dos estudantes internacionais, além dos acordos de cooperação firmados. O prof. Armindo considera que a PROGRAD tem disponíveis as informações de todos os alunos da UFU e dos estudantes internacionais quando em mobilidade. Já o prof. Ernesto comenta que tem acesso a todas as informações que vem da DRI ou dos documentos sobre políticas linguísticas.

A prof.^a Valeska considera a importância de hoje haver gráficos e a dissertação sobre a internacionalização da UFU até o ano de 2009 e acrescenta ainda a impressão de que talvez o ProInt seja o comitê que tem acesso mais amplo a diversas informações, como documentos teóricos, estatísticos ou norteadores da política, como o PIDE.

O Reitor Valder menciona que a Reitoria tem acesso a todas as informações através da DRI, já que esta é a instância responsável por estar informada de todas as ações de cooperação, bem como de oportunidades de internacionalização e de participar ativamente de grupos internacionais que possam ser de algum interesse para a UFU.

De acordo com a prof.^a Verônica, o CPI tem acesso aos dados por meio da DRI, de modo que a coleta dessas informações auxilia a montar os objetivos e a

traçar as metas. O prof. Rubens considera que as informações que são disponibilizadas aos membros do CAC são aquelas necessárias e suficientes para permitir a elaboração do acordo de cooperação a análise do mesmo pela PGR, sendo, portanto, desnecessárias as informações dos estudantes.

Como pontos convergentes, podemos citar: a disponibilização dos dados pela DRI e pela PROPP e as informações referentes apenas aos interesses dos comitês, como o BRAFITEC e o CAC. Já quanto aos pontos divergentes, temos o acesso amplo a diversas informações pelo ProInt.

17. Na sua opinião, quais são os três principais benefícios da internacionalização da UFU?

Foram vários os benefícios trazidos pela internacionalização citados. A questão do incremento cultural foi citado pelo pelas representantes da DRI, a Sra. Érika e a Sra. Lumia, do ProInt, prof.^a Valeska, do BRAFITEC, prof.^a Vera e do CAC, o prof. Rubens. Segundo eles a internacionalização promove o intercâmbio cultural e, principalmente, leva ao desenvolvimento de uma língua estrangeira, promovendo assim uma maior compreensão e empatia com as diferentes culturas do mundo.

Já o fator integração foi destaque nas respostas dos representantes do CAC, prof. Rubens, da DRI, a Sra. Lumia, do ProInt, a prof.^a Valeska, do Pró-reitor, prof. Carlos e do Reitor, prof. Valder. Em suas respostas mencionaram que o processo de internacionalização é uma oportunidade de integrar e colocar em contato pesquisas e pesquisadores do mundo. Assim, a internacionalização pode promover parceria entre pessoas e instituições além de disseminar o conhecimento de forma mais democrática. Para além disso, a visibilidade e possibilidade de crescimento da universidade no exterior foi citada por cinco entrevistados, são eles os representantes do CAC, professor Rubens, o Reitor, professor Valder, o Pró-reitor de graduação, o diretor da DRI, professor Waldenor e o Pró-reitor, professor Carlos. Para esses entrevistados, o contato internacional entre pessoas e instituições pode promover uma maior visibilidade tanto da UFU quanto das produções científicas da universidade e, assim, atrair mais estudantes e pesquisadores de todo o mundo.

Por fim, a reflexão sobre o que é feito em relação ao outro foi um ponto apresentado pelos representantes do Comitê de Políticas Linguísticas, prof.

Ernesto, do ProInt, prof.^a Valeska e pelo Reitor, prof. Valder. Com a internacionalização, é possível conhecer a produção de outras universidades e, a partir da análise comparativa, perceber os pontos fortes a serem destacados e os fracos a serem melhorados.

18. Em sua opinião, quais são os três principais riscos da internacionalização?

O questionamento gerou uma divisão entre os(as) entrevistados. As representantes do BRAFITEC, prof.^a Vera, da DRI, a Sra. Lumia e do CPI, prof.^a Verônica não veem riscos no processo de internacionalização, enquanto o Pró-reitor de graduação e o representante do CAC, prof. Rubens, apesar de não apontarem riscos, disseram que pode haver uma dificuldade de manutenção dos projetos de internacionalização, uma vez que estes são extremamente custosos e dependem do financiamento de outras instituições. Para o Pró-reitor, professor Carlos e para o diretor da DRI, professor Waldenor, a falta de continuidade é um risco já que a internacionalização acontece a longo prazo e o grande orçamento e infraestrutura necessários pode dificultar a continuidade.

Para além disso, o fato de a internacionalização ser benéfica apenas para um dos lados foi outro ponto citado. É necessário para uma internacionalização equilibrada e com plena cooperação que todas as partes sejam beneficiadas, segundo o Reitor, Valder e os representantes do Comitê de Políticas Linguísticas, professor Ernesto, do ProInt, professora Valeska. Ainda segundo esta, um dos principais riscos é a invisibilidade do projeto nos rankings.

19. Há alguma resistência ao processo de internacionalização? Se sim, de onde vem essa resistência? (Estudantes, professores ou administradores)

Segundo o Pró-reitor Carlos, a internacionalização ainda é vista, por parte da comunidade, como algo do qual somente a elite intelectual faz parte. Por isso, ainda existem preconceitos tanto de estudantes, como professores e técnicos é uma das principais resistências. Foi levantado ainda pelo Diretor da DRI Waldenor e pelo representante da PROGRAD que a internacionalização é tida como desnecessária por algumas pessoas, muito pelo fato de associarem o processo a um “clima de colonização” uma vez que àqueles que vêm estudar no Brasil, não é exigida a

proficiência em português, o que não é bem visto por alguns professores. Este fato foi lembrado pela também representante da DRI, Sra. Érika. Segunda esta, é perceptível uma resistência com a recepção de estudantes que não falem português e que a melhor preparação dos técnicos e professores poderia melhorar a situação.

Ainda sobre o fator “língua”, as representantes do ProInt, prof^a. Valeska e a prof^a. Verônica do CPI apontaram que, por o inglês ser a língua de internacionalização, existe uma resistência política entre alguns docentes e técnicos. O representante do CAC prof. Rubens, citou ainda que existe um pensamento arcaico em alguns núcleos de que a comunidade acadêmica deve ser uma “ilha de conhecimento” e, por isso, ações de internacionalização enfrentam ainda algumas barreiras. O Reitor Valder seguiu a mesma linha de resposta e apontou a barreira linguística como causadora de resistência. Segundo ele, “não dá para ir para o exterior mantendo intacta a devoção à língua portuguesa”.

A Sra. Lumia, da DRI, respondeu ao questionamento dizendo não compreender a origem da resistência, mas que ela existe principalmente no setor administrativo. Além disso disse que já realizou diversas tentativas de “explicar que o papel da internacionalização não é de uma diretoria, é de uma comunidade toda”, mas que alguns professores sequer enxergam os estudantes internacionais enquanto estudantes da UFU, portando dos mesmos direitos e deveres. Já o entrevistado prof. Ernesto, apesar de afirmar que existe uma resistência, acredita que ela não venha de um grupo específico.

Em contrapartida, a representante do BRAFITEC, prof.^a Vera acredita que “a internacionalização é consequência do trabalho de muito tempo de alguns docentes com parceiros estrangeiros” e, por parte destes, não há resistência.

20. Quais os dois principais obstáculos enfrentados pela UFU no que diz respeito à internacionalização? (Falta de política ou estratégia bem definida, falta de apoio financeiro, dificuldades administrativas, existência de outras prioridades)

De modo geral, os(as) entrevistados(as) apontaram seis fatores que dificultam o processo de internacionalização, sendo o mais recorrente foi a falta de recursos financeiros. O Pró-reitor professor Carlos. O Diretor da DRI Waldenor, as representantes da DRI Sra. Érika e Sra. Lumia, a representante do ProInt, prof.^a

Valeska, o Reitor Valder, a representante do CPI, prof.^a Verônica e o representante do CAC, prof. Rubens, afirmaram de a falta de financiamento é um grande impeditivo para a expansão da internacionalização. O Reitor destacou que o processo, como um todo, é custoso e a manutenção e expansão de programas de mobilidade bem como a preparação daqueles que trabalham no setor demanda muito investimento, mas acredita que “os outros obstáculos foram sendo vencidos ao longo do tempo”.

Em oposição à afirmação do Reitor, o Pró-reitor professor Carlos. O Diretor da DRI, prof. Waldenor, a representante da DRI, a senhora Érika e o representante do Comitê de Políticas Linguísticas, prof. Ernesto apontaram que existe ainda o obstáculo da infraestrutura. Segundo eles, técnicos e docentes ainda não estão plenamente capacitados para lidar com a internacionalização. Tanto Ernesto, quanto o representante da PROGRAD, citaram a falta de políticas por parte do Ministério da Educação e citaram ainda que falta uma posição mais clara da universidade quanto ao processo de internacionalização. Assim como as professoras Vera e Valeska, eles afirmam que falta a sinalização de priorização do tema por parte da UFU.

Tanto o Pró-reitor professor Carlos quanto a representante do BRAFITEC Vera mencionaram a falta de envolvimento dos demais setores na internacionalização. Para eles falta participação, interesse e dedicação de grupos fundamentais para o sucesso do processo. Em contraposição, o Reitor citou que “todo mundo, em princípio, está aberto à internacionalização”, apontado para uma pré-disposição dos diferentes setores da universidade para auxiliarem no que for preciso.

Para além disso, a professora Verônica criticou a burocracia e o tempo demandado para a realização de projetos, mobilidades e acordos internacionais e o Pró-reitor professor Carlos citou a falta de coleta e análise de dados referentes à internacionalização.

21. Como o senhor avalia o papel do MEC, CAPES, CNPq e outros organismos (estaduais, nacionais e/ou estrangeiros) no processo de internacionalização da UFU?

Para o Pró-reitor professor Carlos o MEC não dá muito apoio a não ser algumas poucas ações pontuais. Já a FAPES é apontada como uma das principais financiadoras do processo de internacionalização assim como a CAPES. Está é, segundo ele, a instituição que mais apoia com bolsas de doutorado sanduíche e alguns outros estudos. Entretanto, pontua que a instituição atua somente com pesquisadores, e não com universidades que por vezes sequer sabe da aprovação de bolsas de alguns estudantes.

O Pró-reitor de graduação destacou o projeto ISF como importante parte da internacionalização, mas lamentou que, como foi um projeto de governo, teve falhas e limites e tende a ser substituído por outro projeto.

Segundo o Reitor Valder, todos os agentes são fundamentais para a internacionalização e que os recentes cortes para o financiamento dos projetos causam preocupação. Com destaque para o CNPq e para a FAPEMIG, o reitor afirmou que a falta de recursos para o financiamento de bolsas trava não apenas a mobilidade, mas toda a cadeia de produção científica, o que significa uma grande perda não apenas para a UFU, mas para todo o país.

22. Quais instituições (nível nacional e/ou estadual) têm apoiado as ações de internacionalização?

Segundo o Pró-reitor de graduação, o Ministério da Educação tem feito alguns projetos com propostas de financiamento para a graduação. Esta é contemplada por alguns projetos governamentais e de outras instituições privadas.

Já o Pró-reitor professor Carlos, citou que a CAPES é um parceiro da universidade, mas que a UFU está buscando mais acordos bilaterais com outras instituições do estado para criar uma “rede mineira de internacionalização” e criar uma independência do poder governamental. Segundo ele, a união entre universidades cria um apoio mais interessante e efetivo do que o recebido pelo governo e a proposta da rede mineira já está surtindo efeitos uma vez que UFU e UFMG estão desenvolvendo acordos sem a necessidade de concorrências, mas com a intenção de ter melhorias para ambas.

23. Quais as ações de internacionalização do programa utilizam/se beneficiam dos programas de apoio existentes?

O Pró-reitor professor Carlos citou alguns acordos existentes na UFU tais como o PRINT, o BRAFITEC e o Cátedra UFU-França. O Pró-reitor de graduação além do PRINT, mencionou ainda o programa da licenciatura em Matemática e o Idiomas Sem Fronteiras (IsF).

O Reitor Valder dedicou-se a falar do PRINT, “um dos melhores processos de internacionalização”. Segundo ele, o programa foi elaborado a partir da união dos melhores programas de pós-graduação da universidade e conta hoje com diversos representantes que monitoram e garantem que os projetos sejam realizados de forma adequada e de acordo com a proposta do programa. Para além disso, falou que, de forma geral, naturalmente existem cursos que estão mais preparados para o processo de internacionalização do que outros e que não há homogeneidade neste sentido. Alguns programas possuem mais facilidades e experiências de estudantes, professores e técnicos. Assim, cabe às unidades acadêmicas buscar a especialização necessária para a internacionalização.

24. As ações de internacionalização do programa ocorrem no âmbito de acordos firmados entre o Brasil e outros países?

O Pró-reitor Professor Carlos mencionou que não existem acordos da universidade realizados diretamente com governos, com exceção do programa Cátedra UFU-França, resultado de acordo entre a UFU e o governo francês. Além disso, enfatizou que os acordos são geralmente realizados entre universidades e não são governamentais.

Na visão do Reitor Valder, o estabelecimento de acordos internacionais é necessário e indispensável no processo de internacionalização da universidade. Relembrou que todas as ações de intercâmbio e processos de trocas internacionais pressupõem a existência de um acordo ou memorando de intenções assinado pelas universidades envolvidas.

Já o Pró-reitor de graduação afirmou que existem acordos que são resultado da interação entre governos e outros entre a UFU e outras instituições de ensino superior.

25. Como a DRI monitora as ações de internacionalização da UFU?

O diretor da DRI, prof. Waldenor citou que é um ponto frágil da diretoria o monitoramento e a avaliação das ações de internacionalização. Segundo ele, os estudantes que saem e chegam na universidade nem sempre procuram a DRI para relatar a experiência. Entretanto, citou que “existe um pouco de monitoramento [...] graças às atividades do ProInt e seus projetos como o MIGUFU”. Já a Sra. Érika afirmou que são produzidos alguns relatórios, mas considerou que a diretoria está “pecando pois não temos um mecanismo de avaliação”. Já a Sra. Lumia também ressaltou a falta de um sistema de monitoramento, mas reforçou que existem planilhas e sistemas paralelos para o recolhimento de informações.

26. A UFU é filiada a alguma organização internacional? Qual?

O questionamento foi respondido pelos três representantes da DRI, prof. Waldenor, Sra. Érika e Sra. Lumia. Isoladamente, diretor citou o Grupo Tordesilhas e a Associação de Internacionalização das Universidades Brasileiras e a representante, Sra. Lumia mencionou o CEGRIFS. Prof. Waldenor e Sra. Érika relembraram a Associação de Universidades de Língua Portuguesa (AULP), a Associação de Universidades de Línguas Francesas (UF) e a Associação Brasileira de Educação Internacional (FAUBAI). Foi citado por todos(as) os(a) entrevistados(as) o Grupo Coimbra.

27. Você percebe que existe uma prioridade de área de estudo em relação à mobilidade?

Ainda que o Diretor da DRI não entenda que exista uma prioridade de área de estudo, as demais entrevistadas apontaram para um maior número de oportunidade para as engenharias. Segundo a Sra. Érika, não se pode dizer que existe uma prioridade hoje, mas anos atrás. A representante da DRI disse que muito em função da força do BRAFITEC, existente há quase 30 anos, e pelas bolsas da CAPES, os estudantes das engenharias eram mais incentivados a participarem da mobilidade. Quando foi estudante da graduação, Érika disse que “tinha interesse de fazer mobilidade, mas não tinha oportunidades, era praticamente só engenharias”. Já em tempos mais recentes, desde que começou a trabalhar na DRI, Érika mencionou que passou a ver estudantes das humanas, biológicas e outras áreas

fazendo mobilidade. Em suma, afirmou que antes havia um foco nas engenharias, mas hoje o cenário vem mudando.

A outra representante da DRI, Sra. Lumia, afirmou que não acredita na existência de uma prioridade institucionalizada, mas reconhece que alguns cursos possuem mais oportunidades do que outro. Relembrando o “Ciência sem Fronteiras”, disse que o programa dava uma clara prioridade para as áreas de interesse do governo tais como as engenharias, saúde e tecnologia. Completou que na UFU existem mais possibilidades de mobilidades para estudantes de engenharias, “mas não porque construiu-se uma política para privatizar essa área, mas sim porque mais professores dessa área conseguiram mais projetos”.

28. Quais são os convênios mais bem-sucedidos?

A representante da DRI, Sra. Érika considerou os países da América Latina de forma geral e Espanha, França e Portugal na Europa como convênios mais bem-sucedidos. A outra representante da diretoria, Sra. Lumia citou a Colômbia, a França e o Canadá como um convênio que vem crescendo.

29. Existem escolas que oferecem duplo diploma? Se sim, quais?

Tal questionamento foi respondido pelas representantes da DRI Érika e Lumia. A primeira respondeu que existe sim a oferta de duplo diploma em 16 instituições, porém apenas na França. Já a segunda completou que, ainda que não recorde o nome das instituições, sabe que a maioria é para cursos de engenharia.

30. Existe uma priorização geográfica não por parte da universidade, mas por parte dos alunos?

Relembrando o programa “Ciências sem Fronteiras”, o Reitor Valder citou que apesar de existirem vagas para países variados, a grande maioria dos estudantes acabou escolhendo como destino Espanha e Portugal. Segundo ele, a questão principal está na língua e na cultura, considerando que “houve um comodismo de não querer ter que se envolver com uma língua não dominada”. O Reitor apontou ainda que projetos tais como o “Inglês Sem Fronteiras”, “Francês Sem Fronteiras” e o “Idiomas Sem Fronteiras” foram uma importante fonte de auxílio para o rompimento da barreira linguística e assim proporcionaram a alguns

estudantes a possibilidade de fazer duplo diploma e doutorados no exterior. Citando as vantagens da mobilidade, Valder disse ainda que “faz parte do enriquecimento não apenas cultural e científico, mas enriquecimento enquanto pessoa”.

5. Entrevistas Relato Sintético

1. O que você entende por “internacionalização das Instituições de Ensino Superior?

A primeira pergunta da entrevista busca abordar o que os(as) entrevistados(as) entendem por internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES). Aqui é possível ver que, apesar das visões diferentes, as respostas convergem ao definir que parte da internacionalização consiste no compartilhamento de experiências e conhecimento, assim como a existência da mobilidade no processo. Contudo, ainda existem elementos que se destacam de forma isolada nas respostas apresentadas, como por exemplo, “Internacionalização é de cada unidade acadêmica”, frase da entrevistada representante do BRAFITEC, prof.^a Vera, mas, ainda na sua opinião, isso deve vir junto com um relacionamento prévio de mobilidade internacional entre estudantes, além da confiança do parceiro no exterior. Na opinião de alguns dos entrevistados, a internacionalização, além de um processo de transformação das IES, pode ser vista ainda como uma espécie de produto, produto esse que seria a mobilidade em si, e essa por sua vez acaba por gerar um movimento de inserção das universidades em um roteiro mundial. Mas, como dito anteriormente, esses fatores caminham juntos para os aspectos comuns das respostas para essa pergunta: caminham para o compartilhamento de experiências, que constroem um “processo de melhoria na qualidade de ensino e pesquisa...”, como disse o representante do CAC.

2. Como você avalia a questão da Internacionalização das Instituições de Ensino Superior?

A segunda pergunta é relacionada com a avaliação dos(as) entrevistados(as) acerca da internacionalização das IES, onde se observa que é um senso comum de que esse processo ainda está em sua fase inicial, ainda mais pelo fato de ser algo consideravelmente recente no país, o que faz com que algumas universidades estejam em um patamar mais avançado do que as demais, isso também acontece graças a diferenças de financiamento para os projetos individuais de cada universidade. Mesmo assim, na visão da maioria, a jornada pela internacionalização das IES é muito necessária, pois ela é capaz de fornecer avanços em diversos

campos, não apenas acadêmicos, mas também aqueles que serão voltados para a sociedade em algum momento.

3. Fale um pouco sobre o Comitê, e quais são seus objetivos principais

A terceira pergunta é voltada para um maior entendimento do funcionamento individual de cada órgão representado, assim como o objetivo principal de cada um. A começar pela ProPP, descrita como uma Pró-Reitoria jovem, focada na pós-graduação, com seus objetivos focados na mesma, sendo eles o ordenamento legal e normativo; coordenação de laboratórios; fornecer orçamentos e desenvolvimentos financeiros. Na ProPP não existem objetivos específicos de internacionalização, apesar de existirem estudantes internacionais. A segunda é a DRI, que tem 3 representantes entre os(as) entrevistados(as), eles listam, entre as atividades da diretoria, a articulação entre as diferentes unidades acadêmicas, os alunos, acordos e universidades, tornando-se um órgão articulador das unidades da UFU; seu objetivo principal, é permitir que a comunidade tenha acesso a programas, aos editais, para favorecer a questão da internacionalização, ao mesmo tempo que recebe os estudantes internacionais; a diretoria atualmente é focada na graduação, enquanto a ProPP cuida dos assuntos da pós-graduação, como já citado.

Ainda na terceira pergunta, a representante do BRAFITEC explica que por conta do tempo existente desde a sua criação, já existe uma história de longa data entre o Brasil e a França no âmbito das engenharias. Seu principal objetivo é a mobilidade de estudantes, isso é possível, em parte, por causa de professores que fizeram parte de sua especialização na França, voltaram para o Brasil e ainda mantêm suas parcerias com as universidades francesas. A próxima é a PROGRAD, que tem três papéis fundamentais, sendo eles cuidar do ingresso do estudante; da diretoria de registro acadêmico e acompanhar o vínculo institucional do estudante durante toda a graduação. O Comitê de Políticas Linguísticas busca fazer uma discussão sobre políticas linguísticas em junção do projeto de internacionalização; a principal função do comitê é fazer isso se tornar um documento aprovado pelos demais órgãos da UFU, visto que as políticas linguísticas são capazes de atingir diversas dimensões como a capacitação de professores, proporcionar experiências bilíngues para a comunidade interna e externa, por exemplo. O ProInt é uma iniciativa da atual gestão da DRI, formado por graduandos bolsistas que trabalham

com a integração de estudantes internacionais, promoção de eventos de cultura e acolhimento, seu objetivo principal seria promover e refletir sobre ações de ensino, pesquisa e extensão, para assim então, compreender o que a UFU poderia fazer para melhorar suas práticas de internacionalização. A reitoria, que funciona como a administração pública nas universidades, tem, atualmente, a maioria dos seus objetivos voltados a temas como o financiamento da universidade; a questão da assistência estudantil; as políticas de cota; o financiamento de pesquisas, de cultura e artes. O CPI, criado pela DRI com o objetivo de fazer a gestão mais ampla na questão da internacionalização dentro da UFU, cuidando da política, da implementação e também das ações que possam promover a internacionalização nos diferentes níveis de ensino. Por último, se tem o CAC, que tem por objetivo, propor, revisar, acompanhar e avaliar ações relacionadas aos acordos de cooperação internacionais no âmbito da DRI, ele atua estimulando o estabelecimento de acordos de cooperação entre as IES internacionais e a UFU.

4. Qual tem sido o papel do comitê na formulação de políticas de internacionalização da UFU?

A quarta pergunta é sobre o papel de cada órgão na formulação de políticas de internacionalização da UFU, para o pró-reitor da ProPP, não existem exatamente políticas de internacionalização, apenas um plano para tal, que busca manter uma interface que esteja de acordo com o que o PIDE indica, por isso, a ProPP busca estabelecer uma política em parceria com a DRI para deixar a internacionalização mais institucional. No âmbito da DRI, existe um papel mais decisivo, visto que a diretoria é um dos órgãos idealizadores do plano de internacionalização (PINT), a DRI também cuida de muitos debates feitos sobre a internacionalização da universidade, além de ter ações como a padronização dos exames de proficiência com o comitê de políticas linguísticas. É ressaltado que para que a universidade possa ser internacionalizada, é necessário que se deixe de lado o pensamento que essa é uma tarefa única e exclusiva da DRI, mas sim de toda a comunidade da UFU. Na parte do BRAFITEC, é importante destacar que ele age não para a UFU como um todo, mas sim para a FEMEC, e com isso, é trabalhada a relação da UFU diretamente com as universidades francesas, por isso, o programa é considerado fundamental para a internacionalização da UFU e principalmente da FEMEC. A

PROGRAD e o Comitê de políticas linguísticas possuem um papel mais voltado para o apoio, não possuindo ações tão diretas na formulação de políticas. O ProInt, que participou da compreensão desse plano, passou a assumir todas as ações relacionadas aos discentes que constam no plano. A reitoria por sua vez, tem um papel fundamental, destacando que é importante firmar planos, mas também dar sustentabilidade à eles, além disso, a reitoria busca incentivar as ações desenvolvidas por professores, técnicos administrativos e estudantes. O CPI ajudou a montar o plano e projeto, muito daquilo que já havia sido feito no CPI ajudou a fazer a redação do plano. O CAC atua como mediador no processo de construção de um acordo de cooperação, auxiliando os envolvidos no atendimento dos aspectos legais exigidos para a assinatura de um acordo.

5. A internacionalização do ensino superior é uma prioridade na UFU?

A quinta pergunta é sobre o nível de prioridade que a UFU dá para a internacionalização do ensino superior. Aqui é visto que as respostas são divergentes até certo ponto, apesar da maioria dos(as) entrevistados(as) concordar que é sim uma prioridade da UFU, no sentido institucional das diretrizes adotadas pela universidade, esse plano acaba sendo deixado de lado até certo ponto, devido principalmente a falta de incentivo e de financiamento. O Pró-reitor da ProPP destaca em sua fala que a UFU dá mais atenção para os projetos que tenham orçamento. Uma das representantes da DRI afirma que outro fator decisivo para deixar o plano de lado, é a falta de suporte vindo do governo federal, então, mesmo que não seja uma prioridade na UFU, está sendo encaminhado para que seja, e isso é visto a partir do momento em que a universidade investe nos programas de mobilidade, que vem aumentando em relação a anos anteriores. Todo esse conjunto de fatores acaba fazendo com que a internacionalização se torne uma prioridade, mas apenas na medida do possível.

6. Quais são as prioridades em termos de internacionalização de serviços, ensino, pesquisa e extensão?

A sexta pergunta questiona quais são as prioridades em termos de internacionalização de serviços, ensino, pesquisa e extensão. Aqui os(as) entrevistados(as) concordam que o foco se encontra no ensino e na pesquisa, visto que ambos caminham juntos no projeto de internacionalização. Porém, ressaltam

que a DRI é um bom começo para o setor de serviços, visto que está à frente nessa questão, apesar de não ser o suficiente para ser considerado internacionalizado.

7. Em sua concepção, existe alguma área de estudos priorizada?

A sétima pergunta é sobre a existência de alguma prioridade entre as áreas de estudo, onde é visto um consenso de que a pós-graduação é priorizada, pela facilidade de financiamento e incentivos governamentais. Contudo, como uma das entrevistadas da DRI apontou, quando se trata de graduação as chances são equivalentes entre os cursos, mas a chance é maior para aqueles que apresentam um maior diferencial. O reitor aponta que na verdade não existe uma prioridade, mas sim uma facilidade para a pós-graduação nos processos de internacionalização.

8. Essas políticas incluem alguma prioridade geográfica?

A oitava pergunta pode ser vista como um complemento da anterior, questionando se as políticas de internacionalização priorizam determinadas localidades. Neste ponto, é visível que a prioridade de escolha de mobilidade, por parte dos alunos, são os países da Europa, os EUA e o Canadá, isso por conta dos acordos que a UFU possui com as universidades dessas localidades. Mas isso acontece principalmente porque esses acordos oferecem bolsas para os alunos. O diretor da DRI afirmou que quando se trata dos alunos que fazem mobilidade sem bolsa, não existem essas mesmas prioridades de países, esses que vão sem bolsa, costumam olhar muito mais para os países da América-latina

9. Qual tem sido o papel do comitê na implementação da política de internacionalização da UFU?

A questão 9 da entrevista indaga qual o papel dos dez órgãos acerca da implementação da política de internacionalização da UFU. Ao analisar as respostas, é possível ver que alguns dos comitês tem um papel mais ativo, atuando diretamente na realização dessas políticas, enquanto outros têm uma prática mais voltada para o apoio de tais ações, como a Reitoria, o Comitê de Políticas Linguísticas e a PROGRAD. Comitês como o CAC e a DRI possuem uma atuação mais presente na questão burocrática com o estabelecimento dos acordos de

cooperação, bem como na qualificação, organização e melhoria dos editais para internacionalização.

Além disso, vale mencionar outras ações realizadas pela DRI, como a busca por parceiros privados e a criação de outros comitês temáticos e outros projetos, como o ProInt. Este, por sua vez, tem um “papel muito executivo”, como dito pela entrevistada, atuando ao colocar as ideias em prática, promovendo integração entre os estudantes de diferentes nacionalidades, além de fornecer uma esfera acadêmica para a DRI.

10. Como o comitê avalia as metas de internacionalização previstas no Plano Institucional de Desenvolvimento (PIDE)?

Considerando as respostas direcionadas à avaliação que cada comitê faz para com as metas de internacionalização estabelecidas pelo PIDE, pode-se notar que os representantes de alguns órgãos, como a PROPP e a DRI, acreditam que tais metas têm a capacidade de se ajustar à medida em que vão surgindo necessidades e desafios e consideram ainda a necessidade de maiores investimentos para seu pleno cumprimento. O Reitor ainda observa que com relação à internacionalização, as metas foram bem estabelecidas, contribuindo para que a UFU fosse contemplada pelo PRINT, mesmo que o momento fosse de poucos recursos.

Na visão das técnicas da DRI, as metas têm grande importância, sobretudo no que se refere à adequação dos recursos humanos para melhor atender os estudantes internacionais da Universidade, bem como no que diz respeito ao incentivo para acreditação em demais cursos de acordos como o MERCOSUL. Para o CAC e o ProInt, essas metas, ainda que ambiciosas, são avaliadas como viáveis, cujo embasamento em premissas sólidas refletem situações passíveis de serem alcançadas no médio prazo.

11. De que maneira sua área tem contribuído para o cumprimento destas metas?

No que se refere à maneira como cada órgão têm contribuído para o cumprimento destas metas, é possível observar que alguns entrevistados(as) mencionaram necessidades, como a de aumentar os recursos humanos (sobretudo

para a recepção dos alunos na DRI), reconhecer e apoiar a DRI e consolidar uma organização institucional na internacionalização que no momento se faz inexistente. Para o prof. Rubens, representante do CAC, a colaboração do comitê se dá com a celeridade nos trâmites da acreditação dos acordos de cooperação, ao passo que para a prof.^a Verônica do CPI, a contribuição ocorre com o acompanhamento da realização das metas.

12. Quais são as 3 principais razões que têm levado a UFU a se internacionalizar?

De modo geral, dentre as principais razões que têm conduzido a internacionalização na UFU destacam-se: a possibilidade de conexão com o mundo e de intensificar as trocas de pessoas e de conhecimento, agregar à comunidade da UFU a consciência do que é um universidade, além do interesse dos(as) estudantes para aprimorar sua formação e dos(as) docentes quanto às oportunidades de pesquisa.

Outra motivação mencionada foram as políticas federais como o Ciências sem Fronteiras, o PrInt e o PIDE. Um aspecto que merece destaque refere-se ao comentário do Reitor Valder no que concerne à necessidade de a UFU firmar parcerias do tipo ganha-ganha, na qual todas instituições envolvidas se beneficiem com o processo e assim a internacionalização possa ser considerada como bem-sucedida.

13. Quais são as 3 principais ações de internacionalização existentes na UFU?

Em se tratando das principais ações de internacionalização existentes na UFU, os(as) entrevistados(as) identificam, de modo geral: a adoção do PRINT, do BRAFITEC e da CÁTEDRA UFU França, além dos convênios de duplo diploma assinados com *ENSIAME* e *L'UNIVERSITÉ DE LORRAINE* e da reconfiguração da DRI. Ademais, iniciativas como o ProInt e os cursos de idiomas, sobretudo o ISF (Idiomas Sem Fronteiras), são mencionados. A prof.^a Vera, representante do BRAFITEC, considera ainda a necessidade de pessoas interessadas para avançar com o projeto BRAFIAGRI, ainda pouco divulgado e conhecido pela comunidade UFU.

14. Qual dessas ações tem sido mais bem-sucedida? Por quê?

Analizando as respostas referentes às ações que têm sido mais bem-sucedidas e seus motivos, vários(as) entrevistados(as) responderam o PRINT, pelos recursos e orçamentos disponíveis e por se tratar de um Programa agregador para quem o está propondo e satisfatório às expectativas de quem está lançando o edital. Outro aspecto mencionado diz respeito à mobilidade, por ser a prática mais antiga e de maior experiência acumulada ao longo dos anos, além da reestruturação da DRI e da realização do ISF, por ter uma ação muito importante e ter obtido êxito.

15. Quais outras ações serão implementadas no futuro?

De modo geral, vários(as) entrevistados(as) avaliam a ampliação da oferta de disciplinas em línguas estrangeiras, as potenciais iniciativas oriundas das unidades acadêmicas, a internacionalização do currículo e a melhora no processamento das informações. Na visão do prof. Carlos, Pró-Reitor da PROPP, na falta de uma política prevista ou de um programa planejado para o futuro, faz-se necessário consolidar a política institucional de internacionalização para assim melhorar a internacionalização da Universidade. Como sugestão, a técnica Érika da DRI considerou que a diretoria poderia se responsabilizar pelas mobilidades da pós-graduação também, além de a comunidade UFU poder contar com um tradutor disponível para dar suporte com relação a artigos científicos e para apresentações em outros países.

16. Que tipo de informação são de conhecimento do comitê? Dados de estudantes, acordos, ações tidas em conta ou feitas por outros organismos, etc.

Alguns órgãos como o CPI, o CPL e a Reitoria têm acesso a esses dados por meio da DRI, sendo esta a instância responsável por ter ciência de todas as ações de cooperação, bem como das oportunidades de internacionalização e de estar presente nos grupos internacionais que possam ser de interesse da UFU. De modo geral, apontou-se a importância em se criar uma base de dados sólida que incluísse todas as mobilidades e acordos e que contemplasse a universidade por inteiro. Para a prof^a. Valeska, coordenadora do ProInt, ainda que diversas

informações estejam disponíveis para a comunidade UFU, como a dissertação sobre a internacionalização da UFU até o ano de 2009 e os documentos do PIDE e do PrInt, talvez o PrInt seja o órgão que tenha acesso mais amplo a essas informações.

17. Na sua opinião, quais são os três principais benefícios da internacionalização da UFU?

Quanto aos benefícios da internacionalização da UFU, os(as) entrevistados(as) destacaram o processo de integração e inserção da universidade no plano internacional. Este seria fundamental para a maior visibilidade da UFU que, por consequência, poderá ampliar a oferta de mobilidades internacionais, oportunidades de qualificação para professores e técnicos, o financiamento e a atualização tecnológica da própria instituição. O grande destaque para os(as) entrevistados(as) fica para a interculturalidade. A internacionalização, a partir dos seus mecanismos de atuação, promove a troca cultural que enriquece todos os envolvidos.

18. Em sua opinião, quais são os três principais riscos da internacionalização?

O questionamento gerou uma divisão entre os(as) entrevistados(as). Uma parte concordou que a internacionalização não oferece riscos ou que estes são extremamente reduzidos. Em contrapartida, a outra parcela expôs alguns pontos tais quais a dificuldade de financiamento e de manutenção dos projetos e o seu mal planejamento. Para além disso, apontaram a possibilidade de uma assimetria nos acordos firmados onde apenas uma das partes é beneficiada em detrimento da outra. Outro ponto citado foi a perda da identidade cultural, uma vez que aos participantes são exigidas questões como uma outra língua e a adaptação a novos conhecimentos.

19. Há alguma resistência ao processo de internacionalização? Se sim, de onde vem essa resistência? (Estudantes, professores ou administradores)

Ainda que alguns entrevistados(as) não enxerguem resistências ou grupos específicos que resistem ao processo de internacionalização, os demais apontaram

obstáculos que enfrentam no segmento. A questão linguística foi destaque, seja pela exigência da língua estrangeira para a realização de mobilidades, seja pelas dificuldades no atendimento dos estudantes e professores internacionais. Além disso, foi citado o fato de que algumas pessoas envolvidas no processo mantêm pensamentos desatualizados tais como o de que internacionalizar é estar submisso aos interesses de terceiros ou de que as universidades são “ilhas de conhecimento”.

20. Quais os dois principais obstáculos enfrentados pela UFU no que diz respeito à internacionalização? (Falta de política ou estratégia bem definida, falta de apoio financeiro, dificuldades administrativas, existência de outras prioridades)

As respostas dos(as) entrevistados(as) apontam para o fato de que a raiz do problema é a falta de financiamento. Sem recursos, a realização de mobilidades internacionais fica limitada, bem como a oferta de cursos de línguas para estudantes, professores e técnicos e a maior qualificação da infraestrutura administrativa da UFU. Outro ponto citado foi a falta de articulação do Ministério da Educação. Não existe um plano de internacionalização para a graduação e apenas a pós-graduação é entendida como parte do processo pelo MEC.

21. Como o senhor avalia o papel do MEC, CAPES, CNPq e outros organismos (estaduais, nacionais e/ou estrangeiros) no processo de internacionalização da UFU?

O entendimento dos(as) entrevistados(as) é de que as instituições têm uma atuação reduzida no processo de internacionalização. O MEC tem um papel reduzido no processo enquanto alguns fundos de amparo como a CAPES, o CNPq e a FAPEMIG contribuem financeiramente para a realização de doutorados sanduíche, mobilidades, entre outros. Entretanto, tais organismos vêm sofrendo duros cortes que colocam em risco a internacionalização como um todo. Ainda sobre a atuação governamental, houve destaque para a criação do ISF que, apesar das falhas, era um importante ator do processo.

22. Quais instituições (nível nacional e/ou estadual) têm apoiado as ações de internacionalização?

O grande destaque ficou para a CAPES que promove o financiamento de bolsas e historicamente é parte importante do processo de internacionalização. Porém, nos últimos anos, tem crescido o número de acordos internacionais entre universidades e as próprias uniões estaduais de universidades. O MEC foi citado por promover programas de financiamento no âmbito da graduação.

23. Quais as ações de internacionalização do programa utilizam/se beneficiam dos programas de apoio existentes?

O PRINT foi unânime nas respostas dos(as) entrevistados(as). Segundo o Reitor, o programa é um grande avanço para o processo de internacionalização uma vez que é composto pelas diferentes unidades acadêmicas da universidade e, embora algumas estejam mais prontas do que outras para internacionalizar, as ações são tomadas para funcionem dentro do que foi proposto desde o início. Foi citada também a parceria entre UFU e o governo francês no BRAFITEC e Cátedra UFU-França, além do ISF e da licenciatura em matemática.

24. As ações de internacionalização do programa ocorrem no âmbito de acordos firmados entre o Brasil e outros países?

Para tal questionamento, o Reitor Valder enfatizou que é indispensável a existência de um acordo prévio para as ações do programa, mas que, segundo o Pró-reitor Professor Carlos, a UFU não possui acordos diretos com governos, com exceção da França, e que os acordos existentes se dão entre universidades, ou seja, uma negociação direta entre a UFU e outra instituição internacional. Os acordos em âmbito governamental são entre governos e não possuem participação da universidade, segunda a fala do Pró-reitor de graduação.

25. Como a DRI monitora as ações de internacionalização da UFU?

Ficou claro nas respostas que se trata de uma fragilidade da Diretoria. Não existem, segundo o diretor da DRI, um sistema de avaliação ou a coleta de dados dos estudantes internacionais que chegam e saem da UFU. São produzidos alguns relatórios, mas nada institucionalizado e devidamente organizado. Destacou-se a ação do ProInt em tal função com seu projeto MIGUFU que acolhe e acaba coletando informações dos estudantes.

26. A UFU é filiada a alguma organização internacional? Qual?

Os(As) entrevistados(as) demonstraram que a UFU é uma universidade atuante internacionalmente e que busca uma consolidação internacional através das organizações de universidades pelo mundo. Foram citados como grupos que a UFU é parte: AULP, Grupo Coimbra, Grupo Tordesilhas, FAUBAI, AUEFA, UF e CEGRIFS.

27. Você percebe que existe uma prioridade de área de estudo em relação à mobilidade?

Ainda que o Diretor da DRI não entenda que exista uma prioridade de área de estudo, as demais entrevistadas apontaram para um maior número de oportunidade para as engenharias. Seja pela consolidação de projetos já antigos como o BRAFITEC, pelas bolsas cedidas pela CAPES ou pelas ações dos professores e estudantes da área, as engenharias historicamente são mais participativas nos programas de mobilidade. Entretanto, o cenário vem mudando com a participação crescente de outras áreas do conhecimento. Sendo assim, atualmente, não é possível apontar para uma prioridade nas mobilidades, já que o processo vem se democratizando e não existe uma política da UFU para uma área específica.

28. Quais são os convênios mais bem-sucedidos?

As respostas colhidas apontam para um sucesso maior nas parcerias com a Colômbia e com a França. Além destes países, destacam-se na Europa Portugal e Espanha, e na América do Norte o Canadá.

29. Existem escolas que oferecem duplo diploma? Se sim, quais?

Os nomes das escolas não foram citados, mas as entrevistadas apontaram que são cerca de 16 instituições francesas e que a maioria dispõe de tal recurso para estudantes de engenharias.

30. Existe uma priorização geográfica não por parte da universidade, mas por parte dos alunos?

Para tal questionamento, o Reitor Valder relembrou o programa “Ciências sem Fronteiras” que enviou inúmeros estudantes da UFU para o exterior. Segundo ele, ainda que houvessem vagas mais interessantes em outros países, a maior parte

dos estudantes escolheu a Espanha e Portugal por conta da língua. Mesmo com a possibilidade de conhecer novas culturas, o que é parte do processo de formação e internacionalização, a opção dos estudantes que participaram foi ir para países cujas culturas são mais familiares.

6. CONCLUSÃO

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho foi possível observar que o exercício de pensar a internacionalização de uma instituição de ensino superior é um processo dinâmico e complexo que envolve uma série de atores, políticas, estratégias e dados (quantitativos e qualitativos). Sobre este último aspecto, a apresentação e, sobretudo, a análise dos dados obtidos tanto a partir dos números relacionados à mobilidade, quanto das entrevistas realizadas com representantes dos órgãos selecionados, permitiu-nos elencar alguns pontos de problematização muito importantes sobre a internacionalização da UFU entre os anos de 2007 e 2019.

Na sequência, seguem os pontos citados referentes aos dados quantitativos:

- A presença em peso das comunidades latino-hispânica e africana na UFU estaria relacionada às semelhanças culturais e de desenvolvimento sócio-econômico dessas regiões com o Brasil? Ou seria o tipo de acordo firmado?
- O que justifica o relativo sucesso dos cursos de Engenharia, Arquitetura e Urbanismo e Agronomia na internacionalização? É possível replicar esse sucesso nos demais cursos?
- Seriam as Engenharias cursos de excelência? Não teriam as outras áreas cursos de excelência? Seriam os acordos das engenharias melhores? Por que as engenharias atraem tantos estudantes? Seria o pioneirismo da FEMEC na internacionalização da UFU e a consequente tradição com os acordos de longa data os únicos responsáveis pela atratividade dessa faculdade? Ou haveria outros motivos, como o financiamento e a propaganda?
- Os *campi* Santa Mônica e Umuarama concentram a maior parte dos alunos e dos cursos da UFU, inclusive aqueles mais procurados pelos estudantes internacionais. Mas por que durante muitos anos nenhum estudante internacional foi para outra cidade? E o que mudou, considerando que atualmente tivemos dois estudantes internacionais em outras cidades, pela primeira vez?
- Em 2007, quase nenhum estudante internacional veio para a UFU. Entre 2009 e 2015, todos os anos tiveram mais de 35 estudantes internacionais

ingressantes. Entre 2016 e 2018, o número de novos estudantes internacionais da UFU se manteve estável e em torno de 32 por ano. Em 2019, mesmo em meio a todos os problemas políticos externos, a UFU voltou a atrair mais de 35 estudantes internacionais. Quais seriam as causas dessas mudanças? Esse aumento é pontual ou sinalizaria uma tendência? Será que políticas nacionais, como o antigo Ciências sem Fronteiras, são mais determinantes para fomentar a mobilidade internacional do que as políticas e práticas locais?

- Entre 2016 e 2019 o número de estudantes internacionais deixando a UFU foi em média 44 ao ano, enquanto o número de novos estudantes internacionais foi 33,5 ao ano. Por quê? Como as políticas internacionais, nacionais e locais influenciaram esse decréscimo?
- A UFU enviou para outros países aproximadamente 4 vezes mais estudantes do que recebeu. O que explicaria isso? O que poderíamos fazer para melhorar a atratividade de nossa universidade?
- Em 2019, a UFU enviou, aproximadamente, 5 vezes menos estudantes ao exterior que em 2014. Por quê? Em 2016 o número de estudantes UFU em mobilidade internacional caiu drasticamente, inclusive em ordem numérica. Ainda, a partir de 2016, o número continuou a cair de maneira menos drástica, porém contínua. Os cortes de recursos por si só explicam a situação? Como o fim do Ciências sem Fronteiras pode ter impactado o cenário de mobilidade na UFU?
- Por que o curso de Administração recebe menos estudantes internacionais do que o curso de Agronomia, mas consegue enviar mais estudantes ao exterior?
- A França está no topo da lista de países que mais recebem estudantes da UFU. Isso se explica em grande parte pelo BRAFITEC. Em seguida vem Portugal, muito em função da proximidade cultural e linguística. O pódio se completa com os EUA. Por quê?
- Por que a UFU envia tantos estudantes para a Europa, mas recebe mais estudantes da África e América hispânica?
- A China teve o dobro de acordos que o Uruguai no período analisado. Todavia, o Uruguai enviou 4 vezes mais estudantes internacionais para a

UFU do que a China. Existem mais exemplos de situações parecidas, ou seja, nem sempre o país com mais acordos tem mais alunos *incoming* e/ou *outgoing*. Por quê?

Esses questionamentos foram levantados durante os encontros para apresentação dos dados aos membros do ProInt e são ilustrativos do tipo de problematização de discentes engajados em práticas de internacionalização da UFU. Outros questionamentos podem ser levantados por *stakeholders* que enxergarem os dados por outros vieses e ainda por aqueles que são *outsiders* ao processo de internacionalização da UFU.

Nesse sentido, o mesmo exercício pode ser feito com os dados oriundos das respostas dos(as) entrevistados(as), de modo que foi possível listar os seguintes pontos de problematização:

- Na visão de alguns entrevistados(as), a internacionalização é um processo amplo de transformação da instituição como um todo, ao passo que, para outros, trata-se de iniciativas avançadas isoladamente pelas unidades acadêmicas. Considerando isso, seria possível alcançar um posicionamento menos díspar e mais linear entre os diversos *stakeholders* envolvidos neste processo?
- Quais medidas poderiam ser realizadas para que a falta de incentivo governamental e de financiamento não sejam entraves para a internacionalização ser considerada como prioridade?
- Como atribuir maior destaque e preferência em termos de internacionalização às áreas de serviços e de extensão?
- Diante das dificuldades orçamentárias e estruturais apontadas pelos(as) entrevistados(as) como sendo os maiores obstáculos para que as metas do PIDE sejam atingidas, quais alternativas poderiam ser buscadas para mitigar esses problemas?
- A criação de um banco de dados robusto e abrangente seria a única solução possível para resolver a questão do desalinhamento no acesso a informações da internacionalização por diferentes órgãos?
- Como tornar bem-sucedidas um maior número de ações de internacionalização sem necessariamente dispor de elevados recursos financeiros ou vasto período acumulado de experiência?

- O que poderia ser feito para minimizar ou solucionar os casos de assimetria nos acordos firmados, nos quais somente uma das partes é beneficiada em detrimento da outra?
- Algumas das ações previstas para o futuro, como a oferta de disciplinas em línguas estrangeiras e a realização dos cursos de inverno, seriam suficientes para sanar uma das principais resistências à internacionalização apontadas pelos *stakeholders*: o idioma?
- Como trazer maior organização, institucionalização e sistematização no monitoramento das mobilidades na área de graduação coordenada pela DRI?
- Quais medidas poderiam ser adotadas para diminuir a concentração das mobilidades nos cursos de Engenharia e promover um acesso de oportunidades mais amplo, difuso e diversificado às demais áreas?
- De que forma a UFU poderia contribuir para minimizar as mobilidades internacionais que por vezes são escolhidas mais pelo comodismo com relação à familiaridade linguística e sociocultural e menos pelas oportunidades de aprendizado na área de estudo do aluno?

Ressaltamos, novamente, que essas são apenas algumas das problematizações possíveis já que os dados coletados são diversos e abundantes. Algumas opiniões e preocupações seguiram um padrão de semelhança enquanto outras foram bem específicas do lugar de atuação do(a) *stakeholder* entrevistado(a).

As problematizações postas nos parágrafos precedentes apresentam uma resposta possível a uma de nossas perguntas norteadoras: “Que questões devem ser problematizadas no contexto da internacionalização da UFU até o ano de 2019 - com foco especial para a última década?”. Isso posto, é válido retomar as demais perguntas norteadoras que orientaram os esforços da presente pesquisa, sendo elas: a) Quais são os dados quantitativos que ilustram o processo de internacionalização da UFU nos últimos anos?; b) Como diferentes *stakeholders* desse processo atualmente - reitor, pró-reitores, diretor, corpo de técnicos da DRI, responsáveis pelos diferentes comitês - percebem o processo de internacionalização da instituição?; c) O que podemos aprender com as informações socializadas por esses *stakeholders*?

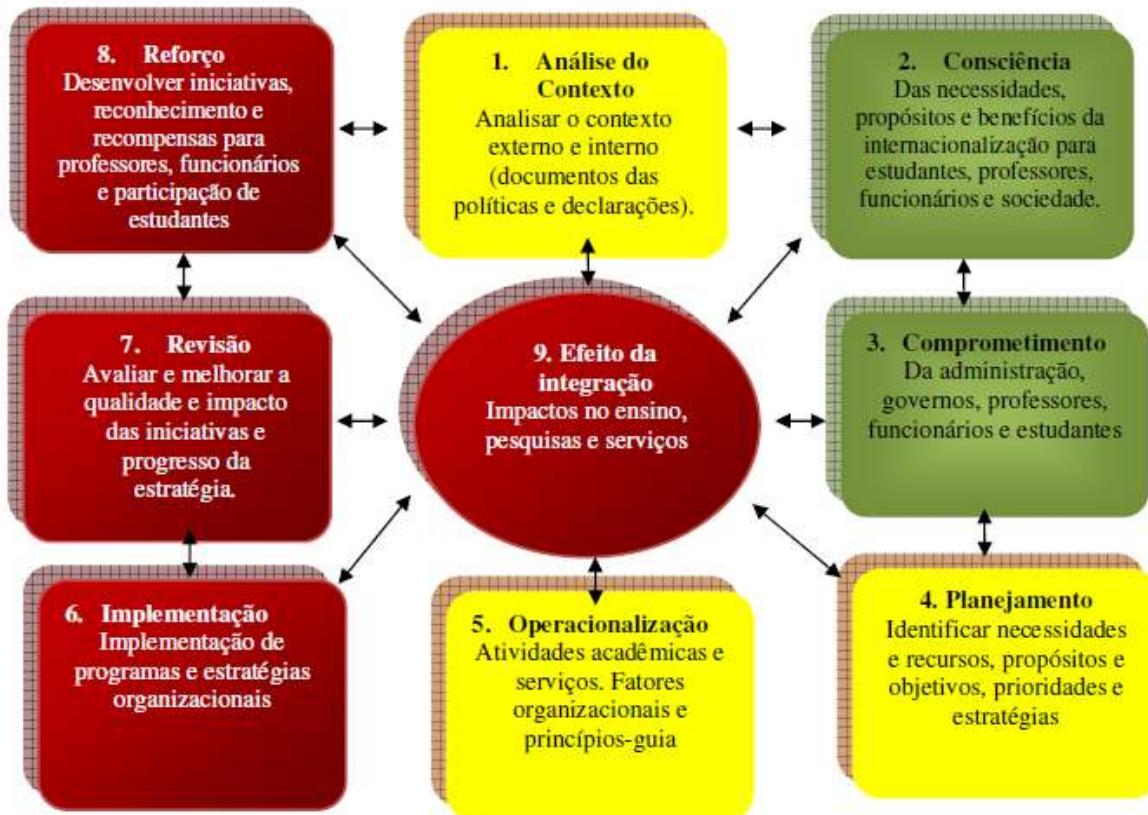
Considerando os dados quantitativos da internacionalização da UFU nos últimos anos, nota-se que eles nos revelam um crescente aumento (ainda que haja algumas oscilações em anos específicos) no número das mobilidades internacionais, tanto por parte dos estudantes *incoming* quanto pelos *outgoing*, de modo que as ações de internacionalização avançadas pelos comitês envolvidos também tiveram um ganho de volume e importância.

Em se tratando da maneira como os diversos *stakeholders* percebem a internacionalização da universidade, podemos afirmar que, de modo geral, trata-se de um processo de grande relevância para a visibilidade da instituição, bem como para a formação da comunidade docente, discentes e de técnicos, não deixando de ser desafiador pelos obstáculos financeiros, estruturais, de recursos humanos e de ampla adesão enfrentados ao longo do percurso.

Diante das informações apresentadas pelos *stakeholders* nas entrevistas, é possível tirar alguns aprendizados importantes, como a necessidade de aprimorar o alinhamento entre os diversos órgãos relacionados à internacionalização, no que diz respeito, sobretudo, ao acesso amplo às informações. Aprendemos, ainda, que as vozes desses *stakeholders* não são uníssonas, mas convergem para uma visão similar acerca do processo de internacionalização da UFU.

Ao final de todo o processo, ao retomarmos as análises dos resultados de Batista (2019), atentamos para a Figura 10 de seu texto de pesquisa, na qual a autora ilustra a fragilidade no processo de internacionalização, segundo o modelo de Knight (1994). A cor verde indica que os fatores consciência e comprometimento podem ser classificados como em bom estágio de desenvolvimento. A cor amarela aponta para alguns fatores em que o processo de internacionalização da UFU estava em desenvolvimento, a saber: análise do contexto (políticas formais de internacionalização); planejamento (prioridades e recursos) e operacionalização de atividades acadêmicas e prestação de serviços. A cor vermelha mostra os pontos de alta fragilidade do processo de internacionalização da UFU, dentre eles: implementação (estratégias organizacionais); revisão (impactos do processo, qualidade); reforço (reconhecimento e recompensas); efeito de integração (impactos no ensino, pesquisa e serviços). Apresentamos a figura tal como foi publicada na dissertação de Batista (2009) a seguir:

Figura 3: Status da internacionalização na UFU



Fonte: Batista (2009)

Em geral, a pesquisadora chama a atenção para o fato de que há uma tendência de que a internacionalização seja “vista como um fim em si mesmo, ou seja, não há uma intenção planejada de integração da dimensão internacional nas atividades primordiais da universidade” (BATISTA, 2009, p. 196). Será que isso mudou após uma década? Será que a UFU já planeja a integração da dimensão internacional nas atividades universitárias? Acreditamos que sim, especialmente embasado nas metas de internacionalização do PIDE e na publicação do Plano de Internacionalização - Plnt, como pontuamos na introdução deste relatório. Na seção introdutória, também relatamos a formação de diferentes comitês com representantes de diversas áreas do saber, que permite descentralização e abrangência para as diferentes atividades primordiais da universidade.

Em relação à comparação entre o status do processo de internacionalização da UFU apresentada na Figura anterior e o status atual, faz-se necessário detalhar cada um dos fatores, apresentando nossas considerações referendadas pelos dados quantitativos e qualitativos:

- 1) Análise do contexto: Considerando o contexto externo, percebemos que isso se mantém nos dois períodos de análise: a pressão para a internacionalização advinda da globalização e a crescente importância atribuída a esse processo em documentos nacionais e internacionais. Já o contexto interno, especialmente as instâncias da própria universidade responsáveis pelo planejamento das políticas de internacionalização e alocação dos recursos para os programas (Reitoria, Pró-Reitoria e DRI), mostra-se mais positivo. Há documentos publicados que norteiam o processo de internacionalização, o que é um indicador positivo para esse fator. Além disso, há uma ampliação na participação de docentes e discentes nas políticas e práticas institucionais, o que colabora para uma análise mais abrangente do contexto.
- 2) Consciência: Mesmo com as limitações orçamentárias, entendemos que ainda há uma forte consciência e uma intensa preocupação com as razões e benefícios da internacionalização para corpo docente, discente e técnico. Essa conscientização dos diferentes *stakeholders* demonstra uma cultura que encoraja a internacionalização, tanto para as comunidades interna e internacional, como para a comunidade externa.
- 3) Comprometimento: Reforçamos a existência dos documentos e das propostas de comitês, apresentados anteriormente, como um indício claro de comprometimento institucional para contribuição ao processo de internacionalização.
- 4) Planejamento: Diferentemente do contexto anterior, a análise atual aponta para o planejamento como um fator positivo, já que as instâncias responsáveis, os comitês e o ProInt identificam necessidades e recursos, propósitos e objetivos, prioridades e estratégias de maneira cílica e reflexiva para permitir, ainda, o replanejamento.
- 5) Operacionalização: A parte operacional da internacionalização da UFU já não está mais centralizada no escritório da DRI; ações integradas com a PROPP, PROGRAD, PROEX, comitês e ProInt já se constituem parte do processo de internacionalização. As metas do PIDE já estão sendo buscadas e o Plnt já está sendo aplicado. Contudo, acreditamos que essa fase ainda está em desenvolvimento pelo enfrentamento de recursos financeiros

escassos e pela falta de um acompanhamento mais articulado da operacionalização.

- 6) Implementação: O ponto crítico no fator de implementação continua sendo a falta de apoio financeiro adequado e um sistema de alocação de recursos específicos que apoie prontamente esse processo, o que coloca esse fator como em desenvolvimento. Um dos pontos de melhoria em relação ao contexto anterior é que as estratégias organizacionais já estão definidas pelo reconhecimento da dimensão internacional nos documentos formalizados na universidade.
- 7) Revisão: Há iniciativas formais no sentido de avaliar a qualidade e os impactos da internacionalização e as estratégias adotadas, tanto nas revisões do PIDE, como em reuniões de comitês e gerais durante o evento INTERUFU. Contudo, defendemos que o fator revisão ainda está em desenvolvimento pela falta de um sistema robusto de informações que congregue todos os dados referentes à internacionalização da universidade.
- 8) Reforço: Esse fator se mantém uma fragilidade do processo de internacionalização da UFU. Não há nenhuma iniciativa que promova sistematicamente o reconhecimento ou destinação de recompensas (apoio financeiro) para corpo docente, técnico ou discente que se disponham a divulgar o nome da universidade internacionalmente. Contudo, podemos apontar para ações isoladas como a do CAPES-Print e de acordos propiciados pelo IsF (especificamente, por meio do acordo denominado Letras sem Fronteiras).
- 9) Efeito de integração: A falta de um sistema robusto e integrado de informações sobre todos os dados da internacionalização da UFU, apontado anteriormente, é um dos motivos pelos quais o fator efeito de integração seja uma das fragilidades desse processo. As etapas desses processos – colocar a política de internacionalização do ensino em prática; desenvolver o quadro de professores para se adaptar ao ensino intercultural e mudar as práticas de ensino e aprendizagem; elaborar uma estrutura para a mudança do currículo; oferecer apoio aos estudantes – ainda precisam ser melhor articuladas. Há algum avanço especialmente de oferecimento de apoio aos

estudantes, tanto financeiro a partir de articulações com a PROAE, como de acolhimento, com as ações do ProInt.

Para ilustrar as considerações apresentadas nos parágrafos precedentes, a figura a seguir mostra em verde os fatores positivos, em amarelo os fatores em desenvolvimento e em vermelho as fragilidades percebidas.

Imagen 4: Internacionalização da UFU entre 2007 e 2019 segundo o modelo de Knight (1994)



Fonte: Os autores (2020)

Reconhecemos algumas limitações desta pesquisa, dentre elas, acreditamos que seria importante ampliar o escopo dos(as) entrevistados(as) para incluir discentes e a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAE). Como encaminhamentos, compreendemos que as diversas problematizações levantadas na conclusão deste relatório poderão ser utilizadas para pesquisas em diferentes níveis, iniciação científica, mestrado ou doutorado, por aqueles(as) interessados no processo de internacionalização de nossa instituição.

7. REFERÊNCIAS

BATISTA, Janaína. **O processo de internacionalização das instituições de ensino superior:** um estudo de caso na Universidade Federal de Uberlândia. Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto. 2009.

BAXTER, P.; JACK, S. Qualitative Case Study Methodology: Study Design and Implementation for Novice Researchers. **The Qualitative Report**, v. 13 n. 4, p. 544-559. 2008.

CIENCIAS SEM FRONTEIRAS. **O programa.** 2020. Disponível em:
<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/o-programa>. Acesso em: 24 jun. 2020.

DOWNEY, H. K.; IRELAND R. D. Quantitative versus Qualitative: Environmental Assessment in Organizational Studies. **Administrative Science Quarterly**, v. 24, n. 4, p. 630-637, 1979.

DRI. **Estudantes UFU - (PFFPAL).** 2019. Disponível em:
<http://www.dri.ufu.br/servicos/estudantes-ufu-pffpal>. Acesso em: 24 jun. 2020.

DRI. **Programa Eiffel de Bolsas de Excelência (EIFFEL).** 2019. Disponível em:
<http://www.dri.ufu.br/servicos/programa-eiffel-de-bolsas-de-excelencia-eiffel>. Acesso em: 24 jun. 2020.

DRI. **Emerging Leaders in the Americas Program (ELAP).** 2019. Disponível em:
<http://www.dri.ufu.br/servicos/emerging-leaders-americas-program-elap>. Acesso em: 24 jun. 2020

DRI. **Programa de Bolsas Ibero-Americanas - Santander Universidades.** 2019. Disponível em: <http://www.dri.ufu.br/servicos/programa-de-bolsas-ibero-americanas-santander-universidades>. Acesso em: 24 jun. 2020

ÉTNICO-RACIAIS, Educação Para As Relações. **PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO ACADÉMICO ABDIAS NASCIMENTO.** 2020. Disponível em: <http://etnicoracial.mec.gov.br/programa-de-desenvolvimento-academico-abdias-nascimento>. Acesso em: 24 jun. 2020.

FURG. **Programa de Licenciaturas Internacionais – PLI.** 2020. Disponível em: <https://prograd.furg.br/mobilidade-academica?id=270>. Acesso em: 24 jun. 2020.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. In **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995.

KNIGHT, J. Internationalization: elements and checkpoints. **CBIE Research**, n. 7, p. 1-15, 1994. Canadian Bureau for International Education.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. In **Caderno de Pesquisas em Administração**. Vol. 1, n.3. São Paulo. 1996.

SELLTIZ, C. et alii. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EDPU, Universidade de São Paulo, 1974.

SILVA, E. LUCIA; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005.